CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

O OPRESSOR E SEUS CÚMPLICES: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS RACISTAS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS NEGROS

Elisamar Pereira Martins

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Drª Maria Cristina Giorgi

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Sampaio de Almeida

Rio de Janeiro,

Novembro de 2021

O OPRESSOR E SEUS CÚMPLICES: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS RACISTAS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS NEGROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Elisamar Pereira Martins

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Cristina Giorgi (CEFET/RJ) (Orientadora)

Prof. Dr. Fábio Sampaio de Almeida (CEFET/RJ) (Coorientador)

Dr. Eduardo Granja Coutinho (ECO/UFRJ)

Dr. Mario Luiz de Souza (CEFET/RJ)

SUPLENTE

Dr. Alexandre de Carvalho Castro (CEFET/RJ)

SUPLENTE

Dr. Bruno Rego Deusdará Rodrigues (UERJ)

Rio de Janeiro

Novembro de 2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

M386 Martins, Elisamar Pereira
O opressor e seus cúmplices: uma análise de discursos racistas de influenciadores digitais negros / Elisamar Pereira Martins – 2021.
120f : il. color. + anexos, enc.

Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.
Bibliografia : f. 115-120
Orientadora: Maria Cristina Giorgi
Coorientador: Fábio Sampaio de Almeida

1. Relações étnicorraciais. 2. Negros – Identidade racial. 3. Análise do discurso. 4. Racismo. I. Giorgi, Maria Cristina (Orient.). II. Almeida, Fábio Sampaio de (Co-orient.). III. Título.

CDD 305.8

Elaborada pelo bibliotecário Leandro Mota de Menezes – CRB/7 nº 5281

AGRADECIMENTOS

Não sei se consigo colocar em palavras a gratidão que tenho a todos que me ajudaram e me incentivaram nessa jornada. Mas vou tentar resumir os meus agradecimentos àqueles que me trouxeram até aqui. Até o momento em que pude desenvolver uma pesquisa de dissertação de mestrado. Por isso, antes de tudo quero agradecer ao meu pai, que eu queria que estivesse aqui, cujo todo o investimento de tempo e carinho para formar uma filha que o orgulhasse valeu a pena. Obrigada por tudo, meu pai, a falta que eu sinto do senhor dia a dia é também a força que eu busco para prosseguir.

Para não me estender entre as palavras e lágrimas, quero agradecer ao meu coorientador Fábio Sampaio por me apresentar o programa que impactou profundamente a minha vida, não tenho palavras para descrever o que você representa desde o primeiro e-mail trocado. Esse agradecimento se estende também à minha orientadora Maria Cristina Giorgi que me acolheu em sua turma e no seu hall de orientandos incríveis, com sua orientação peculiar você consegue extrair o melhor de nós mesmo. Como uma mãe de muitos você faz com que a gente se sinta pertencente a um grupo, a uma família.

O período em que eu fui ouvinte da aula do Fábio, Cristina e Alexandre me trouxe mais do que conhecimento, e é por isso que eu quero agradecer à Luisa, que abriu as portas da sua casa e do seu coração para que nossa jornada acadêmica fosse mais divertida, mesmo entre os surtos. Você é um arco-íris inteiro na minha vida e na de muitos.

Quero agradecer também à Roberta pelas trocas dentro e fora de sala de aula, além disso, agradeço por compartilhar comigo seu amigo, o mestre Caio Brasil, o mais iluminado, inteligente e carinhoso de todos, que sou realmente grata por ter conhecido, obrigada por todo o apoio acadêmico e emocional.

Não posso também esquecer de agradecer às minhas amigas queridas Carol e Anielle, por todas as resenhas e companheirismo que dividimos juntas. Sou grata também por duas pessoas fizeram muita diferença para que eu mantivesse a fé e a força de vontade para finalizar meu texto, obrigada Guilherme e Nathália.

Mais um agradecimento especial é para os queridos professores doutores que, de

forma tão querida, se disponibilizaram a participar da minha banca de defesa. Tenho certeza que suas considerações e conselhos, professores Mário e Eduardo, serão de grande ajuda para mais desdobramentos para meu tema de pesquisa.

Quero agradecer à queridíssima coordenadora do curso Talita por se desdobrar para fazer do nosso programa a melhor experiência possível para nossa vida e carreira, a você querida coordenadora, toda saúde e amor do mundo.

Para finalizar agradeço à Capes por viabilizar minha pesquisa, por viabilizar que jovens negros e brancos possam produzir pesquisa sobre temas que refletem vivência, diversidade e resistência.

RESUMO

O opressor e seus cúmplices: uma análise de discursos racistas de influenciadores digitais negros

Esta pesquisa pretende refletir acerca da criação de condições para cooptação por parte dos opressores, de modo a atualizar e perpetuar o racismo. Para tanto, nos valemos do do conceito de intelectual orgânico com base no pensamento de Gramsci (1989, 1999), para discutir sobre como a classe opressora forma agentes que são responsáveis por propagar suas ideologias entre os subalternos. A favor da classe opressora, vemos as organizações da sociedade civil serem desvirtuadas pelo capitalismo para contaminar o senso comum com valores comerciais. Por essa lógica, as plataformas digitais tornam-se meios estratégicos devido a sua agilidade e apelos psíquicos e emocionais (SODRÉ, 2014), que interpelam a subjetividade (SOUZA, 1983) dos grupos subalternos a partir de processos homogeneizantes. Por isso, colocamos no centro desta discussão a questão de influenciadores digitais negros que cultivam, em suas mentes e na mente daqueles que consomem suas produções audiovisuais, ideias que vão na contramão do que acreditamos ser práticas antirracistas, como o culto ao neoliberalismo e seus desdobramentos: meritocracia e empreendedorismo de si (DARDOT; LAVAL, 2016). Longe de combater essas ideias, esses intelectuais orgânicos a favor da burguesia atualizam no senso comum discursos que justificam o extermínio físico e social do indivíduo negro na sociedade (MBEMBE, 2018). Assim, a partir de uma análise discursiva dos vídeos hospedados no canal de YouTube de Fernando Holiday, identificamos enunciados e sentidos que nos permitem defender como a linguagem, mais que representar o mundo, é capaz de intervir na construção da realidade (ROCHA, 2006; 2014) a ponto de que negros se afiliem a ideias que desprezam as ações de políticas afirmativas e a sua importância na sociedade atual (GOMES 2017).

Palavras-chave: Intelectualidade negra; Influenciadores negros; Resistência; Comunicação hegemônica.

ABSTRACT

The oppressor and his accomplices: an analysis of racist discourses by black digital influencers

This research intends to reflect on the creation of conditions for cooptation by the oppressors, in order to update and perpetuate racism. To do so, we used the concept of organic intellectual based on Gramsci's (1989, 1999) thinking to discuss how the oppressive class forms agents who are responsible for propagating their ideologies among subordinates. In favor of the oppressive class, we see civil society organizations being perverted by capitalism to contaminate common sense with commercial values. By this logic, digital platforms become strategic means due to their agility and psychic and emotional appeals (SODRÉ, 2014), which challenge the subjectivity (SOUZA, 1983) of subaltern groups through homogenizing processes. Therefore, we place at the center of this discussion the issue of black digital influencers who cultivate, in their minds and in the minds of those who consume their audiovisual productions, ideas that go against what we believe to be anti-racist practices, such as the cult of neoliberalism and its consequences: meritocracy and self-entrepreneurship (DARDOT; LAVAL, 2016). Far from fighting these ideas, these organic intellectuals in favor of the bourgeoisie update common sense discourses that justify the physical and social extermination of the black individual in society (MBEMBE, 2018). Thus, from a discursive analysis of the videos hosted on Fernando Holiday's YouTube channel, we identify statements and meanings that allow us to defend how language, more than representing the world, is able to intervene in the construction of reality (ROCHA, 2006; 2014) to the point that blacks join ideas that despise affirmative policy actions and their importance in today's society (GOMES 2017).

Keywords: Black intellectuality; Black influencers; Resistance; Hegemonic communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Inflação acumulada (1991-2000) 25
Figura 2: Taxa de desocupação anual 25
Figura 3: Sérgio Camargo no Twitter. 75
Figura 4: Fernando Holiday no Facebook. 77
Figura 5: Canal de Youtube Fernando Holiday 82
Figura 6: Canal de Youtube Fernando Holiday. 83
Figura 7: Canal de Youtube Fernando Holiday. 83
Figura 8: AS VÍTIMAS DE LUMENA DENTRO E FORA DO BBB 84
Figura 9: A MILITÂNCIA DE LUMENA É RACISTA 84
Figura 10: A LOUCURA DE LUMENA PODE SALVAR O PAÍS 84
Figura 11: UM PERIGO CHAMADO GUILHERME BOULOS 85
Figura 12: OS BASTIDORES DA MINHA TRETA COM CIRO GOMES 85
Figura 13: POR QUE SOU CONTRA AS COTAS RACIAIS? 86
Figura 14: POR QUE SOU CONTRA COTAS RACIAIS? 86
Figura 15: COTAS RACIAIS NA VACINAÇÃO 87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Programas sociais por governos/presidentes (1995-2016) 28

SUMÁRIO

Apresentação 11

Introdução 13

1. Os Estados neoliberais 17

1.1 O levante mundial da direita e o fortalecimento do neoliberalismo 18

1.2 Collor, FHC e PT em: a corrida para a presidência 20

1.3 De PT a Bolsonaro: uns ganham, muitos perdem 27

1.4 Sociedade de controle: gerir, empreender e fazer por merecer 39

2. Mercado de direita para sujeitos sem direitos 50

2.1 Racismo à brasileira: uma epidemia de impacto estrutural e subjetivo 52

2.2 "Tornar-se negro": eis a questão 57

3. A narrativa do sistema opressor: cúmplices e antagonistas 64

3.1 O paralelo entre intelectuais orgânicos e intelectuais da burguesia 65

3.2 Análise discursiva entre formas e conteúdos 78

3.3 Percurso de Análise e Categorias Analíticas 81

3.4 O mundo aos olhos de Holiday 87

Considerações finais 111

Referências 115

Anexos 121

Anexo A – Transcrição do vídeo de Fernando Holiday - "A MILITÂNCIA DE LUMENA É RACISTA". 121

Anexo B – Transcrição do vídeo de Fernando Holiday - "POR QUE SOU CONTRA AS COTAS RACIAIS?". 124

Apresentação

Cresci amando me comunicar e consumir os chamados produtos midiáticos. A minha relação com esse consumo nunca foi só de telespectadora: me encantava, e ainda me encanta como a briga da novela se tornava o assunto do jantar, o tema da ligação entre amigas ou o papo no portão de casa com vizinhos. Crescendo nessa transição do mundo analógico para o digital, percebi como é a comunicação – ou a falta dela – que molda o mundo. Já ouviu alguém falar que uma conversa mudou totalmente o dia de uma pessoa? Já notou como alguém pode se encher de esperança vendo uma propaganda motivacional? Como uma cena de novela provoca o choro ou o riso?

Foi por essas e outras percepções que me entendi como uma entusiasta da comunicação, do diálogo e das trocas verbais e não verbais e, por isso, encontrei na Comunicação Social um caminho para aprender mais sobre os encantos da linguagem e um espaço com maior abertura para que eu transmitisse minhas ideias no mundo também. Contudo, durante os quatro anos de graduação de publicidade percebi como que entre a gama de *insights* e novas ferramentas tecnológicas, estudos e matérias sobre o futuro das imagens, vendas e consumo, existia uma falta que me incomodava; a falta de pessoas que me representassem.

Dos oito semestres que cursei, tive, ao todo, dois professores negros, em diversas referências de imagens de campanhas que os professores nos apresentavam, poucas delas tinham negros e negras como protagonistas, tampouco líamos obras de autores negros, mesmo descobrindo depois muitos autores, cineastas, artistas contemporâneos que poderiam agregar na grade acadêmica de publicidade. Não tive essa percepção de imediato, hoje, até acredito que tenha demorado um pouco para “cair a ficha” de que existia uma Naomi Campbell na revista Vogue, uma Taís Araújo nas novelas das oito, uma chiquitita negra na novela, ou uma Abelha nos quadrinhos dos Titãs.

Foi neste contexto que percebi como a questão racial atravessa todos os espaços e de que modo, no contexto da minha graduação, se tornou mais alarmante o reconheci-

mento desse racismo imbricado a um curso que forma profissionais responsáveis por mediar os códigos culturais em produtos e mensagens, agenciando uma nova geração de comunicadores que podem perpetuar ou combater o racismo.

Assim, entendi que o quanto o racismo atravessa as diversas áreas dos cursos de formação superior, o que me motiva a tecer críticas ao campo da comunicação e seus desdobramentos como os modos de convencimentos ou silenciamentos. É por isso que decidi eu mesma ocupar esses espaços; assim, espero futuramente ser a professora negra para muitos alunos negros e brancos e espero continuar sendo a publicitária que apresenta novos olhares para os trabalhos de mídia e redes sociais. Para que este propósito de vida se mantenha coeso e consistente, entendo como além da minha presença física/fenotípica, desenvolver um discurso coerente é fundamental para a consistência dessa minha luta antirracista.

É por isso que ingressar em um programa de Mestrado de Relações Étnico-Raciais representa um marco nessa minha jornada profissional, por ser uma etapa que preciso para lecionar, trabalho que admiro tanto. A vivência como uma pesquisadora negra em um programa de Mestrado de Relações Étnico-Raciais, me mostrou também como a negritude pode ser plural: pluralidade de vivências, corpos e vertentes ideológicas, que não se restringe aos espaços acadêmicos, mas também pode ser vista nos mesmos espaços midiáticos que tanto atraíram a minha atenção.

Refiro-me principalmente àqueles produtores de conteúdos negros que, como eu, em algum momento almejaram ter suas vozes ouvidas e encontraram nas novas plataformas digitais modos de se comunicar para muitas pessoas. No caso do tema de pesquisa que abordo, trago como recorte o caso de Youtubers negros que atingem milhares de pessoas que passam a ter contato com discursos e ideias de negros forjados em uma sociedade estruturalmente racista. Desse modo, percebo como a afetação do racismo na identidade negra também é plural, portanto, levantar o questionamento de como alguns negros podem se aliar ao próprio sistema que os oprime é uma forma de repensar caminhos para fortalecer o comum humano, o diálogo, primeiro entre os oprimidos para que assim, unidos, possamos criar rupturas neste sistema opressor.

Introdução

Atualmente, o Brasil vive mais intensamente a experiência de expansão do neoliberalismo. A ideologia atua para além da política do Estado mínimo, e é definida por Dardot e Laval (2016) como um "conjunto de discursos, práticas, dispositivos, que determinam um novo governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência" (p. 17). Os autores acrescentam que "o neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida" (DARDOT; LAVAL, 2016: p. 16-17). Desse modo, a força do neoliberalismo se articula de diferentes modos nas instituições e esferas políticas, e na estrutura social como um todo, incidindo sobre as subjetividades, com o propósito de tornar as pessoas mais adaptáveis a esse sistema regido por um capitalismo globalizado que altera as noções de espaço e tempo, impactando as relações sociais.

A atuação desse discurso neoliberal se vincula à estrutura da sociedade brasileira que tem como herança mais de 300 anos de escravidão. Esse passado escravista está imbricado nas diversas estruturas sociais que permeiam as práticas discursivas e não discursivas que circulam cotidianamente e tendem a justificar as condições de vida que a população negra é submetida. Essa situação se agrava quando somada à crença do neoliberalismo, que prega sobre meritocracia, competitividade, individualidade, e outros modos de um empreendedorismo de si que desconsidera os resquícios do passado colonial escravocrata do país.

Essas ideias atingiram altos índices de aceitação entre brancos e, entre a própria população negra. Por essa razão, o foco dessa pesquisa é analisar como o discurso neoliberal e as estratégias de atualização do racismo afetam estrategicamente negros brasileiros, cooptando esses sujeitos como agentes de manutenção da estrutura de um sistema racista. Atualmente, esses enunciados têm como espaço de propagação os meios de comunicação, em especial as mídias sociais, que são meios difusores de ideias apoiadas por governos conservadores neoliberais. A interação que ocorre na Internet transforma a mediação – a rede de comunicação comum entre os homens – em midiatização. Para Sodré

(2014), a midiatização é o que transforma a comunicação interpessoal em processo informacional orientado pela lógica neoliberal e estratégica. Com isso, para novos e melhores efeitos, as narrativas são (re)construídas de forma cada vez mais qualificada, a fim de remodelar os costumes cotidianos através da naturalização de pontos de vista, ideologias e informações que esses meios são capazes de difundir.

Para dar conta de tal complexidade recorremos à teoria de Antonio Gramsci, autor marxista, também conhecido como um dos fundadores do Partido Comunista da Itália, que nos faz ver a existência de atores sociais com um potencial de impactar profundas transformações na sociedade, esses agentes seriam os intelectuais orgânicos. A visão de intelectual orgânico que Gramsci estabelece se distingue de uma intelectualidade tradicional, para um trabalho que, além de outras funções, possa promover críticas ao senso comum responsável por manter o sistema de opressão a classe subalterna, formando assim meios estratégicos que formem uma teoria com aplicabilidade social capaz de gerar "a construção de uma nova sociedade, de uma nova estrutura econômica, de uma nova organização política e também de uma nova orientação ideológica e cultural (GRUPPI, 1980: p. 34).

Os intelectuais orgânicos excedem as barreiras do tempo e do espaço, eles podem estar em várias esferas, desde pesquisadores, no meio acadêmico, até *influencers*, no meio digital, se valendo assim dos recursos disponíveis no seu tempo. No caso dos intelectuais orgânicos localizados na contemporaneidade, esses recursos seriam os meios de comunicação digitais que possibilitam a articulação de uma maior projeção de seus discursos, levando para mais pessoas a concepção de mundo da classe que eles defendem.

Convergimos as teorias gramscianas ao estudos étnico-raciais por acreditar que há, dentro da subalternidade negra, aqueles que já desempenham ações que vão contribuir para criar um projeto societário emancipador e aqueles que, ao contrário disso, tecem uma cumplicidade com a classe da qual não são oriundos, a classe dominante, a mesma responsável por definir e racializar as hierarquias de poder entre os grupos sociais.

Logo, em vista da exploração do tema, questionamos de que modo o racismo pode afetar a percepção dos negros sobre si mesmos de modo a levá-los a ser agentes de pro-

pagação desses discursos. É relevante, ainda, refletir como essas visões de mundo trabalhadas no âmbito sociocultural se transformam em consequências estruturais, uma vez que "a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa a influência humana" (FANON, 2008: p. 28).

Assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar novas articulações do racismo, potencializadas pela ascensão do discurso neoliberal e as novas estratégias dos meios de comunicação, que capturam os próprios dominados para dentro da execução de manobras em favor de um sistema regido dentro das regras e interesses mercadológicos, com discursos que vão no sentido oposto ao da luta de movimentos negros, que trabalham fundamentalmente para reivindicar ações políticas a favor da população negra nacional, para que as disparidades econômicas e sociais possam ser atenuadas.

Importante ressaltar também que este tema se vincula a pesquisas já produzidas no programa de Mestrado de Relações Étnico-Raciais, como o trabalho da mestra Roberta Calixto intitulado *SOU DALTÔNICO, NÃO VEJO CORES: Novas [velhas] estratégias de manutenção do racismo no Brasil neoliberal*, e que aborda o Brasil atual e as interseções entre o discurso neoliberal e as estratégias de manutenção dos discursos que visam perpetuar a lógica racista no país.

Para dar conta de tais questionamentos, organizamos esta dissertação da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresentamos um panorama sobre o fortalecimento e expansão do neoliberalismo – ideologia política e econômica que tem ganhado notoriedade no meio social em contextos *on-line* e *off-line*. Posteriormente, trazemos nossa atenção às formas pelas quais ele vem incidindo na história política e social do Brasil, para entender como essa ideologia se vincula aos discursos racistas presentes na sociedade brasileira, causando novas implicações nas relações socioculturais.

No segundo capítulo, dedicamo-nos a colocar em pauta o racismo brasileiro e suas reverberações. Nos propomos, então, a discutir como discursos neoliberais se fundem com discursos racistas com o objetivo de gerir comportamentos e os modos de agir em

sociedade, algo que impacta também a subjetividade dos sujeitos negros que são constantemente atravessados por ideologias carregadas de estereótipos, exclusões e invisibilidade social.

O terceiro capítulo destina-se à fundamentação metodológica e às análises dos discursos proferidos pelo influenciador e vereador Fernando Holiday, para refletir acerca da atuação do que entendemos ser um exemplo de intelectual negro produtor de conteúdos digitais que, ao criar materiais como postagens em redes sociais e vídeos, propaga sua ideologia e opiniões, que passam a intervir na realidade social e racial brasileira de diferentes modos.

1. Os Estados neoliberais

O neoliberalismo é a dança da morte. E as crises econômicas evidenciam o darwinismo social como seu fundamento ideológico. Para quem defende a vida, considero um dever moral combater pessoas que sustentam tais ideias.

- Silvio Almeida no *twitter*

Neste primeiro capítulo, pretendemos discorrer sobre o passado político, a narrativa entre partidos de direita e esquerda do espectro político e suas implicações sociais. Para tal, faremos um percurso mostrando diversas derrotas que partidos de esquerda, em específico o PT, sofreram para Collor e seu "neoliberalismo extremado", anos depois para Fernando Henrique Cardoso, até que, finalmente, a opinião pública considerou eleger um candidato que mesmo "truculento", como a mídia da época mostrava, estava determinado a governar para o povo brasileiro, não ignorando o fato de que existem muitos povos dentro dessa máxima que é o termo "povo brasileiro".

Assim foram os 13 anos de PT, oito anos de mandato de Lula mais cinco anos de Dilma, encurtados devido ao golpe de 2013. A partir da sua política conciliadora, o governo de Lula, e posteriormente de Dilma, promoveram ações que beneficiou a classe dominante brasileira, mas também oportunizaram ganhos também para outros grupos sociais como os negros e indígenas. Apesar dos problemas da gestão petista, que não precisam ser ignorados, está marcado na história e nas pesquisas, como mostraremos na Tabela 1, o quanto o Partido dos Trabalhadores impactou no avanço social dos mais diversos grupos sociais antes ignorados na história nacional.

Em uma realidade utópica, gostaríamos que governos assim fossem a regra e não a exceção. Mas na verdade, estamos submersos em um governo de direita e neoliberal desde a eleição de Bolsonaro de 2018. Por isso, nos inclinamos a concordar com a ideia de que essa ascensão e queda de partidos de direita na história mundial e nacional ocorrem devido ao aperfeiçoamento de ações de dominação que agem por meio da construção de um consenso, algo que denota uma cruel genialidade.

Em virtude disso, é fundamental para este capítulo nos aproximarmos da visão gramsciana sobre como as organizações da sociedade civil foram hegemonizadas pelo capitalismo para contaminar o senso comum com valores comerciais e assim exercer a sua supremacia.

> A supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como domínio e como direção intelectual e moral. Um grupo social é dominante dos grupos adversários que tende a liquidar ou a submeter também mediante a força armada; e é dirigente dos grupos afins ou aliados (GRAMSCI, 2002a: p. 62).

Desse modo, seguindo as ordens desse sistema, esses meios de comunicação com sua agilidade e apelo psíquicos e emocionais, comprometem a subjetividade desses indivíduos a partir de processos homogeneizantes.

> O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considerá-lo como o único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e a aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar sua ação, como se tal "crise" fosse a mesma para todos e como se a receita para afastá-la devesse ser geralmente a mesma. Mas a única crise que se deseja afastar é a crise financeira, não qualquer outra (...) (SANTOS, 1999, FOLHA).

O resultado? Uma avalanche de pessoas que perdem a sua referência social e se seduzem com as fórmulas mágicas para escapar da crise, gerando assim ainda mais crises, sejam elas políticas, econômicas ou mentais. Essas distrações somadas à interferência das organizações da sociedade civil, intervém profundamente na sociedade, como por exemplo, na decisão popular na escolha de nossos presidentes.

1.1 O levante mundial da direita e o fortalecimento do neoliberalismo

Nos últimos anos, partidos e intelectuais alinhados à direita do espectro político foram ganhando cada vez mais espaço na esfera pública, reestruturando partidos, e na esfera social, aumentando sua notoriedade nos meios midiáticos, meios que se estabeleceram na sociedade contemporânea como uma das formas mais diretas de se comunicar com as pessoas, por dinâmicas produzidas por fatores como instantaneidade, pluralidade de informação e pelo uso dos algoritmos[1]. Esse protagonismo e fortalecimento da direta

[1] "o uso de algoritmos implica cada vez mais na formação de 'bolhas' que restringem e personalizam os conteúdos direcionados a cada usuário, de modo que os discursos produzidos por um determinado grupo circulam apenas entre aqueles que concordam com as mensagens produzidas por ele" (CALIXTO, MARTINS, ROCHA, 2020: p. 177).

na sociedade acarretam implicações que atingem da esfera pública ao social, por isso, torna-se importante relembrar do que se trata essa ‘direita do espectro político’ de que tanto ouvimos falar.

Conforme Silva e Moraes (2019), na história, o surgimento do termo Direita ocorreu durante uma Assembleia Nacional, quando deputados se reuniram para traçar os rumos da Revolução Francesa, em 1789. A disposição dos deputados nas cadeiras da Assembleia se deu da seguinte forma:

> Os girondinos (moderados) se sentaram à direita na sala, enquanto os jacobinos (radicais) se sentaram à esquerda, e os oscilantes sentaram-se no centro. O que eles não imaginavam é que os lugares em que se sentaram naquela assembleia lançariam as bases para o vocabulário político diádico de direita e esquerda até os dias atuais (SILVA; MORAES, 2019: p. 169).

Os girondinos optaram por sentar à direita da cadeira do presidente do parlamento como forma de demonstrar apoio ao antigo regime. Essa ação foi uma forma de protestar também contra aqueles que estavam na Esquerda do parlamento, os jacobinos. Rodney P. Carlisle em sua obra *Encyclopedia of politics: the left and the right*, relata que:

> (...) revolucionários extremistas se reuniram no lado esquerdo da câmara. Esses eram defensores ardentes da democracia, igualdade, mudança social, anticlericalismo e exportação da própria revolução. Como que para evitar o contágio, seus oponentes mais radicais, que eram favoráveis à monarquia, à aristocracia, à estabilidade, à igreja e ao equilíbrio tradicional da pobreza, acabaram sentando do lado direito da câmara (CARLISLE, 2005: p. 693, tradução nossa).

“Ao longo daquele século e no século XXI, a esquerda se estendeu para incluir anarquistas e comunistas, enquanto a direita passou a abraçar fascistas e nazistas” (CARLISLE, 2005: p. 693, tradução nossa).

Hoje, os termos “política de esquerda” e “política de direita” circulam cotidianamente na imprensa e permeiam o senso comum da população, e essa casualidade do seu uso nos parece fazer com que os termos perderam seus sentidos ao longo do tempo. Contudo, estar alinhado à direita do espectro político ainda significa compactuar com uma vertente política que defende em suas bases a desigualdade social como consequência inevitável e natural da evolução humana e que se mobiliza para acompanhar essa evolução ‘progressista’ e excludente (SAES, 2001).

Mais um marco importante em relação à oposição histórica entre esquerda e direita, foi a crise de 2008 que, para Michael Löwy (2015), marca o levante da extrema-direita em boa parte do continente europeu. Uma direita abertamente racista, xenófoba, que odeia os imigrantes, ciganos e o Islã, é anticomunista, prega a necessidade de segurança, repressão e pena de morte e exalta uma classe trabalhadora branca nacional. Partidos que assumem o fascismo e neonazismo, outros semifascistas e alguns, que não têm origens fascistas, mas que se aproximam das ideias xenófobas, anti-imigrantes e islamofóbicas (LÖWY, 2015).

Para Löwy (2015), a nociva influência da extrema-direita ultrapassa seu eleitorado "suas ideias contaminam também a direita "clássica" e até parte da esquerda social neoliberal" (LOWY, 2015: p. 653). Isso porque, entre novas roupagens, a atual extrema-direita é mais diversificada com uma estrutura mutável e adaptável entre os períodos históricos, porém, não menos nociva por essa aparente "modernização" (LOWY, 2015: p. 656). O autor nos alerta que:

> Qualquer que seja a sua transformação e "modernização", a extrema-direita ainda representa uma ameaça real à democracia. Um dos argumentos usados para mostrar que ela mudou e não tem muito mais a ver com o fascismo é a aceitação da democracia parlamentar e da via eleitoral para chegar ao poder. Bom, podemos lembrar que certo Adolf Hitler chegou a chanceler alemão por voto legal no Reichstag e que o marechal Pétain foi eleito chefe de Estado pelo Parlamento francês (LOWY, 2015: p. 656).

Notamos que são muitos os caminhos que apontam para uma possível explicação para o crescimento da extrema-direita, mas, um dos mais pertinente, em nossa visão, é o seu vínculo com o neoliberalismo, ideologia[2] que prega sobre meritocracia, competitividade, individualidade, e outros modos de um empreendedorismo de si.

Na próxima seção, centraremos nossas atenções nos impactos dessas questões no contexto social brasileiro, fazendo assim um breve percurso na história política e social do nosso país.

1.2 Collor, FHC e PT em: a corrida para a presidência

A Ditadura civil-militar brasileira foi o emblemático período em que uma geração

[2] Explicaremos nosso entendimento acerca do conceito de ideologia na página 60.

de brasileiros vivenciou a tortura, violência extrema, mortes, exílios, censura dos meios de comunicação e da sociedade por completo, entre outras atrocidades protagonizadas pelas Forças Armadas do Brasil. O fim da ditadura, em 1985, ocorreu após a emergência das Diretas Já, manifestação em massa que ocorreu em vários pontos do país como forma de exigir eleições diretas, principalmente para presidente da república. Infelizmente, a maioria dos deputados e senadores ligados ao regime militar votaram contra o projeto Direitas Já. Por outro lado, esses senadores e deputados votaram a favor da nomeação de Tancredo Neves como presidente do Brasil em 1984 (BITTENCOURT, 2020: p. 28).

> A escolha do novo presidente da República foi delegada a um Colégio Eleitoral, formado no Congresso Nacional, que contava com ampla representação dos setores ligados ao regime. Eleito presidente, Tancredo Neves faleceu antes de tomar posse, abrindo caminho para a posse de seu vice, o também civil José Sarney, um colaborador direto da Ditadura. Para Oliveira (2002: p. 41-42), esse foi o primeiro golpe político contra a Nova República, haja vista que, pela Constituição vigente à época, a vacância do cargo deveria ter levado à convocação de novas eleições (MINTO, 2013: p. 250).

Finalmente em 1989, cinco anos após o fim da Ditadura civil-militar, o país passou a adotar as eleições de voto popular e Fernando Collor de Mello, do Partido Reconstrução Nacional, venceu no segundo turno contra o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (MINTO, 2013).

O bacharel em ciências econômicas Fernando Collor era "capaz de demonstrar fúria, cerrar punhos e dentes e bufar ofegante, ainda hoje (Collor) adota uma oratória agressiva e carregada, nos seus discursos na tribuna do senado, sem a menor dificuldade. Nem vergonha"[3]. Tudo para sustentar seu discurso contra a corrupção onde, ironicamente, no seu mandato ele foi acusado de envolvimento com desvio de dinheiro público no conhecido caso PC Farias, entre outras acusações.

O "Plano Collor", criado em sua gestão era, segundo Maciel (2011), baseado em um "neoliberalismo extremado". Foi o projeto econômico movido pela premissa do combate à inflação, promoveu medidas como: a venda de várias empresas estatais, a desarticulação de sindicatos, além do emblemático confisco de poupanças (MACIEL, 2011). Durante a implementação das propostas do plano econômico de Collor, alguns setores

[3] Disponível em: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/01/fernando-collor-inicia-campanha-presidencia.html. Acesso em 19/01/2021.

como o capital bancário e o capital industrial – mesmo apoiando a política de austeridade, com a redução do Estado brasileiro, reduzindo direitos sociais e o funcionalismo público –, "tinham uma postura reticente ou mesmo hostil a estas propostas, seja porque perderiam espaço no mercado com a concorrência externa, seja porque tinham forte dependência do setor produtivo estatal" (MACIEL, 2011: p. 101).

Como parte das estratégias, o Plano Collor I também "determinou o confisco dos ativos de contas correntes e aplicações financeiras, limitando os saques a Cr$ 50.000,00 e Cr$ 25.000,00 respectivamente". A ideia era que o valor retido pelo Banco Central seria devolvido depois de uma carência de 18 meses em 12 parcelas mensais. Mais de 20 anos depois, os correntistas que entraram com ação na justiça teriam possibilidade de negociar com os bancos como reaver o valor confiscado[4]. A gestão de Collor foi um pouco mais além do confisco da poupança,

> Na verdade, o Plano Collor I anunciou a aurora da era neoliberal, que tinha o combate à inflação apenas como aspecto inicial de um ambicioso processo de redefinição do padrão de acumulação capitalista e de ofensiva contra os direitos sociais e trabalhistas (MACIEL, 2011: p. 102).

Além da privatização de 18 empresas estatais (FILGUEIRAS, 2000: p. 114), o governo de Collor foi responsável por um quadro econômico recessivo e teve como um marco negativo o "cenário de crescimento do desemprego e de rebaixamento da renda salarial, a taxa de crescimento do PIB foi negativa em 1990, atingindo o elevado índice de -4,4%" (BOITO JR., 2005: p. 160 apud MACIEL, 2011: p.102).

O fim prematuro do Governo de Collor foi ocasionado por um somatório de fatores. Entre as polêmicas de corrupção, na entrevista de seu irmão à revista Veja, "Pedro Collor conta tudo"[5], Fernando Collor foi acusado de envolvimento em uma sociedade com o empresário PC Farias, em que PC fazia mais que suas funções de tesoureiro na campanha eleitoral do presidente, ele era o "testa de ferro" de Collor, responsável por fazer transações sem revelar a identidade do contratante.

> Em resumo, foram descobertos recursos recolhidos ilegalmente para reforma da "Casa da Dinda" (morada do ex-presidente em Brasília) e para a compra de

[4] Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/11/bancos-devolverao-perdas-de-planos-economicos-das-decadas-de-80-e-90.html.

[5] Disponível em: https://www.migalhas.com.br/quentes/302364/condenacao-de-pc-farias-por-esquema-de-corrupcao-completa-25-anos. Acesso em 19/01/2021.

> um Fiat Elba, dentre outras denúncias. O principal denunciante das irregularidades na gestão Collor foi seu irmão, Paulo Collor de Mello (GALHERA, 2011: p. 7).

Em junho de 1992 o Congresso abriu uma CPI, Comissão Parlamentar de Inquérito, para investigar esses e outros escândalos envolvendo o nome de Collor. Essas revelações ajudaram a fomentar ainda mais a queda da popularidade do presidente. Conforme Sallum e Casarões (2011),

> Partindo de uma expectativa partilhada por 71% da população de que faria um governo ótimo ou bom, o prestígio popular do presidente cai drasticamente: três meses depois só 36% o consideravam um governo ótimo ou bom depois de um ano, este percentual caiu a 24% e, ao final de dois anos, seis meses antes de a Câmara dos Deputados autorizar o processo de impeachment, apenas 15% mantinham esta avaliação positiva (p. 176-177).

Frente a esses acontecimentos, a imagem de Collor e de seu governo perdia cada vez mais prestígio entre os setores políticos e policlassistas, que culminou em manifestações públicas contra o então presidente. Insatisfeitos com sua gestão, milhares de jovens estudantes com seus rostos pintados de verde e amarelo se mobilizaram em protestos para pedir o impeachment de Collor. Essa mobilização social contou com o apoio de diversos partidos como PT e PMDB, impulsionando o movimento "Fora Collor".

> a união de partidos com tantas diferenças como PT, PSDB e PMDB em uma frente conjunta pró impeachment foi a "[...] expressão parlamentar de uma coalizão sociopolítica democratizante que incluía organizações de classe média, de classe operária e de pobres urbanos e vertebrou o eleitorado urbano e, em especial, das cidades maiores, em favor da democracia" (PIMENTEL, 2016: p. 83).

Se unindo ao movimento Fora Collor, Maciel (2011) contextualiza que,

> Mesmo setores da mídia que apoiaram a candidatura Collor vigorosamente em 1989, como a Rede Globo e a Revista Veja, agora se integravam à campanha reforçando a separação entre a defesa do impeachment e o questionamento da agenda neoliberal (Fonseca, 2005: p. 366-378) (MACIEL, 2011: p. 104).

As elites que antes eram contrárias e até temiam a candidatura de candidatos de esquerda, como Leonel Brizola (PDT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), reforçaram o conjunto de vozes pró impeachment de Collor. Para Pimentel (2016),

> [...] o movimento que levou ao impeachment de Collor não diz respeito somente à deposição de um presidente acusado de corrupção. Para o autor, esse movimento é explicado a partir da mobilização de frentes, tanto de movimentos

> sociais quanto partidárias para a superação final do Estado varguista – caracterizado pelo autoritarismo, pouca divisão do poder e falta de soluções negociadas – para que houvesse o estabelecimento definitivo de um Estado democrático (p. 83).

No mesmo ano dos protestos, em 1992, o Caçador de Marajás foi afastado do cargo depois que a Câmara dos Deputados aprovou o pedido de impeachment, sendo substituído por seu vice-presidente, Itamar Franco. Como destacamos, a breve passagem de Fernando Collor de Mello na Presidência da República deixou como marco na história política-econômica-social brasileira a influência neoliberal que, desde então, segue em constante crescimento nacionalmente e internacionalmente.

Em uma sociedade marcada pelo neoliberalismo, o Estado passa por uma reformulação de suas funções, ele passa a desempenhar a função de gerir as condições que conduzem a população a agir conforme os interesses do mercado. Neste sentido, o Estado é o primeiro a pôr em prática as lógicas fundamentais característica ao neoliberalismo, como por exemplo, os processos de reformas trabalhistas, administrativas, tributárias e sociais. Outra característica do neoliberalismo é a defesa da privatização dos serviços públicos, a partir disso, é o Estado que vai tratar das negociações para privatizar empresas de qualquer área referente ao setor público. Para esses defensores neoliberais, essas reformas representam o único caminho viável para o crescimento econômico e desenvolvimento social que beneficiaria a todos.

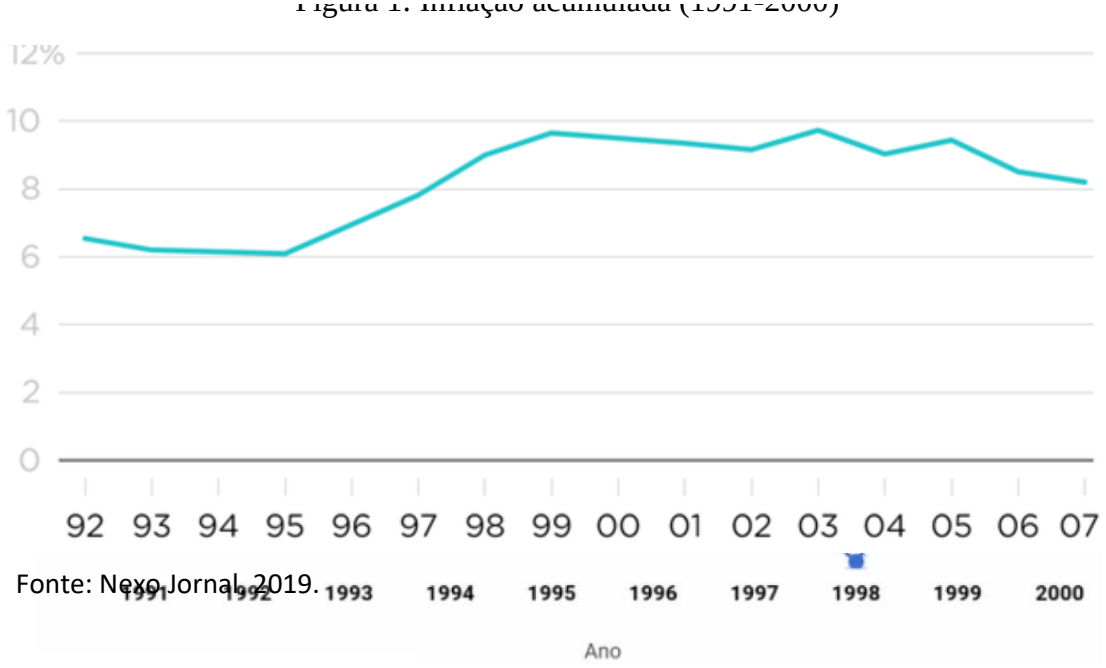
No Brasil, as primeiras experiências mais significativas do neoliberalismo foram implantadas no governo de Fernando Henrique Cardoso, eleito presidente no ano de 1994. O também conhecido como FHC colocou em prática o Plano Real, proposta desenvolvida por ele quando ainda era ministro da fazenda no governo de Itamar Franco em 1993, a qual pretendia a estabilidade da economia brasileira que estava em crise devido aos desmandos que ocorreram no período da Ditadura Militar (1964-1985). Entre as medidas adotadas pelo Plano Real tivemos: a criação da moeda Real em substituição ao Cruzeiro Real; a tomada de empréstimos do Banco Mundial e do FMI; redução de gastos estatais; privatização a preço baixo de várias empresas estatais e a facilitação para abertura de filiais de empresas internacionais do país.

Diferente do desempenho desastroso do plano Collor e o emblemático confisco das poupanças, citados anteriormente, o Plano Real acarretou resultados positivos para a

economia nacional e uma redução significativa da inflação. Contudo, entendendo que o bem-estar da economia não é reflexo do bem-estar social, a implementação do Plano Real acarretou também em um maior número de demissões dos trabalhadores de carteira assinada, fazendo com que as pessoas começassem a recorrer a empregos informais e sem garantias.

A redução dos gastos estatais, que citamos como uma das medidas adotadas pelo Plano Real, significou cortes para setores públicos como hospitais, universidades públicas, escolas, que tiveram suas verbas reduzidas. Profissionais que trabalhavam nessas áreas tiveram que lidar com atrasos salariais, que aqueceu greves por todo o país. Abaixo seguem dois gráficos que representam, consecutivamente, a diminuição do comportamento de preços em geral, nos anos que sucederam ao Plano Real (figura 1) e o aumento do índice de desemprego (figura. 2):

Figura 2: Taxa de desocupação anual



Fonte: Nexo Jornal, 2019.

Fonte: Politize, 2017.

Uma reportagem do jornal Folha de São Paulo[6] que circulou no país em 1 de março de 1994, reuniu algumas das críticas de políticos que, pelo menos em teoria, à época eram comprometidos com as referidas questões, principalmente dos trabalhadores como o PT

[6] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/3/01/caderno_especial/9.html. Acesso em 28/05/2021.

e o PDT. Antes mesmo de saberem dos resultados do Plano Real, políticos como Brizola já alertavam que o plano só visava o benefício das empresas. Para Brizola: "outra vez trata-se de soluções artificiais, simplesmente financeiras, que não atingem a essência do processo inflacionário" (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994). O governador do Rio na época complementou dizendo que: "É um plano para beneficiar as grandes empresas, as multinacionais e os bancos às custas da população trabalhadora" (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994).

O sindicalista mais emblemático da história da política brasileira, Luiz Inácio Lula da Silva, também deixou pública a sua insatisfação com os rumos econômicos do país, e previu greves e manifestações pela insatisfação popular das perdas salariais.

> Se não há clima para uma greve geral agora, haverá quando os trabalhadores perceberem que estão perdendo com o plano", disse Lula. Ele afirmou que o programa econômico" faz parte de um conjunto de medidas do FMI e dos credores internacionais com o objetivo de estabilizar a moeda. Só é honestamente impossível fazer um plano econômico em que os salários são controlados e os preços ficam livres (FOLHA DE S. PAULO, 1994).

O relato da passagem de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso é pertinente para o encaminhamento desta pesquisa pelos seguintes aspectos:

- Para fundamentar nossa percepção de que colocar a economia e os fatores mercadológicos em primeiro plano como fizeram os governos de Collor (1990-1992), FHC (1995-2003) e, atualmente de Bolsonaro (2019-), não representa o desenvolvimento de um país. Esses governos e governantes parcialmente ou declaradamente neoliberais, que se associam a estratégias que privilegiam à acumulação de capital e o bem-estar econômico, estão concordando com a possibilidade – e arriscamos dizer – a certeza de que estão trabalhando para uma maior concentração de riqueza e exclusão.

- Como segundo aspecto, acreditamos ser necessário trazer à memória em pesquisas atuais, fatos e acontecimentos que comprovam e embasam a opinião de que não existe governo que se sustente considerando as questões sociais e de desenvolvimento da população como algo à parte do plano de governo de um país. Ao redor do mundo, outros países que tiveram governos com tomadas de decisões de cunho

> neoliberal, como Inglaterra no governo Thatcher (1979 - 1990) e os Estados Unidos no governo de Reagan (1981 - 1989), resultaram em saldos positivos para a economia, mas promoveram também o aumento da exclusão e da miséria. E se ainda restar alguma dúvida, aqui no Brasil, como dissertamos, tivemos experiências semelhantes às dos países de 'Primeiro Mundo', o Plano Real de FHC foi sim bem sucedido em estabilizar a inflação e o real já perdura na história nacional por mais de 25 anos. Em um primeiro momento, o plano beneficiou também uma parcela da população pobre que puderam comprar produtos da linha branca (geladeira, fogão e outros) através de pagamentos em diversas prestações. Por oportunizar esse poder de aquisição para a população pobre, o governo FHC teve o apoio dos setores populares para a sua reeleição em 1998. Porém, durante o seu segundo mandato a pobreza voltou a crescer e os brasileiros pobres "passaram a não ter renda suficiente para comer, vestir-se e cuidar da saúde e da educação" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000).

1.3 De PT a Bolsonaro: uns ganham, muitos perdem

Como observamos em termos práticos, os governos que adotam e defendem linhas de gestão mais liberais, não fazem mais do que, no máximo, beneficiar a própria economia[7]. As consequências de suas práticas é a acentuação do abismo social e quedas drásticas da qualidade de vida daqueles que vivem de renda mínima ou sem renda e que também necessitam da assistência de serviços públicos, como o caso ocorrido na passagem da gestão de FHC como descrevemos anteriormente.

Em contraposição a essa ideia de modelo econômico e de gestão presidencial, queremos destacar um caso de governo que consideramos ser mais democrático, ou minimamente mais humanitário para todos os extratos da população. Mais do que isso, consideramos importante ressaltar também como um modelo de governo mais voltado ao social não é um sonho utópico e inalcançável, para isso, vamos recuperar uma figura que

[7] ECONOMIA. Ciência que estuda a atividade produtiva. Focaliza estritamente os problemas referentes ao uso mais eficiente de recursos materiais escassos para a produção de bens; estuda as variações e combinações na alocação dos fatores de produção (terra, capital, trabalho, tecnologia), na distribuição de renda, na oferta e procura e nos preços das mercadorias. Sua preocupação fundamental refere-se aos aspectos mensuráveis da atividade produtiva, recorrendo para isso aos conhecimentos matemáticos, estatísticos e econométricos (SANDRONI, 1999: p. 189).

estava presente desde a era Collor até a era FHC, já lutava pelos direitos dos trabalhadores, estamos falando do ex-operário e sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva.

Lula assumiu a presidência por duas vezes consecutivas, entre 2003 e 2010. Em um balanço geral dos oito anos de sua gestão do PT, podemos constatar que, quando Lula declara que: "Eu sei que vou passar para a história como presidente que mais fez inclusão social nesse país", sua alegação é verídica.

A fala que citamos foi retirada da primeira propaganda eleitoral veiculada pelo PT na televisão quando o ex-presidente pretendia o seu terceiro mandato presidencial em 2018. Isso ocorreu antes da decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)[8] que negou o registro da candidatura de Lula à Presidência da República. Se compararmos a atuação dos três últimos presidentes brasileiros desde a Ditadura Militar, o ex-presidente Lula desponta na liderança com um total de 11 programas sociais, sua sucessora petista Dilma Rousseff (2011-2016), entra na lista com oito programas sociais novos, além daqueles criados na gestão de Lula.

Tabela 1: Programas sociais por governos/presidentes (1995-2016)

Fernando Henrique Cardoso (1995 - 2003)	Presidente Lula (2003 - 2011)	Presidente Dilma Rousseff (2011-2016)
Luz no Campo	Bolsa atleta	Bolsa Verde
Bolsa escola	Água para todos	Brasil Carinhoso
Auxílio Gás	Bolsa Família	Luz Para Todos
Bolsa Alimentação	Programa Nacional de Acesso à Alimentação	Mais Médicos
PRONAF		Pronatec
Fies	Bolsa Estiagem	Sisu
	Programa Brasil Alfabetizado	Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais
	Minha casa minha vida	
	ProUni	
	ProJovem	
	Tarifa Social de Energia Elétrica	
	Brasil Sorridente	

Fonte: LOPES, 2018.

[8] Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que negou o registro da candidatura de Lula à Presidência da República.

Ao analisarmos a tabela, percebemos que os políticos orientados por uma política de esquerda, como Lula e Dilma, foram os presidentes com mais propostas e programas que englobam as pautas sociais. Sem pretensões partidárias, reforçamos o quanto parece-nos inviável discutir sobre um progresso nacional sem dar suporte para a faixa da população que não tem recursos para se manter apto para o desenvolvimento dessa "locomotiva". É isso que os projetos sociais fazem, eles são um suporte para que a população mais pobre possa ter poder de compra, e não estamos falando do poder de compra de bens e serviços, nos referimos a algo anterior, sobre o poder de compra minimamente da cesta básica, é sobre o poder de compra de uma refeição para conseguir trabalhar no dia seguinte, entre outras realidades que os pobres brasileiros enfrentam.

Ainda assim, com o passar dos anos o Partido dos Trabalhadores foi perdendo prestígio popular principalmente com o mandato de Dilma Rousseff. Na passagem do primeiro para o segundo governo Dilma, o Brasil passou a viver uma forte crise econômica, atingindo fortemente os setores populares. Nas manifestações em favor do impeachment de Dilma, houve a participação de parte dos populares que se beneficiaram das políticas dos governos do PT. Em uma matéria divulgada pelo portal de notícias UOL[9], é relatado que pobres moradores de favelas estavam extremamente insatisfeitos com os rumos do governo Dilma. Placa que antes era uma homenagem à ex-presidente foi arrancada como forma de protesto. Na matéria há também a fala de Marilene Silva Souza moradora do local vendedora de biscoitos e garrafa de água na estrada: "Colocamos a praça quando Dilma foi eleita, achando que ia valer de alguma coisa, mas não aconteceu absolutamente nada" (...). Estamos comendo restos. Se você quiser comer um pouco melhor, tem que pagar um absurdo".

O próprio nome da comunidade foi alterado de Dilma Rousseff para Comunidade Joaquim Barbosa. O homenageado da vez foi o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF)[10]. Alguns teóricos defendem que isso se explica devido ao fato de que a maior inserção de setores populares na sociedade brasileira no governo Lula e Dilma se deu pela

[9] Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2015/07/08/brasil-dilma-ganhou-impeachment-em-favela-enquanto-inflacao-atinge-mais-os-pobres.htm. Acesso em 15/12/2021.
[10] Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/rio/favela-dilma-rousseff-muda-de-nome-devido-crise-economica-16726226.html. Acesso em 15/12/2021.

criação de uma cidadania via consumo (TEIXEIRA; PINTO, 2012). Ou seja, com o aumento das condições mais favoráveis para o consumo dessas pessoas, deixando de lado a cidadania política. Com a crise econômica, muitas dessas pessoas perderam seu padrão de consumo e foram atraídas pelo discurso dos setores dominantes de que um governante que não fosse do PT traria a estabilidade econômica e a volta do consumo para os setores populares.

Para Emir Sader (2019), filósofo brasileiro, a insatisfação popular com o PT foi potencializada pela falta de comunicação entre a ex- presidenta e os setores mais populares, diferente do que Lula fazia.

> O Lula falava, o Lula argumentava, o Lula comentava, o Lula criticava, isso é fundamental. Foi um erro imaginar que a gente fazendo boas políticas sociais ganha a consciência das pessoas, porque entre as medidas e a consciência está a interferência dos meios de comunicação (SADER, 2019: p. 17).

Isso abre precedentes para que haja um esquecimento por parte da população da trajetória política de um partido em questão e até mesmo da memória geral da história política de um país, desse modo, que histórias, fatos e acontecimentos podem ser desarticulados e rearticulados nos discursos que compõem todo um imaginário político social.

> Vocês conhecem os argumentos, os argumentos não eram que sua vida melhorou porque mudou o governo e o governo dá prioridade às políticas sociais. Os argumentos eram "eu me esforcei", "Deus me ajudou", como se ele fosse preguiçoso nos anos 90 e como se Deus não estivesse de plantão nos anos 90. Em suma, se deixaram levar por esses argumentos (SADER, 2019: p.17-18).

Com isso, percebemos a importância de se trabalhar a política dentro da consciência e do imaginário da população também para que seus opositores não ganhem força ao longo do tempo através dessas distorções e articulações que comentamos. Sader (2019: p. 17) reconhece que não só o governo de Dilma, mas durante os 13 anos de toda a gestão do PT houveram problemas, erros e escândalos.

> "É evidente que os governos petistas estão sujeitos a inúmeras críticas. Escolha equivocada de ministros do STF, distanciamento das bases, ausência de reformas estruturais, crença na conciliação de classes. A lista é longa" (CARTA CAPITAL, 2019).

A insistência de comentar, relembrar e viralizar os "assombrosos" erros do PT, são possibilidades de os discursos negativos se sobressaiam ao legado à própria existência

do partido. O que começa com uma sugestão de autocrítica ao partido serve de munição para duras críticas ao partido e até mesmo a sua demonização (SADER, 2019: p. 23).

> O pânico do PT, o medo do retorno do PT, como se os governos do PT não tivessem dado certo. Os governos do PT tiveram problemas, especialmente no final, mas fundamentalmente foram governos que deram certo, sendo um dos mais importantes governos do Brasil, do ponto de vista social, do ponto de vista da retomada do crescimento econômico, da retomada dos bancos públicos e de expansão do ensino (SADER, 2019: p. 23).

Vimos a ascensão desse discurso contra o PT com ainda mais força na corrida eleitoral de 2018. O que se destacou nessa eleição foi o enfrentamento entre PT com o candidato Haddad, uma vez que o ex-presidente Lula foi impedido de concorrer, algo conveniente para seus opositores, e Jair Bolsonaro associado ao PSL.

Na frente de discursos de Bolsonaro e seus aliados, o que mais se ouvia era a luta contra a corrupção, busca por uma economia mais liberal, a luta contra a ideologia, – que é sempre do Outro –, e contra os ideais do PT e a "esquerdalha". No discurso da sua campanha ainda, além de se valer desse discurso de demonização do PT que Sader comenta (SADER, 2019: p. 23), Bolsonaro apelou para as questões morais de um conservadorismo nacional validado pelas igrejas evangélicas. Além disso, fez diversas promessas incabíveis em relação à questão da segurança pública, em que a solução proposta era armar o "cidadão de bem". Por esses e outros apelos, muitos eleitores investiram seu voto – e sua fé – em Bolsonaro e, assim, através de seu governo, o Brasil sofre com uma onda mais forte do neoliberalismo.

Diferente das vezes em que o Brasil flertou com o neoliberalismo, o cenário passado era um pouco mais otimista do que a realidade atual, mesmo que o governo de FHC tivesse se dedicado mais às questões econômicas do que sociais, tivemos no seu governo a criação de alguns projetos sociais – iniciativas que o PT seguiria posteriormente –, principalmente para conter os efeitos colaterais que acometeu à população mais pobre do país. Já o governo atual de Jair Messias Bolsonaro é descrito por alguns políticos como um governo sem programas sociais.

No dia 19 de julho de 2019, o portal jornalístico de notícias Gazeta do Povo[11] publicou uma matéria com a seguinte chamada, "Maia disse que governo Bolsonaro não tem projetos sociais. É isso mesmo?" Sim, é isso mesmo, – pelo menos em parte. "Embora a agenda social, de fato, não seja a prioridade deste começo de governo, mais marcado pelas políticas econômicas e de segurança, a gestão Bolsonaro tem ações sociais" (GAZETA DO POVO, 2019). Após seis meses de mandato de Jair Bolsonaro, época do questionamento levantado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), o governo de Bolsonaro lançou Abrace o Marajó, Criança Protegida, Maria da Penha vai à Escola, Viver - Envelhecimento Ativo e Saudável.

Os programas criados em governos antigos como Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies), criado em 1999, no governo FHC, o Bolsa Família[12] 2003 e o Programa Universidade para Todos (ProUni) 2005, do governo Lula, foram mantidos a duras penas. Programas como Minha Casa, Minha Vida, criado em 2009, também no governo Lula, devem passar por reformulações. O programa de habitação federal nasceu com o intuito de subsidiar o sonho da casa ou apartamento próprio para famílias de renda baixa, dando plenos direitos de aquisição ao morador. O que a reformulação do governo Bolsonaro pretende é conceder direito à moradia do imóvel, mas não se tornarão donos do imóvel.

Algumas políticas públicas ligadas à educação também passaram por "reformulações" no governo Bolsonaro logo no primeiro ano de seu governo.

> "O contingenciamento de 'gastos', uma das mudanças mais expressivas do governo Bolsonaro, foi ocasionado devido ao medo que o governo tinha de não alcançar a meta fiscal. Sendo assim, a solução proposta foi o congelamento das despesas não obrigatórias que se destinam a investimentos públicos e a pasta da educação foi a escolhida como solução para equilibrar a economia nacional, com uma previsão de um "déficit de até R$ 139 bilhões", conforme o Estadão" (MARTINS et al., 2020: p. 1279).

Algo a se destacar também é o modo como o ministro da educação da época, Abraham Weintraub, se referia às instituições de ensino público do país dizendo que estes

---

[11] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/republica/projetos-sociais-bolsonaro-quais-sao/. Acesso em 05/10/2021.

[12] "No caso do Bolsa Família, temos um programa que surgiu em 2003, na gestão Lula (2003-2010), a partir da reorganização de programas de transferência de renda que foram criados na gestão Fernando Henrique Cardoso (1994-2002)". Disponível em: https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2020/A-hist%C3%B3ria-do-Bolsa-Fam%C3%ADli. Acesso em 19/09/2021.

espaços de estudo e produção científica, “Têm a ver com politicagem, ideologização e balbúrdia”[13]. Neste contexto,

> os cortes foram de 30% do orçamento de gastos não obrigatórios e estendidos a todos os institutos federais de educação, atingindo a concessão de bolsas na pós-graduação e programas ligados à educação básica. No total, segundo o MEC, contingenciou-se, em 2019, R$ 5,8 bilhões do orçamento de áreas diversas da pasta (FOLHA, 2019 apud MARTINS et al., 2020: p. 1279).

Escolhemos destacar esse fato ocorrido no governo Bolsonaro e também a forma como seus ministros tratavam e tratam nossas instituições públicas, como uma crítica declarada a esses cortes e discursos por acreditarmos que, em contexto de crise, a educação deveria ser blindada de todo e qualquer dano. Infelizmente a realidade é outra. No artigo “A tríplice crise da universidade brasileira”, Dilvo I. Ristoff argumenta sobre essa persistência do Estado brasileiro em procurar resolver crises financeiras sempre recorrendo a cortes do investimento público nas instituições de ensino superior. Para o autor, a universidade brasileira é refém de três matadores silenciosos: a financeira, a do elitismo e a do modelo.

> O primeiro matador silencioso da educação é, portanto, a crise financeira a que este setor tem estado quase que permanentemente exposto, incapaz de planejar e condenado a espasmos administrativos que ora tratam um setor muito bem para em seguida abandoná-lo à sua própria por cinco ou dez anos” (RISTOFF, 1999: p. 10).

“Neste ambiente econômico fica claro que só um projeto político corajoso, que reveja as prioridades da nação poderá dar à educação e os programas sociais em geral a atenção que merece” (RISTOFF, 1999: p. 10). Diante disso, é difícil não pensar que determinados líderes de Estado que privilegiam a economia e questões comerciais e/ou negligenciam a população e suas lamúrias, governam somente para uma parcela da população, a elite. A questão que se coloca então não é uma gestão que visa o progresso, no caso de líderes conservadores vinculados aos ideais liberais e neoliberais, a ideia é manter o ciclo da riqueza para os ricos e o ciclo de pobreza para os pobres.

Importante dizer também que se engana quem pensa que a esquerda só tem propósitos humanitários lúdicos e benevolentes, com a promoção desses programas sociais e outras leis de públicas. A esquerda brasileira promoveu a inclusão social que colocou

[13] Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/educacao/abraham-weintraub-diz-que-universidades-federais-tem-cracolandia/. Acesso em 19/09/2021.

as pessoas mais pobres na rota de consumo, mostrando como esse crescimento conjunto beneficia a todos.

Em concordância a Dardot e Laval (2016), questionamos: como é que, apesar das consequências catastróficas a que nos conduziram as políticas neoliberais, essas políticas são cada vez mais ativas, a ponto de afundar os Estados e as sociedades em crises políticas e retrocessos sociais cada vez mais graves? Para além disso, os autores acrescentam: "Como é que, há trinta anos, essas mesmas políticas vêm se desenvolvendo e se aprofundando, sem encontrar resistências suficientemente substanciais para colocá-las em xeque?" (DARDOT; LAVAL, 2016: p. 15).

Essas perguntas pressupõem que, em algum grau, as pessoas teriam um poder de decisão ativo nessas mudanças, mas ao nos aproximarmos da perspectiva gramsciana (1989), percebemos como, dentro da sociedade civil, existem mecanismos que operam para gerar e consolidar uma hegemonia dominante. Por mais que Lênin tenha sido pioneiro nas formulações sobre hegemonia, é Gramsci quem desenvolve uma noção de hegemonia mais elaborada e focada nas complexidades das relações sociais. Como expõe Portelli (1977),

> o problema essencial para ele [Lênin] é a derrubada, pela violência, do aparelho de Estado: a sociedade política é o objetivo e, para atingi-lo, uma prévia hegemonia política é necessária: hegemonia política porque a sociedade política é mais importante, em suas preocupações estratégicas, do que a civil […] Gramsci, ao contrário, situa o terreno essencial da luta contra a classe dirigente na sociedade civil: o grupo que a controla é hegemônico e a conquista da sociedade política coroa essa hegemonia, estendendo-a ao conjunto do Estado (sociedade civil mais sociedade política). A hegemonia gramscista é a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política (p. 65).

A hegemonia, em Gramsci, representa uma relação orgânica entre estrutura e superestrutura (a hegemonia atua como elemento superestrutural), renegando a visão economicista, presente em alguns estudos marxistas, que reduzem a segunda a uma posição de subordinação e de atuar mecanicamente diante de uma modificação na primeira, Gramsci amplia essa análise marxista acerca do Estado e, ao desenvolver o conceito de hegemonia, o filósofo mostra que a dominação burguesa não é automática, ela é construída, em termos hegemônicos, através da ação dos intelectuais orgânicos da burguesia e dos "aparelhos" privados de hegemonia da burguesia na sociedade civil. Para Gramsci,

todo projeto hegemônico da burguesia está ligado ao projeto econômico dessa classe dominante (COUTINHO, 2011).

Organizações da sociedade civil que deveriam representar os interesses dos grupos sociais como mídia, igrejas, escolas, sindicatos, ONGs etc., atuam por conta própria defendendo os interesses de classes. Para Coutinho (1999) essa seria a gênese do Estado, manter a divisão da sociedade em classes.

> A gênese do Estado reside na divisão da sociedade em classes, razão por que ele só existe quando e enquanto existir essa divisão (que decorre, por sua vez, das relações sociais de produção); e a função do Estado é precisamente a de conservar e reproduzir tal divisão, garantindo assim que os interesses comuns de uma classe particular se imponham como o interesse geral da sociedade (COUTINHO, 1999: p. 123).

Como parte de um Estado ampliado, que é resultado do somatório da sociedade política e da sociedade civil, a sociedade civil também é utilizada pela classe dominante, como um instrumento que agencia a revolução passiva. Ou seja, um processo conservador em que as classes dominantes incorporam algumas reivindicações dos subalternos como forma de manter a aceitação diante dos grupos dominados e, principalmente, afastando-os como forças ativas do poder.

Desse modo, o papel dessas organizações que trabalham em favor da burguesia é o de promover o exercício da hegemonia entre os grupos que estão em situação de subordinação, de modos que estes adotem as visões de mundo dos dominantes sem que haja precedentes para uma consciência crítica de como essas visões afetam negativamente suas as suas realidades. Por exemplo, para instaurar o pensamento neoliberal de forma hegemônica, seus defensores discursam sobre seus benefícios e vantagens, e não que a sua prática privilegia uma pequena parcela em detrimento de desvantagens para a maioria.

Por essa razão, questionamos por que algum acontecimento histórico ocorre sem determinadas reações populares, como manifestações ou greves, no entanto, ao nos aprofundarmos nos conceitos discriminados por Gramsci (2002), enxergamos uma possível explicação de como existem articulações de força e poder que trabalham para que um conjunto de discursos e acontecimentos triunfaram sem reações negativas por parte da população de forma expressiva. A ausência de iniciativa popular pode ser entendida como resultado do bom funcionamento da hegemonia trabalhada pela classe dominante, ou pelo

funcionamento dessa revolução passiva. Inserido em um contexto da classe operária italiana do século XX, Gramsci argumenta:

> O conceito de revolução passiva me parece exato não apenas para a Itália, mas ainda para os outros países que modernizaram o Estado por meio de uma série de reformas ou de guerras nacionais, sem passar pela revolução política de tipo radical-jacobino (GRAMSCI, 2002: p. 209-210).

Em nossa visão, ações de dominação por meio de um trabalho progressivo da construção de um consenso, ou seja, pelo exercício da hegemonia, nos parece mais efetiva e sustentável a longo prazo, do que pelas vias do exercício do poder coercitivo. Mesmo que o poder coercitivo nunca deixe de existir. No capitalismo isso é inviável. A coerção está na natureza desse sistema, e sempre aparecerá quando a hegemonia não conseguir alcançar seus objetivos.

Em relação a mídia, Karl Marx pontua que os meios de comunicação "transportam signos; garantem a circulação veloz das informações; movem as idéias; viajam pelos cenários onde as práticas sociais se fazem; recolhem, produzem e distribuem conhecimento e ideologia" (MARX; ENGELS, 1977: p. 67). A pontuação de Marx está localizada em um tempo em que a mídia ainda era um embrião frente ao que se tornaria décadas mais tarde, mas já naquele momento o autor reconhecia a potencialidade de persuasão promovida nestes meios.

Comentando sobre o meio de comunicação protagonista de sua época, a imprensa, Gramsci destaca que: "A arte da imprensa revolucionou todo o mundo cultural, dando à memória um subsídio de valor inestimável e permitindo uma extensão inaudita da atividade educacional" (GRAMSCI, 2001: p. 67). O pensador italiano se valeu desse meio de comunicação, publicando um total de 1.700 artigos jornalísticos, como destaca o famoso tradutor do pensador italiano no Brasil, Carlos Nelson Coutinho, na introdução no volume 1 dos Escritos políticos, de Gramsci (2004a). O autor critica o vínculo da maioria das redações de jornal da época por se renderem à influência das classes dominantes. Isso porque esse vínculo tornava os jornais um mecanismo de controle ideológico de opinião, que no final ajudavam a reforçar as relações de poder.

Defensor perpétuo das movimentações populares, Gramsci descreve como “Para o jornal burguês os operários nunca têm razão. Há manifestação? Os manifestantes, apenas porque são operários, são sempre tumultuosos, facciosos, malfeitores”[14] (GRAMSCI, 2005, s./p.). Isso destaca a cobertura tendenciosa que os jornais faziam sobre as greves. O autor assevera que: “o jornal burguês (qualquer que seja sua cor) é um instrumento de luta movido por interesses que estão em contraste com os seus”[15] (GRAMSCI, 2005, s./p.). Complementando suas críticas Gramsci argumenta:

> Tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma ideia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora. [...] Todos os dias, [...] os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa, com prejuízo da política e da classe operária. [...] E não falemos daqueles casos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público trabalhador (GRAMSCI, 2005, s./p.).

Assim, Gramsci nos leva a compreender que esses meios de comunicação se estabelecem como um mecanismo peculiar ao fixarem os sentidos e interesses que partem da ordem de um grupo hegemônico na vida cotidiana dos subalternos. Da época em que Gramsci era vivo até o século atual, a imprensa, um formato tradicional de comunicação, dá lugar aos novos modelos e moldes de se comunicar conectados por um protocolo comum, a internet. Somos atravessados por fluxos hiper velozes, saturada de imagens, informações e desinformações, capazes de naturalizar pontos de vista e ideologias de forma cada vez mais qualificada a fim de remodelar os costumes cotidianos que esses meios são capazes de difundir.

Quanto mais temos acesso às novas tecnologias, mais nos envolvemos com elas e todas as variações dos nossos sentimentos passam a ser estimulados por esse sistema de exploração do homem através do sensível. “É dentro desse horizonte que o afeto é capturado, ora pela produção, ora pelo consumo” (SODRÉ, 2006: p. 61). Sodré, importante teórico brasileiro da comunicação, acrescenta ainda que a midiatização, que transforma a comunicação interpessoal em processo informacional, é norteada pela lógica neoliberal.

---

[14] Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm. Acesso em: 10/09/2021.

[15] Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm. Acesso em: 10/09/2021.

No processo informacional de comunicação, cada conteúdo tem um propósito ao qual se destina a fim de provocar efeitos e reações. Mesmo que os emissores, os produtores de conteúdo, não possam prever o exato efeito que sua mensagem causará no receptor, ainda assim, são formuladas estratégias cada vez mais eficazes para fixar significados através da articulação dos elementos tecnológicos e sociais. Portanto, como unidade da comunicação, a elaboração dos enunciados – seja para informar, alertar ou entreter – se dá através da articulação entre conteúdo temático, estilo e gênero que representa a identidade do locutor ou do grupo social que organiza tal mensagem. (BAKHTIN, 1979). Assim, negando uma passividade por parte do interlocutor, a principal motivação do locutor, dentro dessa relação de produção de discursos está sempre na busca por convencer, alterar e intervir na relação entre o sujeito e a realidade (ROCHA, 2014).

Nesse novo processo de comunicação, a política encontra seu espaço. Da promoção de campanha eleitoral online às movimentações massificadas via petições *on-line*, o discurso político, e atitudes políticas, são compartilhadas para a população. Notamos que, devido a potência de propagação de discursos e a falta de regulamentações devido a prematuridade do 'advento da Internet', o que facilita que alguns políticos se beneficiem construindo uma narrativa de campanha composta por *fake news*[16] e outras estratégias utilizadas para desprestigiar a reputação da oposição frente à população.

Como exemplo podemos citar a campanha do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018 após vencer o segundo turno que disputava com Haddad do PT. As suspeitas de que as *fake news* que circularam criticando seus candidatos adversários e, em consequência, ajudando a promover a imagem do político ganharam consistência ao longo de estudos e pesquisas.

> Bolsonaro foi eleito presidente por conta da veiculação de notícias inverídicas em redes sociais como o WhatsApp, Twitter e Facebook sobre temas como "kit gay" e "ideologia de gênero", objetivando causar um sentimento de terror social pelo suposto extermínio da "família tradicional brasileira" (MARANHÃO Fº; COELHO; DIAS, 2018: p. 68).

[16] A divulgação de notícias falsas ou mentirosas é fenômeno conhecido internacionalmente como "fakenews" e pode ser conceituado como a disseminação, por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica. Trata-se de fenômeno consolidado e que se verifica em todo o planeta. Alguns estudos chegam a atribuir a vitória de Donald Trump, eleito à presidência dos Estados Unidos da América em 2016, ao uso de notícias falsas" (BRAGA, 2018: p. 203).

Isso porque, em um país com 86,8% dos brasileiros cristãos, sendo 22,2% destes evangélicos[17], apresentar defesa para temas como ideologia de gênero, apoio à comunidade LGBTQA+, política de reparação e outras pautas humanitárias, como fez Haddad do PT, serviram como pauta para a criação de diversas *fake news*, em torno desses assuntos que atingiu principalmente o eleitor mais conservador e menos informado do país intervindo no resultado final da eleição de 2018.

Queremos enfatizar com isso, como esses avanços obtidos no campo da comunicação permitiram, entre outras coisas, o crescimento dos grupos de extrema-direita que conseguiram criar mecanismos para (re)assegurar suas lógicas neoliberais por meio de uma desfragmentação da produção e do consumo de informações (VERÓN, 2015). Dessa forma, ao perceber a gama de possibilidades que as mídias sociais estabelecem na relação homem, tecnologia e comunicação, entendemos que essas ferramentas a disposição de grupos filiados a novas direitas/extremas-direitas permitem a conquista de mais aliados.

Apesar disso, não pretendemos aqui apresentar um cenário fatídico em relação a esses avanços tecnológicos, recorremos novamente a Gramsci, para apresentar como o autor também via nesses espaços caminhos para a libertação. Entre os jornais contaminados pela ideologia dos opressores, *L`Ordine Nuovo* (1919) e *L'Unità* (1924), eram jornais que estavam dispostos a noticiar em favor do proletariado e de suas reivindicações.

Portanto, se fazem necessário veículos comprometidos em promover o acesso à informação, bem como "fazer pensar concretamente, transformar, homogeneizar, de acordo com um processo de desenvolvimento orgânico que conduza do simples senso comum ao pensamento coerente e sistemático" (GRAMSCI, 2001a: p. 201).

1.4 Sociedade de controle: gerir, empreender e fazer por merecer

Ao analisar os processos históricos do Iluminismo e a formação do homem moderno, Foucault elabora suas explicações sobre uma nova configuração da sociedade marcada pela ascensão do capitalismo e por uma

[17] Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasilcatolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/. Acesso em: 10/09/2021.

> forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas (FOUCAULT, 1994: p. 606).

Esta nova sociedade disciplinar é marcada pelo modelo panóptico, concebido pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, em 1785, como uma arquitetura de prisão, na qual existe uma torre e diversas celas que a rodeiam. No centro há um vigia que não pode ser visto pelos presos, que são vigiados o tempo todo. Através dos escritos de Foucault, passamos a interpretar esse modelo de prisão como uma ferramenta metafórica para explicar todo um sistema moderno de pensamento, pois, o panóptico é a tradução de um sistema de vigilância que encontramos na escola, na igreja, nas fábricas, e em outras instituições similares. Em "Conversações (1992)" Deleuze afirma que, "São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares" (1992: p. 224).

> Porém, de fato, (Foucault) é um dos primeiros a dizer que as sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle (DELEUZE, 1992: p. 220).

Deleuze revisita o conceito de sociedade disciplinar para dar espaço a um modelo mais polido de vigilância constante. A sociedade de controle é o resultado da combinação entre disciplina e biopolítica, ela atualiza e ajusta os furos que o sistema da sociedade disciplinar deixava, a sociedade de controle então, passa a encarcerar mais do que corpos, ela captura as ideias, a multiplicidade e os desejos. Assim, "Haverá, portanto, cada vez menos distinções entre o dentro e o fora. Trata-se, efetivamente, de um elemento de mudança geral na maneira pela qual o poder marca o espaço, na passagem da modernidade à pós-modernidade" (HARDT, 2000: p. 358).

O Controle se caracteriza ainda por não mais seguir um fluxo cronológico bem definido, é mais vantajoso para o capitalismo que um corpo produza em tempo contínuo. Longe dos turnos bem definidos das fábricas da Sociedade Disciplinar, o melhor momento para se extrair algo de alguém é o tempo todo. Para Deleuze, a "sociedade de controle funciona por redes flexíveis moduláveis, como uma moldagem auto deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro" (DELEUZE, 1992: p. 221).

Tendo consciência dessa complexidade, notamos como a Sociedade de Controle passa a interferir nos processos de subjetivação, isso porque ao invés de um molde fixo, o controle se dissolver entre todos os âmbitos da vida social do sujeito, atravessando também a produção de sua existência, no seu modo de pensar, de falar, de agir, ou seja, é um modo de capturar as multiplicidades através de mecanismos de modulação. Essas "redes flexíveis moduláveis" (DELEUZE, 1992: p. 221) podem ser interpretadas como uma peneira adaptável a cada indivíduo; assim, as particularidades de uma pessoa como a sua cor, sua orientação sexual, sua classe social não escapa da trama dessa peneira totalmente moldável e flexível. É um processo que captura as diferenças, seja qual for, para melhor usá-las em favor do Capital.

Por exemplo, ao "aceitar" os cabelos cacheados e crespos predominantes em homens e mulheres negras, o mercado passa a explorar essas singularidades à exaustão. A *Salon Line*, marca nacional com mais de 20 anos no mercado, ganhou notoriedade nos últimos anos após ampliar sua cartela de produtos com itens dedicados aos cabelos crespos, cacheados e ondulados. Mais do que um shampoo e condicionador, a marca tem variações de cremes, pastas, finalizadores, tudo o que possa encaixar para cada curvatura de cacho, cada tom de cabelo, cada tamanho, nada escapa.

Ao oferecer esses produtos, a marca estampa em seu marketing e *merchandising*, um tom de empoderamento e valorização do cabelo cacheado, importante lembrar que, como dissemos, os cabelos cacheados e crespos são uma marca característica de homens e mulheres negras e assim, por conta do racismo esse tipo de cabelo era associado como uma característica negativa por isso, o cabelo cacheado era negado pela sociedade e em parte pelo mercado, que só se dedicava a produtos que mudassem o estilo de cabelo de cacheado para liso. Agora, com marcas como *Salon Line*[18], o discurso muda e a intenção não é mais mudar o cabelo, é valorizar, "empoderar" e os produtos da marca afirmam isso, como o creme definidor de cachos da linha #todecacho, *Black* é *power*. No rótulo está escrito:

[18] Em 2018, a marca chegou a lançar o livro "Deixa Enrolar - A história dos cachos e crespos no Brasil", em parceria com DBA Editora. Um livro sobre a "O livro garante uma viagem no tempo que inicia nos anos 40 até os dias atuais, resgatando os diferentes momentos da cultura, política, moda e beleza nacional e internacional que influenciaram o senso estético de cada geração no país". Disponível em: https://www.segs.com.br/demais/105595-salon-line-lanca-livro-deixa-enrolar-a-historia-dos-cachos-e-crespos-no-brasil Acesso em 21/01/2021.

> Posso adivinhar seu sonho de consumo? Um black suuuuper hidratado e mega definido né?! A gente sabe e é claro que pensamos nisso! black é power é realmente power! A hidratação é mágica e a definição é perfeita! Pensa num day after mara?! Sim, ele proporciona isso! É a própria memorização dos cachos! Bora abalar?[19]

Importante ressaltar também que se existe uma maior aceitação e valorização entre negros e brancos sobre os cabelos cacheados, esse é um resultado dos movimentos sociais e virtuais de pessoas negras que não cedem aos padrões impostos ou aos estigmas preconceituosos em relação aos traços fenotípicos dos indivíduos negros. Contudo, o que estamos apresentando através desse exemplo é como o controle faz da diferença o seu potencial consumidor.

Um outro ponto a evidenciar sobre o Controle é a sua relação com a biopolítica, isso porque por ser um desdobramento da sociedade disciplinar, algumas forças permanecem, por isso vemos como na sociedade de Controle, a funcionalidade da biopolítica é potencializada. Foucault disserta sobre Biopolítica a pela primeira vez em 1976 com seu curso *Em Defesa da Sociedade*, mas é em o *Nascimento da Biopolítica* (1979) que o filósofo expande essa discussão. O autor analisa como o poder se desenvolve e passa a gerenciar a vida. Com base em Foucault, segundo Castro (2009):

> Percebe-se, consequentemente, que a relação do poder com o sujeito, ou melhor com o indivíduo, não deve ser simplesmente essa forma de sujeição que permite ao poder tomar dos sujeitos bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas que o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se queremos, precisamente, utilizar essa população como máquina de produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. O descobrimento da população é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável, o outro núcleo tecnológico em torno ao qual os procedimentos políticos do ocidente se transformam (CASTRO, 2009: p. 59).

A biopolítica agrega a esse sistema um poder que conduz a vida de forma sutil, como um espírito que leva a autorregulação do sujeito, que o aprisiona sem encarcerá-lo. Esse poder sobre a vida passa a se aperfeiçoar no desenvolvimento de acordo com as mudanças políticas e econômicas, e passa a fazer parte das todas relações sociais. Assim a dinâmica da biopolítica passa a ser exatamente essa, a de gestão dos viventes, com o

[19] Disponível em: http://renataprincess2.blogspot.com/2016/10/bora-definir-black-e-power.html Acesso em 21/01/2021.

intuito de que os mesmos possam se organizar "espontaneamente" para se transformar nessa máquina de produção, para se transformarem em "empreendedores de si".

O empreendedor de si tem sua subjetividade afetada pela força da biopolítica e é guiado por valores empresariais, vinculando-se, assim, às ideias de esforço contínuo e produção constante para atingir níveis cada vez mais altos impostos pelo mercado que são, na verdade, inalcançáveis. Para alcançar grandes metas, deve partir desse sujeito o ímpeto e o esforço de educar-se para se tornar o melhor capital humano possível. De acordo com Passetti (2011):

> Trata-se de uma educação para cada um, como trabalhador em busca de um emprego, que invista em si como o empreendedor de si, um ator participativo, um cidadão monitor, um consumidor com discernimento do melhor do mundo utilitarista [...] (p. 49).

Permeados por esses novos dispositivos de poder, somos condicionados a nos entender não mais como seres sociais, mas como capital humano, categoria em que uns valem mais e outros menos. Segundo a teoria do economista estadunidense Theodore William Schultz, o investimento e a qualidade na educação valem o quanto puder ser revertido na produtividade e excelência do trabalho. O autor chegou a essas conclusões analisando o desenvolvimento e recuperação de países como Alemanha e Japão no período pós guerra. Assim, Schultz fundamentou a teoria de que países economicamente bem-sucedidos são resultantes do investimento em uma população educada, manifestando assim, *o valor econômico da educação*[20].

> Os trabalhadores transformaram-se em capitalistas, não pela difusão da propriedade das ações das empresas, como folclore colocaria a questão, mas pela aquisição de conhecimentos e de capacidades que possuem valor econômico. Esse conhecimento e essa capacidade são em grande medida o produto de investimentos e, combinados com outros investimentos humanos, são responsáveis predominantemente pela superioridade produtiva dos países tecnicamente avançados (SCHULTZ, 1973: p. 35).

As principais críticas à teoria do capital humano se fazem principalmente por autores marxistas que, mesmo concordando que a educação é um dos fatores cruciais para o desenvolvimento de uma sociedade, discordam com um viés educativo focando no crescimento econômico, principalmente por defenderem que esse crescimento econômico não

[20] Utilizamos a frase, *o valor econômico da educação* para fazer referência ao nome do livro de Theodore William Schultz publicado em 1967 pela Zahar Editores.

é distribuído de forma justa para os trabalhadores e muito menos contribui para a redução das desigualdades socioeconômicas.

Teorias como a de Schultz (1973) criam uma categoria de trabalhador como indivíduo capaz e responsável por sua autogestão, um verdadeiro empresário de si, aquele que acredita na competição e no livre de mercado, pois para empreender e negociar ele precisará de liberdade. Aparentando uma falsa autonomia, o empresário de si é, na verdade, um produto do neoliberalismo. "A empresa é promovida como modelo de subjetivação: cada indivíduo é uma empresa que deve se gerir e um capital que se deve fazer frutificar" (DARDOT; LAVAL, 2016: p. 378).

Ao tratar do liberalismo, teoria precursora do neoliberalismo, Foucault apresenta como naquele momento da história já existia um culto à cultura do perigo, à cultura de viver em um mundo de incertezas sobre a vida, o presente e o futuro. "Enfim, por toda parte vocês veem esse incentivo ao medo do perigo que é de certo modo a condição, o correlato psicológico e cultural interno do liberalismo. Não há liberalismo sem cultura do perigo" (FOUCAULT, 2008: p. 91). O empreendedor moderno deve buscar a plena absorção dos ensinamentos do livro de autoajuda da moda, ou decorar de vez os segredos - não tão bem guardados - de uma vida financeira próspera ou adquirir o quanto antes o curso do *coach* da vez. Se preciso for, "*take your pills*"[21], busque estímulos nos estimulantes que as farmácias oferecem e siga em frente.

> Diferentes técnicas, como coaching, programação neurolinguística (PNL), análise transacional (AT) e múltiplos procedimentos ligados a uma 'escola' ou um 'guru' visam a um melhor 'domínio de si mesmo', das emoções, do estresse, das relações com clientes ou colaboradores, chefes ou subordinados. Todos têm como objetivo fortalecer o eu, adaptá-lo melhor à realidade, torná-lo mais operacional em situações difíceis [..] todos se apresentam como saberes psicológicos, com um léxico especial, autores de referência, metodologias particulares, modos de argumentação e de feição empírica e racional (DARDOT; LAVAL, 2016: p. 339).

[21] "O documentário lançado em 2018, *Take your pills* (tome suas pílulas em tradução para o português) acompanha a vida de quem sempre tem que ter a disposição remédios estimulantes como a Ritalina e o Adderall. Estes são receitados para pessoas que possuem transtornos como déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), no entanto tornou-se uma epidemia entre os saudáveis que os utilizam para melhorar a performance nos estudos ou no trabalho" (FORLINI, 2018: s./p.).

E se mesmo assim o resultado for a falência, cabe ao sujeito a capacidade de se regenerar, afinal o mercado neoliberal nos oferta a oportunidade de sermos a nossa própria empresa, os responsáveis pelo nosso sustento e, para chegar lá, basta merecer. O Dicionário Michaelis define o termo meritocracia como: "Forma de administração cujos cargos são conquistados segundo o merecimento, em que há o predomínio do conhecimento e da competência"[22]. A meritocracia é a medalha de ouro daqueles que defendem o reconhecimento dos resultados individuais diante dos desafios impostos para atingir a tão almejada ascensão econômica na sociedade contemporânea.

No discurso meritocrático, acreditar no merecimento individual é o grande estímulo simbólico que, em nossa visão, tenta atenuar a brutalidade da competição e dos esforços que os sujeitos precisam dispor para conquistar recompensas, muitas vezes pequenas se comparadas ao esforço empreendido. Ainda assim, os seguidores dessa ideologia defendem como através desse sistema muitos saem da sua zona de conforto. Portanto, estimular esse sistema de compensação por mérito é mais uma característica utilitarista que visa treinar e adequar melhor as pessoas. Até mesmo porque incentivar que uma pessoa conquiste a "melhor versão de si" não parece carregar nada além de um efeito positivo para as pessoas.

Nem sempre casos de pessoas bem sucedidas nessa lógica normativa econômica, são retratados em sua totalidade, existem muitos casos de pessoas que alcançaram sucesso ou alavancaram as suas carreiras partindo de um lugar social com determinados privilégios, muitos deles são herdeiros de grandes impérios que são passados de pai para filho, muitos têm o suporte da família para começar seus negócios e fazer parte de um seleto grupo de milionários antes mesmo de completar trinta anos. Esta última argumentação faz referência ao caso Bettina.

Dona da frase: "Oi. Meu nome é Bettina, eu tenho 22 anos e 1 milhão e 42 mil reais de patrimônio acumulado". Bettina Rudolph, uma moça jovem loira, emprestou seu lindo rosto e testemunho, para uma propaganda publicitária da empresa *Empiricus Research*. O anúncio começou a circular massivamente no ano de 2019 e aparecia antes e entre

[22] Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/meritocracia/. Acesso em: 22/01/2021.

vídeos hospedados na plataforma YouTube. A jovem fazia parte da equipe publicitária dessa consultoria de investimentos e dizia ter conquistado tal quantia fazendo investimento em bolsa de valores. A propaganda teve uma repercussão negativa, pelo mesmo em parte, e o público criou aversão à figura de Bettina, que gerou piadas, memes, e certa discussão sobre privilégios e a veracidade sobre os ganhos de Bettina.

A seguir destacamos o trecho transcrito da fala de Bettina[23]:

> Desculpa a indiscrição, é que o tempo aqui embaixo não joga a meu favor e eu precisava chamar sua atenção. Ninguém acha normal eu ter juntado mais de um milhão de reais assim, tão nova e começando com muito pouco, mas sabe o que que chama a minha atenção, é que o que eu fiz não é nenhum segredo. Eu vivo falando por aí, pra todo mundo, eu comprei ações na bolsa de valores. Não foi sorte, eu não herdei uma bolada, nem ganhei na loteria. Comecei com 19 anos e mil quinhentos e vinte reais, três anos depois, tenho mais de um milhão, simples assim. Sabe qual é o problema? A maioria das pessoas vai pular esse anúncio e continuar se chocando com histórias fora da curva, e a minoria vai clicar no botão azul que vai aparecer no fim desse vídeo. Se você for uma das pessoas que vai clicar no botão, você vai acessar o passo a passo, que eu segui para você chegar no seu primeiro ou próximo milhão. Os resultados eu garanto serão os mesmos. Não tem como ser diferente, se você tiver as mesmas ações que eu tenho, vai lucrar proporcionalmente o mesmo que eu, isso vale para as perdas também. É com você, resultados diferentes exigem atitudes diferentes, botão azul.

Mesmo com a repercussão negativa, o vídeo de Bettina é um exemplo da ascensão do pensamento ideológico neoliberal na política e na população. Faz sentido que em um governo, como o de Bolsonaro 2019, o discurso que impera no vídeo de Bettina, e de muitos outros que se multiplicaram pela internet, diz muito sobre o funcionamento da lógica neoliberal moldando o comportamento político, econômico e social da vida cidadã.

[23] Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=knIHvor2gHs&ab_channel=AquilesTvAquilesTv. Acesso em: 22/07/2021.

O vídeo de Bettina é mais que uma venda ou anúncio da corretora na qual ela trabalha, é o fortalecimento de um discurso de possibilidades que depende da ação individual da pessoa, nesse ponto, a origem social, racial, e até o suporte do Estado são supérfluos frente ao ato milagroso que é se tornar um empreendedor de si. Em outras palavras, o ônus recai sobre o indivíduo de encontrar os meios e recursos para se aprimorar e se adaptar sozinho, e com pouco ou nenhum apoio fornecido pelo governo (CHUN, 2016: p. 562-563 apud LOPES: p. 1122).

Contudo, notamos também que a narração de Bettina pouco enfatiza as desvantagens e riscos que toda essa empreitada ocasiona na vida da pessoa inspirada por seu discurso. A ideia que o vídeo nos passa é a de que conquistar seu primeiro milhão é simples, bem simples.

> A sequência de três sentenças curtas, encadeadas numa lógica de causa-efeito, sugere que o grande salto de uma quantia a outra pode se dar em um período curto de tempo, progressivamente e sem obstáculos [...]. A narrativa está estrategicamente incompleta. Se há algum segredo, é o da lógica norteando o discurso neoliberal de que todos podemos lucrar bem, e muito, com o pouco que temos – talvez não 1 milhão em 3 anos, mas é isso, afinal, que está sendo apregoado no anúncio (LOPES, 2020: p. 1125-1126).

Segundo o site Meio&Mensagem[24], a jovem milionária disse em entrevista que

> não afirmou, nos vídeos publicitários, que não havia transformado suas economias iniciais (cerca de R$ 1500) em mais de R$ 1 milhão, como sugeririam os vídeos, mas que também havia realizado aportes financeiros que, ao longo do tempo, resultaram no patrimônio atual.

O Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR), abriu um processo de investigação[25] na época e o vídeo foi retirado, além de ter sido aplicada multa pelo Procon-SP no valor de 58 mil reais[26]. Em resposta, *Empiricus Research*, veiculou um comunicado dizendo que:

---

[24]Disponível em: https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/05/22/caso-bettina-conar-susta-campanha-e-adverte-empiricus.html. Acesso em: 23/07/2021.

[25] O Conar também avaliou outras peças publicitárias da Empiricus que também usavam o mesmo mote: pessoas relatando que, com o material da companhia, conseguiriam acumular quantidades volumosas de dinheiro em pouco tempo. Também estão sustadas as peças intituladas "Dobre Seu Salário em Tempo Recorde"; "+ 251 Todos os Dias na Sua Conta"; "Receba todo mês R$1.823,53 de aluguel"; "Milionário com ações" e "O dobro ou nada". Disponível em: https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/03/22/conar-abre-processo-para-analisar-bettina-e-empiricus.html. Acesso em: 23/07/2021.

[26] Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/04/procon-multa-empiricus-no-caso-bettina.htm. Acesso em: 23/07/2021.

> A Empiricus não foi notificada sobre qualquer representação do Conar. A empresa respeita a instituição, mas não é a ela associada. A Empiricus lamenta que seu trabalho de educação financeira, que possibilita que os brasileiros aprendam e usufruam de uma ampla diversidade de aplicações que podem aumentar os seus rendimentos, seja alvo de uma representação. A comunicação da empresa replica o modelo amplamente disseminado de publicidade de empresas de publicações financeiras dos Estados Unidos, país onde o acesso a produtos financeiros é democratizado e amplamente desbancarizado.

Transformando um limão em uma limonada *gourmet*, Bettina "ganhou uma quantidade grande de seguidores e seguidoras nas redes sociais, passou a fazer uma grande propaganda orgânica da *Empiricus* e hoje é youtuber (...)[27]". Em suas redes sociais, Bettina nos brinda com mais um testemunho de esforço e merecimento,

> Desde março eu venho trabalhando que nem uma louca. Muitos domingos e madrugadas foram dedicados a provar esse propósito. Descuidei da minha saúde e fiquei doente mais de uma vez em cada mês, tudo porque eu precisava entregar algo concreto àquelas pessoas que me deram ouvidos em março", afirmou em uma postagem nas redes sociais.

Porém, a repercussão negativa do caso de Bettina não se estendeu para todos os outros casos de *youtubers* e empresas de investimentos que dizem fazer esse trabalho de "educadores financeiros"[28], com discursos iguais ou mais nocivos que o de Bettina. Ainda no que concerne a reação do público ao vídeo de Bettina, apesar das críticas e piadas, temos a percepção de que não houve um grande movimento revolucionário para mudanças efetivas. Ao nosso ver, o resultado dessas reações cada vez mais brandas em relação às atitudes e acontecimentos que partem de uma ordem neoliberal é dada justamente pelo trabalho de consenso hegemônico promovido pela escola, igreja e meios de comunicação.

Como abordamos anteriormente, a maioria dessas instituições trabalham dentro de uma ordem hegemônica e procuram assegurar o consentimento e conformação da classe dominada. Podemos citar como exemplo o crescimento de iniciativas, motivadas por organizações e fundações privadas, de construir políticas públicas para incluir nas escolas de educação básica de ensino, conteúdos "em abordagens de educação empreen-

[27]Disponível em: https://www.hypeness.com.br/2019/12/por-onde-anda-bettina-a-jovem-do-milagre-de-1-milhao-de-reais-da-empiricus/. Acesso em 8/06/2021.

[28] É preciso destacar a existência de educadores financeiro que seguem outro viés ideológico econômico como o caso de Nathália Rodrigues, mulher negra nascida na baixada carioca, a Nath finanças, cria conteúdos principalmente para atingir jovens pobres e/ou periféricos, sobre assuntos financeiros com uma abordagem mais realista e sem fórmulas milagrosas de enriquecimento, para que eles criem consciência e conhecimento de como gerir suas economias de forma prática, segura e prudente.

dedora". "O objetivo é oferecer aos educadores novas possibilidades de práticas de ensino-aprendizagem para incentivar o desenvolvimento de competências empreendedoras nos alunos"[29].

Cultivando desde cedo uma geração que esteja conformada com uma vida social autônoma, disciplinados por uma lógica neoliberal com discursos meritocráticos e empreendedor, que reforçam uma ilusão de liberdade e ergue uma nuvem de fumaça para encobrir o peso e a complexidade dos problemas gerado pelas desigualdades sociais ao ponto que, pessoas da classe média, classe média baixa ou abaixo linha da pobreza, incorporam a narrativa da meritocracia de forma hegemônica, para além disso, na sociedade do espelhamento, muitos passam a se culpabilizar por sua condição social.

[29] Disponível em: https://www.institutomillenium.org.br/professores-serao-capacitados-para-ensinar-empreendedorismo-em-escolas-publicas/. Acesso em 8/06/2021.

2. MERCADO DE DIREITA PARA SUJEITOS SEM DIREITOS

"Nossa vida moderna é tal que, quando nos encontramos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipadas, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças, variantes e modificações."

- Gilles Deleuze

Como discorre Deleuze (1992), a sociedade de controle em que estamos inseridos interfere no nosso modo de pensar e agir, essas são táticas de normalizar ideologias que servem ao capitalismo, como o neoliberalismo. De acordo com os autores, Dardot e Laval (2016), o "neoliberalismo é precisamente o desenvolvimento da lógica do mercado como lógica normativa generalizada, desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade" (p. 34). O neoliberalismo enquadra a sociedade em um sistema mais funcional, que visa *"a vida individual e social como um todo"* (DARDOT; LAVAL, 2016: p. 90, grifo dos autores). Desse modo,

> Longe de negar a necessidade de um quadro social, moral e político para melhor deixar funcionam os mecanismos supostamente naturais da economia e do mercado, o neoliberalismo deve ajudar a redefinir um novo quadro que seja compatível com a nova estrutura econômica. Mais ainda, a política neoliberal deve *mudar o próprio homem.* (DARDOT; LAVAL, 2016: p. 91, grifo dos autores).

Neste sentido, consideramos que o principal objetivo do neoliberalismo é aprofundar na estrutura social e na mentalidade das pessoas um sistema baseado em relações mercantis. Dessa forma, nem sempre é compreendida a crueldade ou a forma cínica que são as ideias que derivam dessa ideologia, dissertamos isso porque, na pregação do neoliberalismo, existem fórmulas mágicas para resolver todos os problemas sociais que somos acometidos dia a dia, inclusive o racismo.

A crueldade e o cinismo dessa ideologia que chamam a nossa atenção é como o neoliberalismo desvirtua propositalmente as particularidades dos grupos sociais e dos indivíduos de modo geral, pois como pode uma ideologia considerar vender técnicas de investimento para pessoas que não têm renda para custear seus gastos mais básicos de

vida. Ou, trazendo uma questão anterior à discussão, como cogitar vender/oferecer cursos de crescimento na carreira para pessoas que ainda não alcançaram sua primeira vaga de emprego por conta da cor da sua pele.

Essas questões afetam diretamente a subjetividade dos sujeitos, ainda mais dos grupos étnicos, como a comunidade negra, que não deveria ser culpabilizada pelos efeitos que o racismo causa em suas vidas. Por isso, respaldados em autores como Guimarães (1995) e Almeida (2020)[30], argumentamos sobre uma questão primária, mas ainda não resolvida no nosso contexto social, o fato de que muitas pessoas reduzem a discriminação racial a um problema de classe.

Essa ideia se torna uma conveniente justificativa que se insere no discurso neoliberal e que dialoga intensamente com os discursos de empreendedorismo e meritocracia, soluções para tampar os rombos sociais e políticos causados pelo neoliberalismo, como privatizações de empresas estatais, redução dos direitos trabalhistas, fim e redução de recursos para projetos sociais, muitos deles dedicados aos recortes étnico-raciais e outras devastações nos direitos políticos e sociais que existiam. Além disso,

> [...] o enfraquecimento dos sindicatos, a produção baseada em alta tecnologia e a supressão dos direitos sociais em nome da austeridade fiscal tornaram populações inteiras submetidas às mais precárias condições ou simplesmente abandonadas à própria sorte (ALMEIDA, 2020, s/p).

Para a comunidade negra, soma-se a essa precariedade social o fato de que esse "abandono à própria sorte", que coloca Almeida (2020), ocorre desde o fim do período da escravidão, em que não foram criadas políticas efetivas para a inserção do negro como cidadão pleno do país. Fora da posição de cidadão, restou para o negro brasileiro uma dupla subalternidade, aquela que discrimina pela cor e pela raça. Assim,

> Ao mesmo tempo, naturaliza-se a figura do inimigo, do "bandido" que ameaça a integração social, distraindo a sociedade que, amedrontada pelos programas policiais e pelo noticiário, aceita a intervenção repressiva do Estado em nome da segurança, mas que, na verdade, servirá para conter o inconformismo social diante do esgarçamento provocado pela da gestão neoliberal do capitalismo. Mais do que isso, o regime de acumulação que alguns denominam de pós-fordista dependerá cada vez mais da supressão da democracia (ALMEIDA, 2020, s/p).

[30] Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/23/capitalismo-e-crise-o-que-o-racismo-tem-a-ver-com-isso/. Acesso em 11/10/2021.

Diferente da representação de negro imposta e naturalizada no imaginário social e nos discursos, concordamos com a perspectiva da autora Neusa Santos Souza que diz:

> Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983: p. 77).

Infelizmente, devido aos efeitos desses aspectos discriminatórios sociais e raciais que citamos, muitos indivíduos negros que, buscando um escape, optam por negar a sua raça. Tal negação, não nos parece ser pela raça em si, mas sim pela ficção ao redor do que é ser negro que, negros e brancos, aprendem desde seu nascimento.

2.1 Racismo à brasileira: uma epidemia de impacto estrutural e subjetivo

Sabemos que a diáspora africana foi o fenômeno histórico em que ocorreu uma retirada forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. A finalidade desse sequestro era a utilização do trabalho manual africano para sustentar um regime escravocrata permeado por violências e a exploração sistemática de pessoas negras. Cerca de "5.500,000 de pessoas foram forçadamente retiradas da África na prática desumana do comércio de vidas humanas que conhecemos como 'Tráfico de Escravos'" (ROSTOS, 2019)[31]. Esse comércio desumano de africanos foi responsável pela aceleração do processo de povoamento das américas e proporcionou aos países colonizados, como o Brasil, crescimento através desse tipo de mão de obra por mais de 300 anos. Ainda convivemos com essa herança de diversidade cultural, étnica e social, e também com o legado do preconceito, da exclusão e do racismo que permeiam o imaginário e os discursos sociais.

[31] Os dados são do documentário "Rostos Familiares, lugares inesperados: uma diáspora africana global", da cineasta e antropóloga cultural Dra. Sheila S. Walker, que conta como centenas de milhares de africanos foram arrancados de sua terra natal durante anos ao longo da escravidão. A obra transmite aos espectadores uma viagem das Américas para a Turquia, Índia e outros locais ao redor do mundo para descobrir a rica cultura e as contribuições de afrodescendentes (ROSTOS, 2019).

Entre esses problemas, convivemos com a convicção de muitos que acreditam e defendem que o racismo é o mesmo que discriminação social, o que sustentam também a defesa de discursos que invalidam, por exemplo, projeto de inserção da população negra na sociedade. Diversos autores voltados para os estudos das relações raciais denunciam o quanto ser pobre no Brasil está localizado em uma categoria distinta aquele que é pobre, mas também é negro no Brasil. Conforme Guimarães (1995), a racionalização social nada mais é que uma armadilha para naturalizar a hierarquia social. Em suas palavras,

> [...] a ordem econômica, por exemplo, pode ser justificada como sendo um produto de virtudes individuais (os pobres são pobres porque lhes faltam sentimentos nobres, virtudes e valores do ethos capitalista); do mesmo modo, se justifica usualmente a posição subordinada das mulheres pelas características do sexo feminino; a escravidão dos africanos, assim como a posição social inferior de seus descendentes, pelas limitações da "raça" negra etc. (GUIMARÃES, 1995: p. 31).

Com isso, o fortalecimento do neoliberalismo reforça ainda mais a promoção desse discurso meritocrático, que "permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos" (ALMEIDA, 2018: p. 63). Almeida (2018) compreende como o racismo se manifesta nos mecanismos institucionais, sendo o sistema educacional um deles.

> Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial, mesmo nos sistemas de ensino públicos e universalizados, o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral, associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade, e heterossexualidade e cisnormatividade (ALMEIDA, 2018: p. 63).

Com isso, notamos como é recorrente ao discurso meritocrático a aversão às políticas de ações afirmativas que visam equiparar socialmente os desfavorecidos, como o caso das cotas universitárias ou políticas de distribuição de renda. A realidade dos negros brasileiros e o passado escravocrata, passa a ser ignorada, mesmo sendo, indiscutivelmente, um dos marcos da construção histórica e cultural do racismo que é vivenciado até hoje.

> É pela restrição fatual da cidadania e através da imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda, de educação; e pelas desigualdades sociais que separam brancos de negros, ricos de pobres, nordestinos de sulistas, que o racismo se perpetua (GUIMARÃES, 1999: p. 42)

Apoiados na visão de Guimarães (1999), consideramos que existe um abismo imenso entre a ideia de meritocracia e a vivência sociocultural, principalmente ao colocar

em questão as particularidades do recorte étnico-racial composto pelos negros brasileiros, que pertencem ao grupo de pessoas mais pobres e com menos acesso à educação formal do país. Por isso nos questionamos como é possível sustentar um discurso meritocrático sem igualdade de oportunidades. Isso expõe a complexidade da discussão do problema racial brasileiro, como dito por Guimarães: "O racismo no Brasil é suave. Suavidade que se deve sem dúvida à relativa conformidade da população negra e à ausência de mecanismos legais de desigualdade e discriminação" (GUIMARÃES, 1995: p. 42)".

Seguindo essa linha de pensamento entendemos como os fios desse sistema cruel da Sociedade de Controle passam a se conectar a essa narrativa que existe, na verdade, para justificar e legitimar as desigualdades e as diferenças sociais recorrendo às capacidades pessoais dos indivíduos. A negação do racismo e a evolução dos mecanismos de controle como o conceito de meritocracia afirmam que se os negros que se esforçarem poderão usufruir de direitos iguais aos dos brancos. Desse modo, a meritocracia, como valor universal, afasta de modo conveniente os processos históricos que formaram as condições sociais que marcaram a realidade dos negros brasileiros. Sustentar tal conceito nos parece o mesmo que garantir a reprodução de necropolíticas.

Em *Necropolítica* (2018), o filósofo camaronês Achille Mbembe apresenta sua percepção de que em uma sociedade há corpos destinados à vida e corpos destinados à morte. Inspirado no conceito de biopolítica de Michel Foucault (2012), Mbembe norteia como o Estado, ao escolher não exercer os poderes que poderiam proteger a vida de todos, escolhe ser condutor das práticas de extermínio. "A soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é 'descartável' e quem não é" (MBEMBE, 2018: p. 135).

Assim, entendemos que ao executar práticas de exclusões e discriminações, seja na sua ação direta ou indireta, o Estado está promovendo necropolíticas uma vez que essas ações sempre se destinaram aos povos africanos e seus descendentes. Os processos de violência mais antigos como a escravidão e mais modernos como o encarceramento, a desigualdade, a negação do direito à proteção, educação, saúde e segurança pública são os "privilégios" ofertados à população negra.

Por esse ângulo, é notório o vínculo entre o racismo e os mecanismos de poder do Estado presentes em variados setores do contexto social brasileiro, que funcionam sob uma lógica de naturalização de práticas autoritárias de segregação.

> No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo o que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal (ALMEIDA, 2018: p. 63).

Com esta posição, Almeida ressalta, de forma contundente que: "No contexto brasileiro o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a confirmação ideológica dos indivíduos com a desigualdade racial" (ALMEIDA, 2018: p. 63). Sabendo da ligação entre neoliberalismo e a ideologia meritocrática, afirmamos que a política neoliberal é altamente racista. Tal afirmação é fundamentada no panorama histórico político brasileiro que apresentamos nos capítulos anteriores, que mostra o quanto a gestão de presidentes ligados a partidos de esquerda e não neoliberais, mobilizou as camadas mais pobres da sociedade. Em um país composto por mais de 50% de pessoas negras[32], e com a escravidão como marca da história do país, não trabalhar com uma agenda política que inclua políticas públicas que considerem as questões e distinções entre raça e classe, é se associar ao que Mbembe nos apresentou, um Estado que exerce necropolítica, em suma, um Estado racista.

Durante os 13 anos que o PT governou país, além dos programas que citamos acima, impactaram positivamente a vida dos negros brasileiros os seguintes ações[33]:

- O dia 21 de março tem uma dupla importância para o movimento negro no Brasil. Além de ser o Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, é também a data de criação, em 2003, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade

[32] Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/. Acesso em 13/03/2021.

[33] Disponível em: https://pt.org.br/em-13-anos-pt-amplia-oportunidades-com-acoes-de-igualdade-racial/. Acesso em 13/03/2021.

Racial (Seppir), pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A Seppir foi criada para coordenar, articular, formular e acompanhar políticas públicas com vista à inclusão de políticas da perspectiva racial no conjunto das ações do governo.

- No âmbito das ações afirmativas, há aquelas que visam reverter as representações negativas da população negra. O maior exemplo é a Lei 10.639/2003, sancionada pelo ex-presidente Lula, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei nº 9.394/1996) e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

- Com o intuito de corrigir as desigualdades estruturais e criar oportunidades para os negros no País, duas leis se destacam como importantes exemplos que mudaram o Brasil nos últimos 13 anos. Uma delas é a Lei nº 12.711/2012, sancionada pela presidenta Dilma, que garante a reserva de 50% das vagas das universidades federais e dos institutos federais para estudantes oriundos integralmente do ensino médio público.

Para além dos projetos realizados, havia no governo petista um ambiente de abertura de espaço, debates e negociações com movimentos sociais para que dificuldade e lutas fossem reconhecidas e leis e programas fossem criados. Infelizmente, muito do que foi feito pelo PT não são necessariamente associados como ações do partido abrindo precedentes para um discurso de descrédito, principalmente em situações de disputas políticas. Esse paradigma se torna viável, como citado por Lilia Moritz Schwarcz em entrevista[34], por culpa de uma amnésia coletiva. A autora nos relata o fato de que temos o costume em nosso país de colocar "algumas coisas para debaixo do tapete". Esquecemos a história e apagamos os protagonistas. Assim, entendemos hoje o quanto é importante e marcante para um governo ter uma população alienada que tudo aceita e pouco se lembra.

Mediante as colocações desses autores, caminhamos para uma compreensão de que o racismo constitui nossa história, estrutura as relações em nossa sociedade e precisa ser combatido socialmente e institucionalmente, como o problema que realmente é. Os impactos do racismo são perversos em todas as fases do desenvolvimento da vida do

[34] Disponível em: https://exame.abril.com.br/brasil/para-lilia-schwarcz-brasil-esta-reescrevendo-a-historia-da-escravidao. Acesso em: 15/06/2021.

indivíduo negro, devemos refletir o quanto é doloso ter suas subjetividades atravessadas por um sistema de extermínio cultural, social e vital que aterroriza a população negra constantemente como forma de manter o poder e privilégios de uma classe fundamentalmente branca.

2.2 “Tornar-se negro”: eis a questão

Partimos da compreensão de que os discursos que promovem sentidos de desigualdades e exclusão, são norteados por uma ideologia específica, a de cunho racista. Para sustentar tal argumentação, nos apoiamos na interpretação de Hall (2013) a partir das ideias de Gramsci sobre concepções referentes à ideologia:

> Por ideologia eu compreendo os referenciais mentais — linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação — que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona (HALL, 2013: p. 267)

A ideologia não é reflexo direto da estrutura, ocorre na superestrutura (MARX e ENGELS, 1989) onde emergem as projeções do valor social e de estratégias dos grupos dominantes para a consolidação e perpetuação de seu domínio. Assim, Stuart Hall (2013) trata de como esses conceitos, cuidadosamente construídos de Gramsci, podem colaborar para pensar as lutas culturais implicadas no debate sobre relações raciais uma vez que o racismo como arma ideológica estabelece algumas relações de poder entre as classes sociais, havendo uma divisão entre grupos dominantes e grupos subalternizados.

Entendemos por subalternos os grupos que são inferiorizados por grupos dominantes por meio da violência física, cultural ou moral. Essa dominação se dá através da força coercitiva, que são as medidas diretas e violentas de repressão do Estado, como também por estratégias de consenso para difundir ideias, crenças e valores, de forma hegemônica entre as massas. Dentro desse contexto, a ideologia desdobra-se entre essa violência cultural e moral, se tornando um problema ainda maior quando ganha materialidade, isso porque essa materialização significa diferenças que afetam desde a convivência social até os aspectos jurídicos e econômicos entre os grupos. Logo, “O problema da ideologia, portanto, concerne às formas pelas quais as ideias diferentes tomam conta das mentes das massas [...]” (HALL, 2013: p. 250).

Em vista da relação entre racismo e ideologia, Silvio Almeida (2018) descreve sua percepção da naturalização do racismo ao observar o número de pessoas negras nos diferentes espaços e quais papéis elas desempenham. A disparidade e nesses ambientes é descrita pelo autor como uma: "[...] segregação não oficial entre negros e brancos que vigora em certos espaços sociais" (ALMEIDA, 2018: p. 45). Em sua obra, *O que é racismo Estrutural?,* Almeida discorre sobre racismo e ideologia, olhando para o recorte brasileiro, e em lugar de separar, ao contrário, incorpora os aspectos culturais ao político para contestar o porquê da naturalização da ausência de corpos negros nos espaços de poder. Suas teorizações reiteram que os indivíduos são formados por condições estruturais, institucionais, ideológicas e/ou culturais, tendo por raça o fator político de distinção entre os grupos.

Para Hall (2013) "raça é uma construção política e social utilizada como categoria discursiva que organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão" (p. 69). O autor designa esse sistema com o termo racismo no qual os mais diferentes níveis de exclusão social são sustentados com argumentos de caráter biológico e essencialista, utilizados para naturalizar a diferença racial.

> Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. Esse 'efeito de naturalização' parece transformar a diferença racial em um 'fato' fixo e científico, que não responde à mudança ou a engenharia social reformista (HALL, 2013: p. 69).

E assim, "o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional" (ALMEIDA, 2018: p. 50-51). Nesse sentido, podemos afirmar que o racismo – parte inegável e integrante da nossa cultura e história – encontra-se presente nesses atravessamentos com conjunto de ideias e valores que constituem os discursos ideológicos. Dessa forma, por meio desse discurso, o racismo se perpetua, por sua capacidade de:

> 1. produzir um sistema de ideias que forneça uma explicação 'racional' para a desigualdade racial; 2. constituir sujeitos cujos sentimentos não sejam profundamente abalados diante da discriminação e da violência racial e que considerem 'normal' e 'natural' que no mundo haja 'brancos' e 'não-brancos'

Nesse contexto, a identidade negra é atravessada por discriminações devido a sua raça, com isso, as características físicas e culturais relativas aos negros passam a ser estigmatizadas pelo racismo, ou seja, o cabelo, nariz, lábios e cor da pele, se tornam marcas de desqualificação, e não meros atributos ou variações físicas, simplesmente por pertencerem a raça negra. No Brasil, notamos como esse sistema de justificativas foi legitimado por um movimento de originalidade no pensamento cientificista brasileiro em relação às teorias raciais criadas com o intuito de promover um progresso brasileiro que precisaria lidar com um inconveniente após o decreto da abolição, os negros libertos.

Em *O espetáculo das raças* (1993), Lilia Schwarcz tem como objetivo entender a relevância e as transformações da teoria racial no Brasil entre os anos de 1870 e 1930. A autora enfatiza a dinâmica de construção de conceitos e modelos europeus e americanos como teoria para explicar o contexto nacional. No panorama temporal escolhido pela autora entre meados do século XVIII e XIX para sua análise, é a fase em que está situado o desmantelamento do período escravocrata em paralelo com o fortalecimento das cidades letradas com as influências do pensamento positivista, evolucionista e determinista que permeavam as ideias de um projeto nacional, introduzidos por intelectuais da época.

Dessa forma, com o contexto de fim da escravidão e a busca de uma história institucional local, sem as amarras de Portugal, começa então, a elaboração de um projeto político capaz de dar conta da visão determinista e pessimista, que considerava a sociedade brasileira fadada ao fracasso graças a presença de raças inferiores, ou lidar com a visão positivista, progressista, que tentava enxergar alguma maneira de fazer a sociedade brasileira progredir.

Um dos representantes da visão mais pessimista sobre a população brasileira do século XIX e XX foi Arthur de Gobineau. Em sua obra *Ensaio sobre as Desigualdades entre as Raças Humanas* (1853-1855), Gobineau criticava a mistura da raça ariana, superior, com a raça africana e indígenas por acreditar que essa mestiçagem levaria as civilizações ao perpétuo declínio, uma vez que esse cruzamento diminuía os níveis das fortes aptidões características da raça ariana como força, inteligência e beleza. Em solo brasileiro, o escritor francês que foi trazido para uma missão diplomática no país em 1869, descreveu o país que via assim:

> A enorme maioria da população brasileira é mestiça, resultado de misturas entre indígenas, negros e um pequeno número de portugueses. Todos os países da América, quer no Norte, quer no Sul, mostram hoje, de maneira irrefutável, que os mulatos, dos diferentes graus, não se reproduzem para além de um número limitado de gerações (READER, 1976: p. 185).

De outro ponto de vista, temos o caso exposto por Schwarcz em um de seus artigos, em que a historiadora descreve como o cruzamento racial podia ser a salvação do país, e João Baptista de Lacerda em Londres, médico e importante figura da política do embranquecimento nacional, foi o porta-voz dessas boas novas no Congresso Universal das Raças em 1911 (SCHWARCZ, 2011b). Ele representava o Brasil nessa reunião para compartilhar com diversos países a sua previsão de "uma espécie de mestiçagem redentora" que "apostava na seleção – branca – dos mais fortes, e com alguma fé" tendo como apoio a políticas de imigração (SCHWARCZ, 2011a: p. 228). A autora disserta sobre o que foi dito por Lacerda em sua ousada tese:

> "O fato é que a tese era abusada: em um século, e após três gerações, seríamos brancos. Lacerda havia chegado a essa conclusão a partir dos dados levantados por Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), o qual trabalhara, por sua vez, com estatísticas de 1872 e 1890. O então jovem antropólogo constatara que a população negra e indígena vinha declinando progressivamente, e que o embranquecimento da população era "fato cientificamente observado" (SCHWARCZ, 2011b: p. 228)

Conforme Schwarcz: "apesar de não sermos todos brancos em 2011, Lacerda era mesmo um bom profeta para seu tempo" (SCHWARCZ, 2011a: p. 228). Ou seja, ele era um porta-voz legitimado socialmente. Assim, perante essas teorias e, pela legitimidade de sua circulação, interpretamos que os negros eram declaradamente excluídos por serem considerados o atraso da civilização e, por conseguinte, criavam-se estratégias para compensar o retardo ofertado pelos negros, como a imigração de europeus. Logo, o esforço está para um pensamento nacional por um viés de exclusão e/ou um viés de branqueamento que se esforça para construir um imaginário da nação perfeita, que tem o europeu como ideal e os descendentes da África como recusa.

O declínio dessas teorias não representa o fim de seus efeitos. Isso porque mesmo que essas teorias não sejam mais executadas legalmente, a potência do estigma negativo relacionado ao negro promovido por essas teorias atrapalhou que os negros livres fossem inseridos na sociedade com todas os direito e deveres dos demais. No período de moder-

nização do país, a mão-de-obra negra não era mais requisitada quanto no período da escravidão, os donos das fábricas da época preferiam trabalhadores estrangeiros por acreditar que esses teriam uma capacidade adequada para tal função, mesmo que essas, fosse operar um simples maquinário industrial.

Assim, abandonados a sua própria sorte, não é difícil entender como parte dos sujeitos negros passavam também a assimilar o branco como superior e se afastar ao máximo de sua raça de origem. Para a população negra, o embranquecimento se torna parte de sua subjetivação na medida em que se busca ao máximo uma aproximação da persona daquele que é o modelo dominante e aceito socialmente. Para isso, o negro passa por mudanças em seus traços, hábitos, ritos religiosos e qualquer outra representação da cultura negra que, nesse passado não muito distante, era sinônimo de uma representação negativa. “Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, 2008: p. 28).

Esses impactos são assimilados de formas diferentes entre os indivíduos da população negra, mas, de certo, intervém na construção da identidade que acompanha o negro desde o seu nascimento. No livro *Claros e escuros*, Muniz Sodré (2015) salienta mais um elemento referente às questões discriminatórias que o negro vivência, isto é, a discriminação consigo mesmo. Sodré norteia que:

> Maior ainda, no entanto, pode ser o problema da autodiscriminação, devido à internalização pelo indivíduo escuro de imagens negativas sobre si-mesmo. Por que maior? Porque se trata de processos inconscientes de autodesvalorização, difíceis portanto de serem submetidos ao escrutínio político (SODRÉ, 2015: p. 235).

Em *Tornar-se negro* (1983) a psicanalista Neuza Santos Souza teoriza sobre a formação da identidade do negro, focando seus estudos na experiência do negro forjado em uma sociedade branca com impasses sociais, econômicos e emocionais que se desencadeiam nesses espaços “onde os lugares de poder e decisão são ocupados por brancos” (SOUZA, 1983: p. 73). Ainda para a autora (1983): “O racismo esconde seu verdadeiro rosto pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade do seu corpo e de sua história étnica e pessoal (SOUZA, 1983: p. 5).

A autora desenvolve sua teoria de que alguns sujeitos abdicam de sua negritude com o desejo de escapar das posições pré-determinadas, como posição de subalternidade e servidão. Essa negação destaca o apagamento de todo um passado marcado pela crueldade do sequestro de seus antecedentes do seu lugar de origem, "e o presente, no que tange a experiência da discriminação racial" (SOUZA, 1983: p. 73). Assim, interpretamos essa negação identitária do negro, a partir da concepção de Hall (2013), como sendo "uma das características mais comuns e menos explicadas do "racismo": a "submissão" das vítimas do racismo aos embustes das próprias ideologias racistas que as aprisionam e definem" (HALL, 2013: p. 314).

Ainda com base na perspectiva de Neuza Santos Souza (1983), podemos pensar uma possível explicação de como a imposição de um senso comum, imposto por uma classe hegemônica dominadora, funciona a tal ponto que leva a negação interna e externa do negro sobre si, pois:

> A ideologia aqui é entendida como um sistema de representações, fortemente carregadas de afetos que se manifestam na subjetividade consciente como vivências, ideias ou imagens e no comportamento objetivo como atitudes, condutas e discursos. A ideologia é um dispositivo social que serve aos fins de organizar um saber acerca dos mais diversos aspectos da vida humana, caracterizando-se por ser compartilhada pela comunidade como um todo, ou por um setor significativo da mesma, oferecendo coerência a seus integrantes em torno de crenças, fins, meios, valores etc. (SOUZA, 1983: p. 74).

Desse modo, nos atentamos para a produção de referenciais negativos sobre a cultura negra advindos de uma supremacia branca, que se naturaliza socialmente através dessa política do branqueamento forjando esse sentimento de busca por uma aceitação externa, ser aceito socialmente e internamente, aceitar sua descendência e sua singularidade. Essa constante busca por aceitação coloca esse sujeito negro dentro da lógica do branqueamento a custas de seu sofrimento psíquico e social.

Desde a infância, os negros veem seus semelhantes em papéis de figuração, ou como empregadas domésticas, motoristas, assaltantes, quando existe algum destaque para um personagem ele é o jogador de futebol, a negra da escola de samba, isso quando esses personagens negros são vistos. Destacamos aqui a narração do cineasta e autor do livro *A negação do Brasil - o negro na telenovela brasileira*, Joel Zito Araújo (2000). Na obra o autor investiga sobre como as telenovelas nacionais refletem o desnivelamento social da comunidade negra em favor da população branca e como esses produtos do audiovisual

brasileiro se torna mediado da identidade do indivíduo negro. Em seu documentário[35] que relata:

> As dificuldades que tive em guardar na memória a presença de atores negros nas novelas daquela época, certamente vieram da minha recusa em aceitar ver o meu grupo racial somente em papéis de pessoas em situações de inferioridade social e cultural (ARAÚJO, 2000).

A negação do autor de ver outras pessoas negras sempre nessa posição de subserviência, faz com que concordemos ainda mais com a fala de Neuza Santos que afirma: "Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro (SOUZA, 1983: p. 2).

Em suma, quando não faltam referenciais positivos para a comunidade negra, sobram representações estereotipadas, sexualizadas e inferiorizadas. O que nos faz compreender um pouco mais esse sentimento de fuga por parte do negro. Muitos colocam que essa fuga é sempre inconsciente, mas, mesmo que essa fuga do negro de sua negritude seja de forma consciente, acreditamos que este não é o problema mais urgente. A questão mais urgente que estamos desenvolvendo ao decorrer de todo esse texto é sobre essa atualização de mecanismo de estratégias racistas que – por meio de estratégias legais, institucionais, ideológicas e discursivas – reforçam o racismo cultural, o racismo comunitarista, racismo ecológico ou ambiental, racismo individual, racismo institucional, racismo primário e todas as práticas que fomentam esse racismo à brasileira.

[35] Fala retirada do documentário "A negação do Brasil". Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=EvNPhyS863o. Acesso em: 30/06/2021

3. A NARRATIVA DO SISTEMA OPRESSOR: CÚMPLICES E ANTAGONISTAS

"O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos."

- Simone de Beuvoir

Neste terceiro capítulo nos encaminhamos para – momentaneamente – o final de nossas pesquisas. Também aprofundaremos nossas reflexões a respeito do que nos fez começar este processo de escrita. Iremos, assim, fomentar e contribuir para um debate mais amplo, colocando em discussão um fenômeno que nos afeta intensamente. Isto é, como o sistema opressor cria uma narrativa que seduz os oprimidos ao ponto de fazer deles seus cúmplices. Na verdade, talvez a relação estabelecida seja de cobaia, ou uma relação de cumplicidade desigual em que um dos lados, o mais fraco deles, nunca alcança os resultados almejados mediante a este contrato social.

Por isso, construímos nosso corpus de pesquisa nos valendo do caso de pessoas negras que defendem e compactuam com uma ideologia que, ao nosso ver, nada faz além de propiciar a manutenção de uma sociedade racista. Focalizaremos nossas análises no recorte do caso de Fernando Holiday, aquele que categorizamos como intelectual orgânico a trabalho da burguesia, por serem "os 'prepostos' do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político" (GRAMSCI, 2000: p. 21). Logo, esses intelectuais ligados à burguesia são o contrário dos intelectuais orgânicos, que militam pelo grupo subalternizado, em específico, os negros.

Desse modo, opressores e oprimidos estão em constante briga pelo poder, antes as arenas para o combate se restringiam às interações políticas e socioculturais, agora, dividem espaço com os meios de comunicação digitais. Hoje, as ideologias são compartilhadas através de um *post,* através de um vídeo digital, ou até mesmo por uma foto publicada em uma rede social. E os soldados empenhados em validar essas novas estratégias de consenso são os influenciadores, também conhecidos como produtores de conteúdo. Através de nossas interpretações entendemos que o influenciador que defende a

ideologia neoliberal e se associa a políticas de direita são o que outrora Gramsci denominou de intelectuais orgânicos da burguesia, e aqueles influenciadores que se propõe a engajar seus conteúdos para uma mudança social que favoreça os subalternos e encaminhe a sociedade para uma verdadeira democracia, fundamentalmente antirracista, concebemos a eles a denominação de intelectuais orgânicos negros contemporâneos, conceito que explicaremos mais detalhadamente ao longo do capítulo.

Em relação a nossas análises, nos desafiamos a estabelecer um diálogo entre as teorias concernente aos estudos em Comunicação e os estudos da Linguística aplicada, dialogando com o referencial teórico-metodológico da Análise (Cartográfica) do Discurso[36]. Percebemos assim, o quanto a interdisciplinaridade favorece os mais diversos campos dos estudos acadêmicos, e permite que novas formas de olhar o mundo possam ser construídas.

3.1 O paralelo entre intelectuais orgânicos e intelectuais da burguesia

No livro *Cadernos do cárcere*, Gramsci (1999) apresenta sua crítica a respeito do processo da organização de trabalho que se articula entre a esfera da produção econômica e a vida social. Segundo o autor, nesse processo são estabelecidas algumas relações de poder entre as classes sociais, havendo uma divisão entre grupos dominantes e grupos subalternizados.

Consideramos que o autor italiano propõe, em cada desdobramento de sua teoria, a denúncia dos mecanismos sociais, políticos e econômicos que empreendem práticas de subserviência entre os grupos. Como já apresentado, esse estado de subserviência, ou nas palavras de Gramsci, de subalternidade de um grupo perante outro decorre a dominação pela força coercitiva, que são as medidas diretas e violentas de repressão do Estado ou como também por estratégias de imposição da concepção e mundo da classe dominante para a subalterna.

[36] Ainda que não tenhamos nos apropriado da proposta de Análise cartográfica do discurso de Deusdará e Rocha (2021), achamos ser importante já demarcar esse território, visto que, pelo próprio olhar cartográfico as coisas não têm um início ou fim marcados. Nesse sentido, a proposta dos autores dialoga com esta pesquisa e com o que nossos grupos de pesquisa já vinham e vêm realizando.

Sabendo que nenhuma atividade escapa do agenciamento humano, Gramsci nos faz ver que os intelectuais orgânicos que, bem antes dos meios de comunicação tradicionais ou modernos, mediavam as estratégias de difusão de ideias, crenças e valores entre as massas. Tal observação consta no texto do autor *A questão meridional*, escrito em 1926, no qual Gramsci descreve como a classe burguesa produziu de forma orgânica seus intelectuais e como eles se tornavam responsáveis por uma organização interna do seu grupo e uma promoção externa de seus valores atrelados aos interesses burgueses, procurando dar a eles uma característica universal e gerar um consenso ativo dos grupos subalternos. Esses valores, que interpretamos como uma ideologia burguesa, são transmitidos para a população como bons valores, uma vez que foram validados por uma classe superior. É por isso que o intelectual orgânico ligado à burguesia pode estar contribuindo para esse sistema por considerá-lo bom para ele e para seus pares.

Em contraponto, Gramsci aponta o quanto faltava para o grupo subalterno da Itália do século XX, os camponeses, exatamente esses sujeitos responsáveis por exercer ações para deslegitimar o poder dos grupos dominantes. Por exemplo, na época descrita pelo autor, entre os camponeses havia "[...] uma grande desagregação social; os camponeses, que constituem a grande maioria da população meridional, não têm nenhuma coesão entre si (...) (GRAMSCI, 2004b: p. 423). Conforme o autor a divisão da Itália essa época era:

> A sociedade meridional é um bloco agrário constituído por três estratos sociais: a grande massa camponesa amorfa e desagregada; os intelectuais de pequena e média burguesia rural; e os grandes proprietários agrários e os grandes intelectuais (GRAMSCI, 2004b: p. 423).

Diante dessa realidade, que se repete em algum grau nos tempos atuais, questionamos, qual seria o plano de fuga para escapar dessa estrutura que se divide em reforçar as hierarquias sociais? Desenhando uma possível rota de escape, Gramsci amplia a ideia de intelectual para novos propósitos, o de organizar a classe subalterna no intuito de unir forças e fomentar formas de enfrentamentos. Desse modo, para subverter essa realidade da classe subalterna, o autor descreve o quanto é necessário pensar em modos de romper com esse sistema de opressão que divide a sociedade entre dominantes e dominados. Nesse sentido, consideramos que Antonio Gramsci propõe uma atuação do intelectual orgânico de forma estratégica, para que esses possam orientar os sentimentos espontâneos

das massas para criar formas de conscientização e estratégias conjuntas de resistência às opressões que ocorrem no campo político, social e econômico.

Mostrando que a capacidade de se intelectualizar não é exclusiva a um indivíduo ou uma classe. Gramsci (1989), a nosso ver, amplia também a noção de que os papéis sociais não são fixos, de modo que um filho de operário não precisa estar preso à atividade braçal; ele pode atravessar os portões dessa fábrica e desenvolver sua capacidade intelectual por meio da educação, passando a transitar, assim, por novos espaços. Por meio dessa transgressão, este intelectual orgânico expande seus conhecimentos que serão utilizados de forma estratégica para a formação de uma nova moral e cultura.

Àqueles intelectuais orgânicos que se propuserem a entrar na disputa pela hegemonia cultural para a superação da condição de opressão histórica que aflige os subalternos, o autor recomenda que:

> (...) repetir constantemente, e didaticamente (de forma variada) os argumentos que concorrerão para a ampliação da visão das massas; e a elevação cada vez maior da cultura da massa, fazendo surgir dela mesma a elite de seus intelectuais, capazes de uma ligação teórica e prática. (GRAMSCI, 1989: p. 27).

Ao estabelecer um diálogo com a perspectiva gramsciana, Said (2007) enfatiza como o intelectual passa a trabalhar constantemente em oposição às formas institucionais de opressão e começa a disputar espaço na sociedade. Podemos nos valer dessa premissa para pensarmos no recorte da população negra com algumas ressalvas necessárias como fazem Rodriguez, Fonseca e Silva (2018), isso porque na concepção desses autores, apesar das abordagens mais democráticas como a de Gramsci e Said, ainda parece que "não há espaço para o intelectual negro na tradição ocidental" (RODRIGUEZ; FONSECA; SILVA, 2018: p. 344).

Dentre várias pistas que apontam para essa argumentação podemos destacar o modo como o Estado, no período colonial, colaborou com o projeto de extermínio da população negra como forma de interditar a emancipação dos negros nas sociedades. E como, a partir disso, se estabeleceu socialmente um conjunto discursivo de modo que os negros sofressem com esse sistema que tem o racismo como regente dos mais diferentes níveis de exclusão social sustentados por argumentos de caráter biológico e essencialista, utilizados para naturalizar a diferença racial. Rodriguez, Fonseca e Silva (2018) acrescentam à discussão como o problema não é somente pertencer à classe mais pobre, à

classe operária – como no contexto do intelectual orgânico de Gramsci –, mas é pela inegável condição dos negros.

Apesar dos obstáculos postos acima, evidenciamos como a população negra conseguiu produzir seus próprios intelectuais. De Maria Firmino à Cuti, os intelectuais negros estão presentes na sociedade e se mostram comprometidos com a luta contra a violência direcionada à comunidade negra. Desse modo:

> Nesse sentido, a produção intelectual do negro, e do negro enquanto intelectual ocorre(ram) a partir de dois eixos que, tomando as noções de Ana Lúcia Silva Souza, podemos inscrever em uma dupla camada: resistência e reexistência, articulando "[...] a militância política e a produção do conhecimento sobre a realidade étnico-racial a partir de sua própria vivência racial" (GOMES, 2010: p 496).

Nilma Lino Gomes (2010) bem pontua a própria origem a vivência do intelectual negro apresenta distinções do intelectual orgânico. A autora, assim, apresenta uma perspectiva racializada para o conceito que conhecemos em Gramsci. Gomes (2010) disserta:

> A própria origem, vivência e atuação desse sujeito social e político nos orienta a ir mais além. Parto do pressuposto de que existem diferentes maneiras de ser intelectual negro e negra. Nem todos são partícipes de pensamentos e produção emancipatórias. Há aqueles que se nutrem das ideias conservadores e outros não. Há aqueles que possuem uma relação mais orgânica com o Movimento Negro e outros não. Alguns produzem conhecimento mais ampliado e de maior reconhecimento acadêmico e outros nem tanto. Há diferenças de gênero entre ser homem e mulher negra e localizar-se no terreno da intelectualidade (p. 424).

Valendo-nos do conceito de intelectual orgânico promovido pelo pensamento gramsciano e, aliados a visão dos autores Said e Gomes, compreendemos que é necessária uma categoria específica para o intelectual orgânico pertencente ao grupo étnico-racial negro no contexto brasileiro. Por isso, a esses atores sociais denominaremos de intelectual orgânico negro contemporâneo. Essa categorização parte da nossa compreensão do serviço desses atores negros ao fazerem com que outros negros, e também brancos, entendam o impacto existente entre as opressões de classe, como também as opressões racializadas. O contemporâneo aqui designa a relação desse intelectual com as redes sociais do nosso tempo, e está disputando sentidos com os demais influenciadores que seguem a lógica do mercado neoliberal. Ou seja, conduzem a gestão de seus conteúdos seguindo uma mentalidade empresarial, são empreendedores de si, em busca de sucesso, fama, divulgando e vendendo produtos e tornando-se eles mesmos os produtos.

Entretanto não estamos com isso ignorando o fato de que os intelectuais orgânicos negros contemporâneos precisam se sustentar e, por isso, não conseguem nem podem fugir completamente a essa lógica mercantil e precisam monetizar seus vídeos e seus trabalhos como um todo. Ainda assim, são produtores de conteúdos visando a educação e o empoderamento da população negra e branca, pois consideramos que a mudança social para atingir seu objetivo, dever visto como um esforço em conjunto.

Notamos o quanto esses intelectuais orgânicos negros contemporâneos têm se expandido nos recortes mais diversos no ambiente midiático, compartilhando saberes e conhecimentos de forma inteligência e criatividade para elucidar sua audiência sobre as mazelas do racismo e, para além disso, esses agentes sociais colaboram com a valorização e perpetuação da cultura negra através das gerações. Diante disso, como contribuição nossa, queremos apresentar dois exemplos de pessoas que consideramos atuar como intelectual orgânico negro contemporâneo:

Spartakus Santiago[37]: "um youtuber negro, gay e nordestino de 26 anos que busca, de forma didática, debater questões sociais através da cultura pop"[38]. Publicitário formado pela Universidade Federal Fluminense, Spartakus utiliza as plataformas digitais para promover debates sobre empoderamento negro, meritocracia, ideologia de gênero, racismo, *pink money* e outros tantas discussões que se tornaram populares nos últimos anos.

A maioria dos debates que o baiano promove está em seu canal do YouTube. Segundo La Veja, Beatriz e Cerqueira (2012) essa plataforma é um ótimo espaço para comunicar sobre diversos temas explorando vários estilos de linguagem e públicos. Para os autores:

> Na plataforma, é possível encontrar vídeos feitos por todas as classes sociais, sobre os mais diversos temas, nas mais diversas durações e formatos, produzidos em diferentes tecnologias. Constitui, portanto, um espaço bastante democrático e heterogêneo (LA VEGA; BEATRIZ; CERQUEIRA, 2012, p. 9).

[37] Em vídeo o youtuber responde que Spartakus é seu nome de nascença e não um nome artístico. Seus pais se inspiraram no filme de mesmo nome "Spartacus de 1960" dirigido por Stanley Kubrick. Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=WmuXwrdvdbk&ab_channel=spartakus Acesso em 29/01/2021.
[38] Disponível: https://www.facebook.com/spartakusvlog/about/ Acesso em 29/01/2021.

O canal de YouTube de Spartakus já atingiu a marca de 235 mil inscritos[39]. Mais seis milhões de pessoas já visualizaram seus vídeos que, segundo o próprio *youtuber*, esses conteúdos têm uma perspectiva mais didática sobre essas questões sociais, descomplicando a forma rebuscada ou muito formal, de como esses assuntos são apresentados em outros veículos e formatos. Spartakus, em entrevista ao Correio[40] relata:

> "Há 20 anos, a televisão, os jornais e os meios de comunicação de massa eram feitos por homens brancos heteronormativos. Os negros, as pessoas LGBTs e as mulheres não tinham espaço. É uma revolução. Falar sobre o nosso lugar no mundo é uma forma de ajudar a vida das outras pessoas e fazer com que elas possam se empoderar. Ao mesmo tempo é complicado, porque o que eu faço é muito novo. Faço parte de um movimento de YouTubers negros, feministas, LGBTs, que está transformando e fazendo conteúdo relevante e não só mergulhando numa banheira com meleca. Mas estamos descobrindo como isso funciona. Temos que falar de pautas necessárias, ao mesmo tempo, entreter".

Outro exemplo é Nátaly Neri, colega de plataforma de Spartakus, *youtuber* negra que faz uso das plataformas digitais para falar sobre empoderamento negro. O projeto começou quando a jovem ainda estava na faculdade de Ciências Sociais. Hoje, quase seis anos depois, Nátaly fala para mais de 777 mil inscritos[41] sobre raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, *slow living*, amores, e outras categorias que unem os temas comuns à juventude de quem frequenta a plataforma com uma responsabilidade racial e social muito importante.

Entre os muitos vídeos de seu canal, selecionamos o intitulado: "A importância da estética e autoestima negra: Geração Tombamento é Política?[42]", que tem como base para o roteiro livros de autores como Kabengele Munanga (*Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra);* Neusa Santos Souza (*Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*); Nilma Lino Gomes (*Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*). São obras que ganham maior projeção fora do ambiente acadêmico graças a trabalhos como o de Nátaly, pois são mais de 32 milhões de visualizações que a youtuber acumula no seu canal. Nas palavras da própria criadora de conteúdo: "Por meio de vídeos

---

[39] Disponível em: https://www.YouTube.com/c/spartakus. Acesso em 02/11/2021.

[40] Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/03/31/interna_diversao_arte,746407/spartakus-santiago.shtml. Acesso em 29/01/2021.

[41] Disponível em: https://www.YouTube.com/c/NatalyNeri. Acesso em 02/11/2021.

[42] Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=srKdoOEbjeg&t=1s&ab_channel=N%C3%A1talyNeri. Acesso em 10/01/2021.

humanos e simples, feitos com muita honestidade e dedicação, quero incentivar o desejo de busca por autonomia intelectual, mental e de consumo”[43].

A vista disso, elaboramos um breve mapeamento de criadores de conteúdos negros que associamos a categoria de intelectual orgânico negro contemporâneo. No anexo C consta a tabela para destacar outros criadores que trabalham com a causa antirracista como: Samuel Gomes (@samuelgomes), Gabi Oliveira (@gabidepretas), Bianca Della-Fancy (drag) (@biancadellafancy), Nathália Rodrigues (@nathfinancas), Jacy Carvalho (@jaycarvalho), Pretinhas Leirotas (Helena e Eduarda) (@pretinhasleitoras).

Os exemplos citados nos permitem entender que é por intermédio desses intelectuais orgânicos negros contemporâneos que a produção intelectual negra atinge outros espaços e floresce, eles colocam em diálogo as vivências étnico-raciais, as produções artísticas negras e toda a diversidade que o conhecimento eurocêntrico[44] que ainda impera nas sociedades ocidentais, se empenha em sufocar. Em cada vídeo publicado por *youtubers* negros, comprovamos a relevância da existência de intelectuais orgânicos negros que, por sua vez, reconhecem o quanto que fortalecemos nossas batalhas apoiando uns aos outros.

Como abordamos, com base na perspectiva de Neusa Souza Santos (1983), a vivência de diferentes experiências sociais de subordinação, desigualdade e exclusão de diversos grupos, seja por sua raça, classe, gênero ou por outras categorias que representam algum tipo de opressão, passam a ser interpretadas de diferentes modos entre os subalternizados. É preciso considerar a subjetividade dos indivíduos mesmo que, em nossa percepção, determinadas atitudes possam enfraquecer nossa “guerra de posição”[45], outro

[43] Disponível em: https://www.YouTube.com/c/NatalyNeri/about. Acesso em 09/01/2021.

[44]Não seria possível explicar de outro modo, satisfatoriamente em todo caso, a elaboração do eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e seus dois principais mitos fundacionais: uma ideia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa. E dois, outorgar sentido às diferenças entre Europa e não-Europa como diferenças de natureza (racial) e não de história do poder. Ambos os mitos podem ser reconhecidos, inequivocamente, no fundamento do evolucionismo e do dualismo, dois dos elementos nucleares do eurocentrismo (QUIJANO, 2005: p. 111).

[45] Trata-se de uma estratégia pela hegemonia, um processo orgânico e revolucionário para causar rupturas no poder da classe dominante. Ou seja, “visando à conquista de posições e espaços (‘guerra de posição’), da direção político-ideológica e do consenso dos setores majoritários da população, como condição para o acesso ao poder de Estado e para sua posterior conservação” (COUTINHO, 1989: p. 89).

conceito cunhado por Gramsci (1999), que fala sobre uma estratégia por parte dos subalternos pela hegemonia, pelo poder e pela transformação do senso comum.

Desenvolver uma subjetividade negra em um país estruturalmente racista, em que negros só aparecem em livros de história quando é narrado o período da escravidão do Brasil, ou ganham protagonismo nos telejornais policiais sensacionalistas associados à criminalidade e não no protagonismo de uma novela das oito, é um dos primeiros embates que o afrodescendente brasileiro enfrenta em sua vida, mesmo que ele não tenha consciência disso. Por isso, antes de debatermos a questão de negros filiados aos interesses da classe dominante, precisamos pontuar que não queremos fortalecer afirmações como "o pior racista é o próprio negro". Nos interessa investigar os efeitos de crescer sem referências positivas sobre a negritude e ser permeado pelo que acreditamos ser novas articulações do racismo, potencializados pela ascensão do discurso neoliberal e as novas estratégias dos meios de comunicação.

Na pesquisa realizada por Roberta Calixto[46], intitulada "SOU DALTÔNICO, NÃO VEJO CORES: *Novas [velhas] estratégias de manutenção do racismo no Brasil neoliberal*, a autora propõe uma análise do fortalecimento de discursos políticos que "utilizam de corpos negros para reforçar ideias racistas e neoliberais visando a legitimar ações que atacam direta ou indiretamente a vida das pessoas pretas brasileiras (...)". Entre as figuras negras escolhidas para sua análise estão Hélio Fernando Barbosa Lopes, Sérgio Camargo e Fernando Holiday.

Hélio Fernando Barbosa Lopes, conhecido como Hélio Bolsonaro, sobrenome que "pegou emprestado" de seu amigo de quartel, Jair Messias Bolsonaro, foi eleito deputado federal do Rio de Janeiro com o maior número de votos nas eleições de 2018. Na época, ele e o atual presidente concorriam filiados ao Partido Social Liberal (PSL), fundado pelo empresário pernambucano Luciano Bivar em 1994, que tem por ideais o liberalismo econômico, iniciativa privada, federalismo, governo limitado, Estado de Direito e Império da Lei, Conservadorismo, Democracia Representativa, Transparente e Plural. Além desses presentes no portal online oficial do PSL, de direita, apresenta a "Qualidade de vida com

[46] Roberta Calixto faz parte do grupo Práticas discursivas na produção de identidades sociais: Fatores humanos, organizações, trabalho, tecnologia e sociedade, e é mestra pelo programa de Mestrado de Relações Étnico-Raciais.

inclusão social”[47] como um dos seus ideais. Para isso, defendem que “Devemos combater o clientelismo, diminuindo a interferência de políticos e burocratas e fazendo com que os próprios indivíduos sejam protagonistas de sua história”, o que, ao nosso ver, é totalmente oposto ao sentido de prezar por uma qualidade de vida com inclusão social que abrace todos os extratos da nossa sociedade, caso o propósito seja realmente a inclusão social de todos.

Apesar desses ideais contraditórios, o partido teve protagonismo em 2018 nas eleições que citamos, de Bolsonaro e Hélio Bolsonaro, que podem ter sido promovidas pela aliança que os dois desenvolveram ao longo do período eleitoral. Nesta relação, construída como uma amizade sincera, Hélio Bolsonaro foi o fiel amigo negro de Bolsonaro que legitimava os discursos do futuro chefe de estado e também deslegitimava, para a opinião pública, qualquer acusação de racismo a Bolsonaro. Vemos o emprego da lógica “eu não sou racista, tenho até amigos que são negros”, uma vez que Bolsonaro tem um amigo e companheiro de campanha negro, o mesmo não poderia ser capaz de atitudes racistas.

Ilustrando o que acreditamos ser uma manobra política, Calixto (2020) descreve em seu texto que o vínculo político entre Jair Bolsonaro e Hélio se intensificou quando o candidato a presidente foi acusado de racismo “após uma fala no Clube Hebraica do Rio de Janeiro em que comparou quilombolas a bois” (p. 133). Para defender Bolsonaro diante desse evento Hélio afirma que "Bolsonaro não é racista, e eu sou a prova disso" (CALIXTO, 2020: p. 133).

Outro nome emblemático é o de Sérgio Camargo, o jornalista indicado por Jair Bolsonaro para a presidência da Fundação Palmares teve a sua nomeação suspensa pela vara da Justiça Federal do Ceará no fim de 2019. No entanto, um dia depois “o presidente do STJ atendeu a um pedido da Advocacia-Geral da União (AGU) e reverteu a decisão da Justiça Federal do Ceará que suspendia a nomeação, o que permitia a volta de Camargo à função”[48]. Ainda sobre Camargo,

[47] Disponível em: https://psl.org.br/opsl/#nossos-ideais. Acesso em: 25/09/2021.
[48]Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/04/defensoria-entra-com-recurso-para-tirar-sergio-camargo-da-fundacao-palmares.htm. Acesso em: 25/09/2021.

> Embora seja filho do ilustre poeta Oswaldo de Camargo, expoente não só por sua literatura como também pela militância no movimento negro, Sérgio Camargo não mede esforços para atacar as pautas construídas por seu pai e suas declarações são frequentemente tentativas de deslegitimar as ações do "movimento negro" e da "esquerda" que impregna o movimento negro (CALIXTO, 2020: p. 134).

Devido à conjuntura de desgoverno atual – cujas ações parecem estar voltadas para o extermínio de qualquer avanço produzido por movimentos sociais, como os movimentos negros –, admitimos ser totalmente coerente a escolha da nomeação de um sujeito que, apesar de negro, não se acanha em proferir declarações como "a escravidão foi terrível, mas benéfica para os descendentes"[49] ou, mais recentemente, que em uma reunião gravada sem sua autorização, Sérgio Camargo declara: "Não tenho que admirar Zumbi dos Palmares, que pra mim era um filho da puta que escravizava pretos. Não tenho que apoiar o Dia da Consciência Negra"[50]. Lembrando que a Fundação Palmares carrega esse nome como forma de homenagear Zumbi dos Palmares, líder quilombola, que morreu defendendo os seus, responsável por ajudar na fuga de muitos negros escravizados e formando o que foi considerado o maior quilombo do país.

Com base nos referidos discursos, afirmamos que as práticas do atual presidente da Fundação Palmares apontam para propósitos de desmonte contraditório aos ideais da Fundação Palmares, uma vez que o órgão que tem por objetivo "a promoção e preservação da cultura negra e afro-brasileira"[51].

> São 24 anos atuando em parceria com a sociedade e o movimento negro em defesa dos quilombolas, das religiões de matriz africana e das ações afirmativas com o objetivo de eliminar as desigualdades históricas e as discriminações raciais, étnicas e religiosas (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2012).

Além dessas declarações de Sérgio Camargo e a proposta da Fundação Palmares, existe um forte repúdio de parte da população negra diante da figura de Camargo e suas atitudes. Mais de 200 organizações ligadas aos Movimentos Negros estão processando o jornalista, isso representa o sentimento coletivo que fez com que esses Movimentos, por mais plurais que sejam, se unam para mobilizar uma ação civil pública contra a exclusão

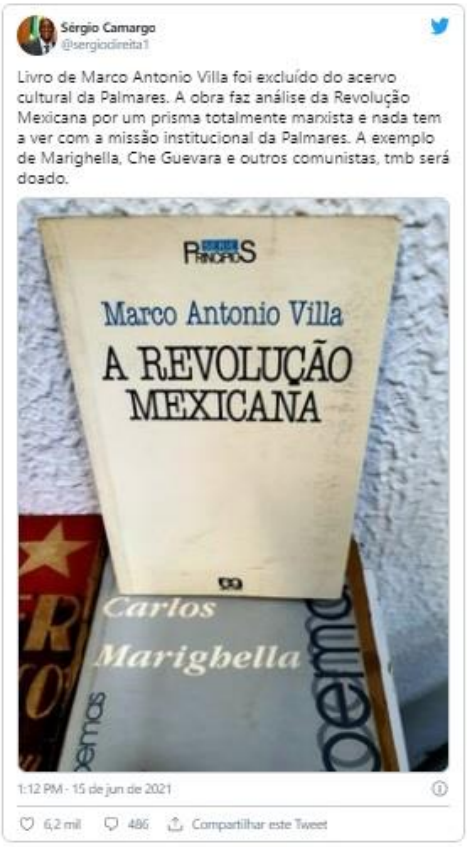
---

[49] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/presidente-da-fundacao-palmares-nomeado-por-bolsonaro-diz-que-brasil-tem-racismo-nutella.shtml. Acesso em: 25/09/2021;
[50] Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/02/sergio-camargo-presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita-em-reuniao.ghtml. Acesso em: 25/09/2021.
[51] Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=22391. Acesso em: 25/09/2021.

de obras do acervo da instituição que Camargo considerou impróprio, seja por uma "temática alheia à negra" ou ter relação com "sexualização de crianças", "manuais de greve", "bizarrias", "pornografia e erotismo"[52].

Obras dos autores Karl Marx, Simone de Beauvoir, Lênin, Max Weber, Celso Furtado, Carlos Marighella e Marco Antônio Villa estão entre 54% de títulos da biblioteca da Fundação Palmares censurados no relatório intitulado "Retrato do Acervo: A Doutrinação Marxista na Fundação Cultural Palmares 1988-2019"[53]. Segundo Camargo, os livros serão destinados para "um lar que os acolha, nem que sejam cursos de humanas das federais". Este comentário foi publicado na conta do Twitter de Sérgio Camargo, nesta mesma rede social, o jornalista chegou a mostrar a capa de duas obras censuradas por ele, mas sem "julgamentos subjetivos na triagem".

Figura 3: Sérgio Camargo no Twitter.



[52]Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/grande-angular/grupo-de-200-organizacoes-do-movimento-negro-processa-sergio-camargo. Acesso em: 25/09/2021.
[53]Disponível em: https://www.opovo.com.br/vidaearte/2021/06/18/fundacao-palmares-retira-obras-do-acervo-e-cita--dominacao-marxista--e-sexualizacao-infantil.html. Acesso em 18/03/2021.

Mais um nome citado por Calixto, e o nosso recorte de análise, é o de Fernando Holiday, jovem negro, homossexual, "eleito como o vereador mais jovem da história do município de São Paulo, aos 20 anos, com 48.055 votos. Com uma história similar à de muitos negros, Fernando Silva Bispo, antes de se autointitular Fernando Holiday, nasceu em São Paulo no dia 22 de setembro de 1996. Foi educado pela mãe, D. Maria, auxiliar de limpeza, e teve uma infância pobre. Cresceu no bairro Cohab 5, em Carapicuíba, e estudou em escolas públicas durante toda a infância e juventude, até se formar no ensino médio em 2013 e cursou Direito no Instituto de Direito Público.[54] Em janeiro de 2015, se juntou ao Movimento Brasil Livre (MBL), onde ganhou notoriedade nacional ao liderar as manifestações que resultaram no processo de impeachment da então presidente da república, em agosto de 2016.[55] Para uma atualização do leitor, no ano de 2021 Fernando Holiday anuncia a sua saída do MBL.

O jovem vereador é sempre enfático ao se posicionar e compartilhar de forma pública opiniões sobre temas polêmicos, como sua declaração a respeito das secretarias especiais que tratam de racismo e homofobia. Para ele, essas medidas aumentam a segregação e o preconceito. Mesmo sendo negro e homossexual, Holiday afirma: "Não devem ter direitos a menos, mas também não devem ter direitos a mais"[56]. Para além do espaço político, em seu canal do YouTube, Holiday consegue atingir uma parcela da população que busca e/ou se depara com meios alternativos para a obtenção de informações de pautas políticas e posicionamento sobre os assuntos efervescentes na sociedade.

Um dos temas mais recorrentes na sua pauta política e temática das redes é a sua opinião sobre as cotas, um dos vídeos de seu canal, por exemplo, é intitulado "Por que sou contra as cotas raciais?"[57], em cuja capa do vídeo está a afirmação "Sou Contra!" O vídeo atingiu 5,3 mil visualizações em menos de 24 horas de sua postagem. Em outras redes, esse mesmo ponto de vista é reiterado de outras formas:

---

[54] Disponível em https://www.facebook.com/pg/fernandoholiday.mbl/about/?ref=page_internal Acesso em 19/01/2021.
[55] Disponível em: https://www.saopaulo.sp.leg.br/vereador/fernando-holiday/. Acesso em 19/01/2021.

[56] Disponível em: https://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/vereador-eleito-em-sao-paulo-fernando-holiday-defende-fim-de-secretarias-para-negros-e-lgbts/. Acesso em 21/01/2021.
[57] Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=_I6SkjoiWz4 Acesso em 24/01/2021.

Figura 4: Fernando Holiday no Facebook.



A imagem refere-se a uma postagem publicada em seu Facebook com a seguinte legenda: “Uma grande vitória rumo à liberdade! As cotas raciais são um semblante moderno do racismo!”[58]. Essa legenda acompanha uma arte composta por uma imagem em que Holiday aparece sorrindo e na frente dele está um texto caixa alta que diz: “Vitória contra as cotas raciais! Projeto de Fernando Holiday que acaba com as cotas em São Paulo foi aprovado na CCJ, recurso apresentado também foi aprovado pelo plenário e o projeto avançará na câmara municipal”. Essa postagem, veiculada no dia 9 de setembro de 2020, teve mais de 13 mil curtidas e um total de 3.714 compartilhamentos.

Hélio Bolsonaro, Sérgio Camargo e Fernando Holiday são o que Calixto denomina de “cidadãos negros de bem”. Figuras relevantes no cenário político atual e nas redes sociais, por seus discursos e atitudes que reforçam discursos reacionários e racistas em escala nacional (CALIXTO, 2020: p. 131). Negros alinhados à ideologia direitista,

[58] Disponível em: https://m.facebook.com/fernandoholiday/photos/a.1565465310358296/2737932673111548/?type=3&source=57 Acesso em 08/09/2021.

conservadora e nacionalista, que supomos ser reflexo de efeitos maléficos da política do embranquecimento que atravessa as subjetividades desses sujeitos negros.

Tendo consciência dessa complexidade, nos valemos do caso de Fernando Holiday para sustentar nossa percepção de que ser forjado por essa sociedade estruturalmente racista atua na produção do sujeito, de modo que ele pode criar uma relação de cumplicidade com o grupo opressor, o mesmo responsável pelas ideias discriminatórias e preconceituosas que os negros ouvem e sentem desde seu nascimento. Para Almeida, "o racismo como ideologia molda o inconsciente" (2018: p. 50). O autor complementa:

> "Ou seja, a vida cultural e política no interior da qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formamos seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridas no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida "normal", os afetos e as "verdades", são, inexoravelmente, perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir" (ALMEIDA, 2018: p. 50).

Diante disso, nos questionamos sobre o quanto essas agressões estruturais, sociais e ideológicas fizeram de Holiday o negro descrito por Neuza Santos, um negro com uma identidade contraditória que nega seu passado e seu presente para alcançar os privilégios destinados a população branca ou, simplesmente que suas atitudes são o reflexo da sua fiel crença na ideologia advinda do opressor. Ideologia essa que precisa ser defendida e preservada. Dentro dessas consequências, para além dos possíveis danos que o racismo causou e causa para a experiência subjetiva de Holiday, o mesmo se torna porta-voz dos discursos ideológicos que impuseram e reforçam o lugar de pobreza para sua classe de origem, a comunidade negra.

3.2 Análise discursiva entre formas e conteúdos

A análise do discurso, referencial teórico que fundamenta os recortes metodológicos desta pesquisa prevê a reflexão sobre os discursos a partir da análise de marcas linguísticas e pistas que ajudam a construir o corpus de investigação. Recorre-se a esse referencial, para problematizar como discursos racistas são produzidos e impactam a sociedade, com maior foco nos negros que além de sofrerem as consequências desses discursos, os propagam.

Para seguir o percurso de nossas análises, nos filiamos a abordagem bakhtiniana

que ilumina sobre a função dialógica dos discursos. Conforme aponta Bakhtin, o indivíduo é altamente interpelado por signos culturais que são produzidos e produzem sentidos respectivamente (BAKHTIN, 2006). O que consumimos não só retrata como refrata as representações das relações sociais segundo as ideologias hegemônicas que operam socialmente. Tal pressuposto teórico nos permite estabelecer argumentações sobre a organização social que se dá, primeiramente pelo racismo, sistema que estrutura e hierarquiza a sociedade e, não muito distante dessa predestinação, pela mídia, instituição mediadora de subjetividades e comportamentos.

No que se refere a mídia e suas práticas comunicativas, compreendemos em Maingueneau que a mídia é mais que uma "máquina de recortar e fazer circular enunciados" (MAINGUENEAU, 2006: p. 1), é também uma potente máquina de formar e reformar enunciados, produzir e reproduzir ideologias. Assim, plataformas como YouTube, Facebook e Twitter podem ser entendidas como difusoras de discursos que intervém nas relações socioculturais. Por isso, seu processo da mediação pode ser capaz de influenciar positivamente, ou reforçar sutilmente ideias de distinção e segregação que, consequentemente, se encaminham para o inconsciente do ser.

Nesse sentido, parece-nos coerente a aproximação com o conceito de linguagem-intervenção sistematizado por Décio Rocha (2006; 2014), a partir do qual entendemos que a linguagem, mais do que meramente refletir uma dada realidade, atua em sua construção. Em seus textos, Rocha (2006) sistematiza ideias que consideram a linguagem além da sua capacidade de representação, isso porque, para interpretar uma fala, um enunciado, um discurso, o sujeito procura no mundo referenciais para a produção de sentidos, e projeta nesse mundo sentidos construídos na linguagem.

Rocha (2006) nos mostra que, em diversos contextos, a capacidade de intervenção da linguagem se torna maior que sua função de representação, visto que, quando o enunciador se refere a algo, seleciona palavras, discursos, evoca memórias e experiências, participando efetivamente da construção da realidade. Uma relação que rompe com qualquer noção de neutralidade no que diz respeito às práticas discursivas, ao contrário disso, torna-se uma questão de ponto de vista.

Neste ponto, recordamos a visão gramsciana que, ao analisar os embates pela hegemonia brilhantemente o modo estratégico como o poder coercitivo é posto em segundo plano para que os modos de trabalhar o poder através da hegemonia ganhem força e protagonismo na sociedade. Essa é a jogada mais bem orquestrada do opressor que, não só joga com os nossos corpos como também as nossas mentes.

É diante dessa aproximação entre esses autores que embasamos nossas teorizações para interpretar a relação entre subjetividade e práticas discursivas, e, de forma mais aprofundada, os efeitos produzidos nas subjetividades dos indivíduos a partir de determinados discursos, sejam eles verbais ou não verbais. Vejamos, um sujeito negro, confrontado por uma massa de discursos que dizem que lugar de negro não é na universidade ou em cargos que refletem uma posição de prestígio, tende a não criar associações positivas a respeito do seu grupo de origem, e, por consequência, não cria uma memória discursiva positiva para ele mesmo.

> A subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos "matemas do Inconsciente", mas também nas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, lingüísticas, que não podem ser qualificadas de humanas (GUATTARI, 1992: p. 19-20).

Dialogando com Deleuze, Rocha (2006) nos faz ver ainda que, o modo como discursamos sobre o mundo, corresponde ao mundo que queremos construir para nós e para os outros. Em uma perspectiva ampliada podemos relacionar que, as ideologias de mundo narradas pelo Estado neoliberal, dizem respeito ao mundo em que esse Estado quer que vivamos, para tanto, nossas subjetividades passam a ser moldadas para que a realidade construída pela intervenção desses discursos se mantenha no controle do segundo os propósitos desse sistema.

É por isso que o conceito de linguagem-intervenção é pertinente para este estudo. Esse conceito norteia como existe um agenciamento do sujeito na produção da realidade e que pessoas passam a se filiar ou não a essas realidades que determinado enunciador apresenta. Por isso que, ao se pretender investigar sobre as práticas linguageiras, segundo as implicações de Rocha (2014), não se deve esquecer "das determinações que lhe designam precisamente o lugar que ele (enunciador) ocupa e o esquecimento de que ele seleciona um enunciado (e não um outro) que já se encontra previsto no campo da formação discursiva considerada" (ROCHA, 2014: p. 621).

Por exemplo, em meios aos discursos que perpassam o imaginário nacional, muitos deles negam o racismo, essas são abordagens linguísticas que ganham amplitude no social. Assim, estabelecemos um diálogo com o linguista francês Oswald Ducrot (1981) que nos apresenta como se dá o exercício argumentativo no processo das trocas enunciativas, concordando com a visão bakhtiniana da função responsiva dos enunciados. Ou seja, quem fala quer causar algum efeito sobre quem ouve.

> o uso de uma frase é um fenômeno interindividual, acontecendo na história das relações entre vários indivíduos: o falante usa porque que a situação em que se encontra perante as pessoas que cercá-lo (destinatários e ouvintes) o conduz, ou pelo menos permita que ele o faça; e se ele usa, é por outro lado que busca, graças a ela, produzir algum efeito sobre aqueles para quem ou para quem ele fala (ANSCOMBRE; DUCROT, 1997: p. 16, tradução nossa).

Tendo por base essas considerações, ousamos dizer também que, na prática da interação verbal, além da solidariedade entre os interlocutores, e o fator humanizador favorecido pelo diálogo de que comentamos, a interação verbal nos apresenta também a camada de disputa existente e sempre retomada por meio dessas trocas. É nesse ponto que as formulações de Ducrot nos são valiosas, como a sua perspectiva sobre negação polêmica.

A negação polêmica é, por sua vez, uma atitude responsiva que, ao mesmo tempo contrária, nega e contesta o discurso do outro. De forma individual ou coletiva, compreendemos assim que, o nosso imaginário social é composto por uma gama de negação. Negam o indígena, os africanos, seus descendentes, negam-se a eles, o direto à saúde, educação, políticas afirmativas, e também mesmo negam a valorização de suas identidades por meio de discursos que negam a beleza que há no ser e no grupo racial que foi marcado para ser subalternizado.

3.3 Percurso de Análise e Categorias Analíticas

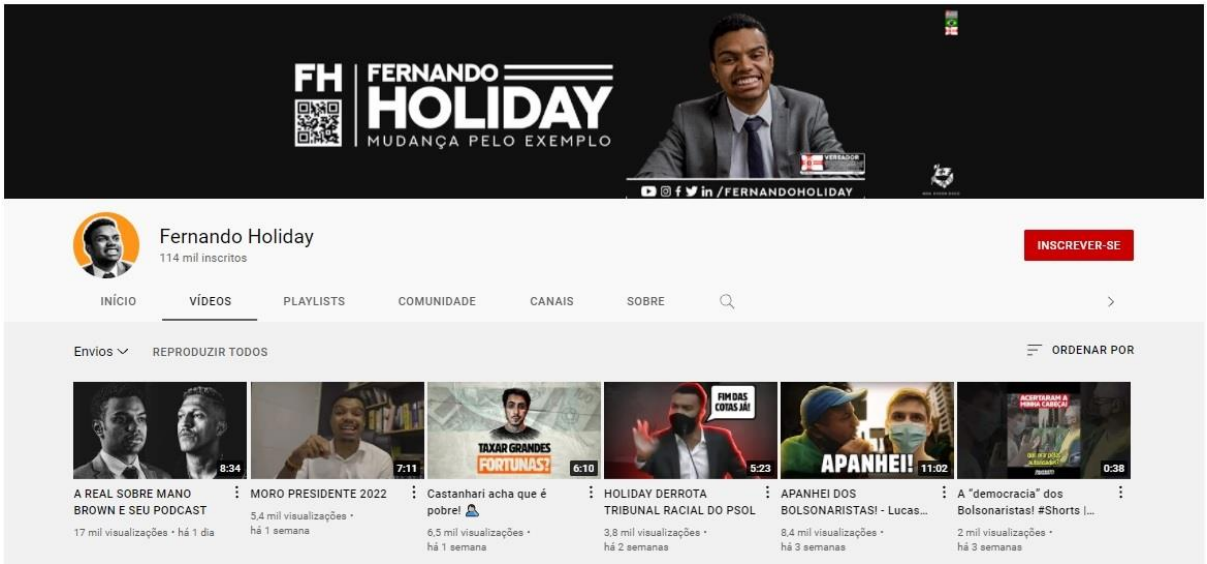
Para dar conta dos objetivos propostos para esta pesquisa, a metodologia de análise foi estruturada a partir do seguinte percurso, começamos por observar as redes sociais do vereador e produtor de conteúdo digital Fernando Holiday, por ser encaixar no perfil

da persona que estamos problematizando, o de influenciadores negros que produzem conteúdos fazendo um caminho inverso do que defendemos ser uma luta antirracista.

Nessas buscas nos deparamos com o seu canal de YouTube. Nessa plataforma, criada em 2005[59] nos Estados Unidos, qualquer pessoa pode produzir e divulgar seus vídeos contanto que esteja dentro das diretrizes da plataforma. Ainda assim, o YouTube ganhou fama por ser um espaço – aparentemente – de fácil acesso para todos, tanto para consumo quanto para se tornar um produtor. Entre as vantagens de produzir conteúdo nessa plataforma em específico está o fator de alcance e a monetização que um vídeo gera para o criador e a plataforma.

Ao entrar na homepage do canal de YouTube de Holiday nos deparamos com o que consideramos ser o mundo aos olhos de Holiday. Tal consideração é devido a como seus vídeos seguem um editorial específico que se alia com a sua atuação enquanto político e militante de direita.

Figura 5: Canal de Youtube Fernando Holiday



[59] O YouTube foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em fevereiro de 2005, nos Estados Unidos. Comprado pela Google em 2006, o site permite que os usuários compartilhem vídeos e interajam com seus autores através de comentários. O YouTube chegou ao Brasil em junho de 2007, com a versão em português da plataforma. Na mesma época, o YouTube também expandiu seus negócios para a Europa e Japão. Disponível em: https://canaltech.com.br/empresa/YouTube/. Acesso em: 5/10/2021.

Figura 6: Canal de Youtube Fernando Holiday.

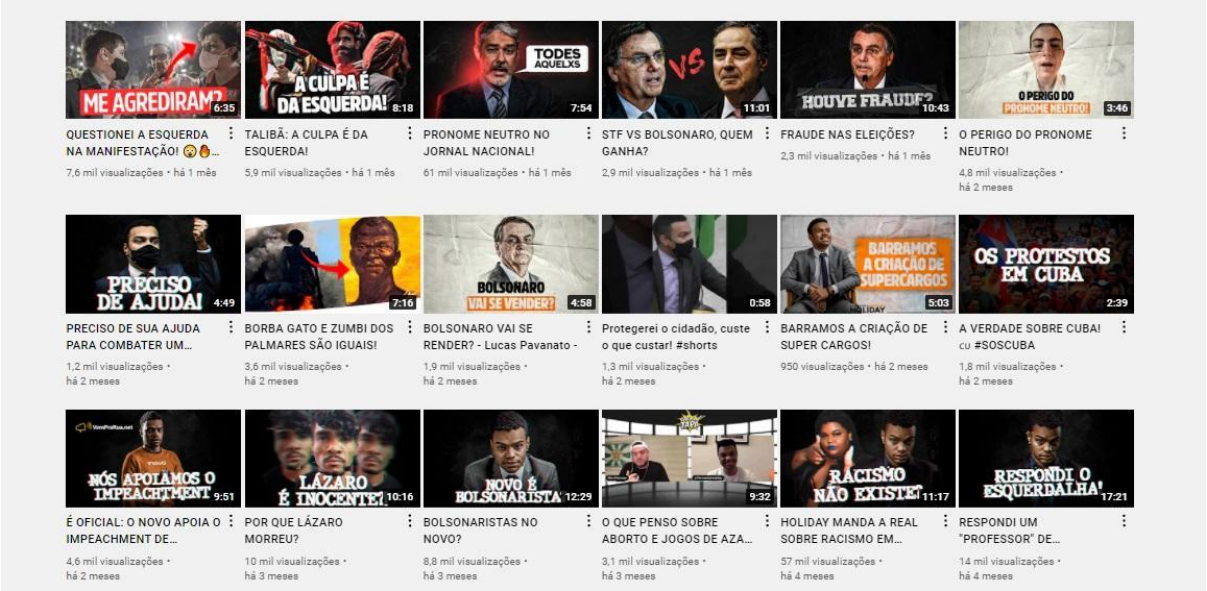
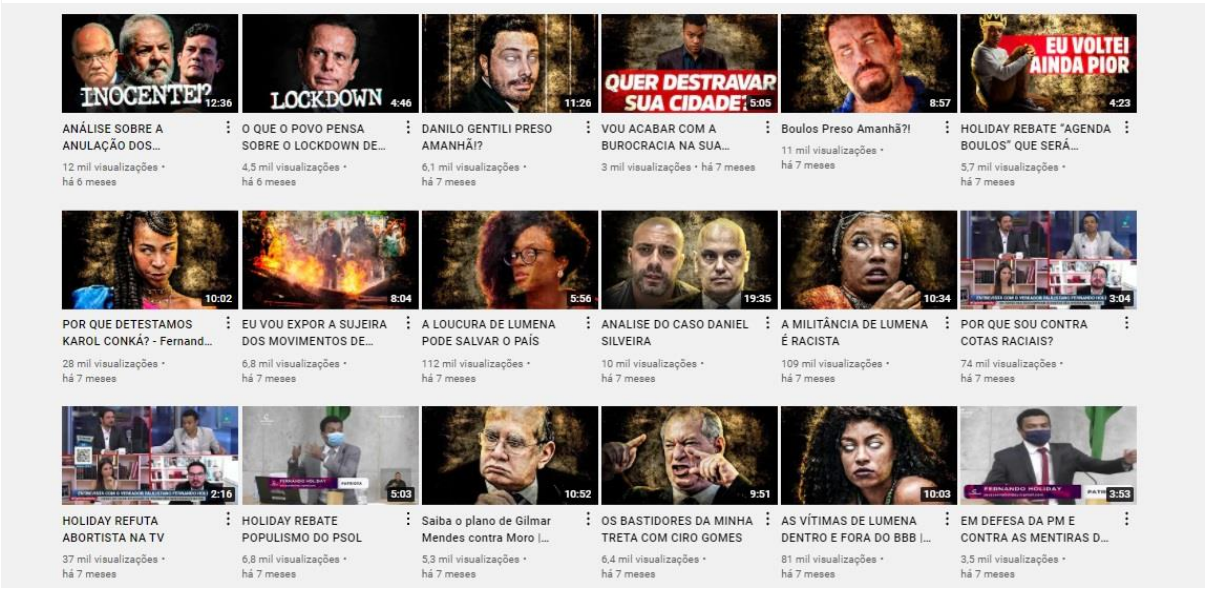


Figura 7: Canal de Youtube Fernando Holiday.



Assim, partindo da pesquisa exploratória realizada para este estudo, seguindo nossas triagens, catalogamos oito vídeos, que organizamos nas seguintes categorias: entretenimento, política e cotas raciais.

- Entretenimento:

Escolhemos esses vídeos por representar como o influenciador transita entre diversos assuntos, e se vale dos assuntos mais "quentes" para trazer a sua opinião perante esses acontecimentos. Percebemos também uma exacerbação em como Holiday se opõem a Lumena, estendendo essa oposição a tudo o que ela representa, o que identificamos ser um movimento negro militante de esquerda.

DESCRIÇÃO DOS VÍDEOS	
Figura 8:  	**Título:** AS VÍTIMAS DE LUMENA DENTRO E FORA DO BBB **Visualizações:** 81.029 visualizações **Tempo de duração:** 10:03 **Data de publicação:** 8 de fev. de 2021
Figura 9:  	**Título:** A MILITÂNCIA DE LUMENA É RACISTA **Visualizações:** 109.397 visualizações **Tempo de duração:** 10:34 **Data de publicação:** 16 de fev. de 2021
Figura 10:  	**Título:** A LOUCURA DE LUMENA PODE SALVAR O PAÍS **Visualizações:** 112.398 visualizações **Tempo de duração:** 5:56 **Data de publicação:** 06 de mai. de 2021

- Política:

Nesses vídeos em específico, notamos como Holiday inverte a lógica de algumas pautas ao colocar seus que, partidos que são a favor da causa antirracista, são racistas como se fosse uma inédita revelação. Algo pode provocar algum espanto nos internautas ao se depararem com essa contradição estabelecida por Holiday que partidos e pessoas de esquerda podem ser racistas.

Porém, apoiados nas perspectivas de Almeida (2018), salientamos o fato de que o racismo é um mal estrutural, isso significa que, a esquerda pode ser racista, seus representantes brancos e negros também podem ser racistas. Apesar disso, são partidos e sujeitos que se (re)ver seus comportamentos e práticas visando uma sociedade igualitária, democrática, rompendo assim com a incidência do racismo que estrutura as relações em todas as esferas sociais.

DESCRIÇÃO DOS VÍDEOS	
Figura 11:  	**Título:** UM PERIGO CHAMADO GUILHERME BOULOS
	Visualizações: 32.570 visualizações
	Tempo de duração: 12:01
	Data de publicação: 26 de nov. de 2020
Figura 12:  	**Título:** OS BASTIDORES DA MINHA TRETA COM CIRO GOMES
	Visualizações: 6.423 visualizações
	Tempo de duração: 9:51
	Data de publicação: 9 de fev. de 2021

- Cotas raciais:

A seleção desses vídeos corresponde a um incômodo que se estabelece ao nos depararmos com um influenciador negro militando contra as cotas. Para nós, essa militância contrária às cotas, torna-se mais agravante pelo motivo de que Holiday não é somente um influenciador nas redes sociais, o jovem negro influencia e impacta a política pública por conta do seu cargo de vereador.

No primeiro vídeo, é referente a Projeto de Lei 19/2019[60], uma proposta para revogar as leis de cotas raciais nos concursos públicos municipais de São Paulo. No segundo, o influenciador fala que é contrário às cotas em um programa de TV de forma mais intimista. Holiday supõe existir a possibilidade de cotas para que negros "furem" a fila de vacinação contra a Covid-19. E o terceiro, de forma mais intimista, Holiday aponta existir uma suposta possibilidade de cotas para que negros "furem" a fila de vacinação. Desse modo, Fernando Holiday dialoga sobre sua visão de mundo para seus seguidores por meio de seus vídeos e para seus apoiadores políticos por meio de suas leis, criando assim um consenso a favor da ideologia a qual ele é aliado.

DESCRIÇÃO DOS VÍDEOS	
Figura 13: 	**Título:** POR QUE SOU CONTRA AS COTAS RACIAIS? **Visualizações:** 22.998 visualizações **Tempo de duração:** 10:00 **Data de publicação:** 23 de out. de 2020
Figura 14: 	**Título:** POR QUE SOU CONTRA COTAS RACIAIS? **Visualizações:** 75.202 visualizações **Tempo de duração:** 3:04 **Data de publicação:** 16 de fev. de 2021

[60] Disponível em: https://www.radarmunicipal.com.br/proposicoes/projeto-de-lei-19-2019. Acesso em: 05/10/2021.

Figura 15: 	**Título:** COTAS RACIAIS NA VACINAÇÃO
	Visualizações: 5.431 visualizações
	Tempo de duração: 9:07
	Data de publicação: 06 de mai. de 2021

3.4 O mundo aos olhos de Holiday

Na polêmica edição do Big Brother Brasil de 2021, o *reality show* realizado pela Rede Globo de Televisão, a pauta que emergiu foi a vitimização e o autoritarismo da militância de "esquerda". Isso porque, na edição que teve o maior número de participantes negros[61], muito se discutiu na internet sobre as atitudes e falas que esses participantes estavam tendo no decorrer do programa.

Entre os participantes negros da edição do BBB 2021, Karol Conká, Projota, Nego Di e Lumena foram os que mais tiveram uma projeção negativa na edição. Para três do total dos oito participantes negros pertence o legado da maior porcentagem de rejeição de todos os *brothers* em todas as edições da "casa mais vigiada do Brasil". Karol Conká lidera com 99,17%, seguido por Nego Di com 98,76, e Projota com 91,8%, e Lumena 61,31%

Apesar de uma porcentagem de eliminação mais branda, com 61,31% de votos, o nome de Lumena foi um dos mais comentados logo nos primeiros dias de programas. A psicóloga e DJ baiana protagonizou momentos polêmicos no BBB 21, que desencadeou de memes a discussões conceituais sobre ativismo. Um dos eventos envolvendo o nome de Lumena começou após a *sister* proferir sobre falas discriminatórias para a também

[61] Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/01/4902470-bbb-21-e-o-reality-show-brasileiro-com-maior-numero-de-participantes-negros.html. Acesso em: 07/10/2021.

participante Carla Diaz. Os internautas chegaram a apontar que Lumena estaria protagonizando um caso de racismo reverso ao dizer que Carla, que é branca, loira e de olhos claros, era "desbotada", "sem melanina" e que parecia uma "boneca assassina"[62].

Diante deste ocorrido, o MP-RJ recebeu mais de 17 denúncias contra a psicóloga. Nos registros da delegacia especializada em crimes raciais do Rio de Janeiro agora consta o nome de Lumena, não como vítima, mas como uma praticante de racismo "à raça branca", como dito pelo deputado estadual Anderson Moraes (PSL-RJ). A atriz vítima desse caso, Carla Diaz, afirma que toda a situação foi um absurdo: "Vou precisar prestar esclarecimentos de preconceito racial, como se eu fosse a vítima. Como se eu tivesse sido vítima. Acho isso um absurdo"[63].

Com relação a essas polêmicas e outros momentos envolvendo a passagem de Lumena no programa, Holiday produziu os seguintes vídeos: "As vítimas de Lumena dentro e fora do BBB"; "A militância da Lumena é racista"; "A loucura de Lumena pode salvar o país" (figuras 8, 9 e 10)[64]. Recorrendo às formulações de Bakhtin (1979), para quem "Tudo que é ideológico possui um valor semiótico" (p. 32) nossas análises pressupõem uma noção ampliada das práticas discursivas, considerando assim práticas intersemióticas, que visam a investigação da linguagem em todas as suas formas possíveis. Para Maingueneau (2005), existe "um sistema que investe o discurso na multiplicidade de suas dimensões", e gera uma coexistência de textos que pertencem a domínios semióticos diversos (p. 80). Nesse sentido, queremos explicitar aqui alguns aspectos acerca da capa dos vídeos de Holiday, por acreditarmos que imagens também são formas de expressar discursos, assim como propõe os autores citados.

Nossas análises começam a partir da observação da forma como as imagens que compõem a unidade da capa de cada vídeo que citam a Lumena foram capturadas. São capturas de vídeos do programa que, não ao acaso, capturam com expressões faciais já selecionadas por produzirem efeitos negativos. Por que não escolher uma foto do ensaio produzido pela própria rede Globo para divulgação dos participantes em jornais, portais

[62]Disponível em: https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/02/06/lumena-diz-que-carla-diaz-e-desbotada-e-sem-melanina.htm. Acesso em: 07/10/2021
[63] Disponível em: https://famosidades.com.br/bbb/carla-diaz-e-procurada-pela-policia-apos-denuncia-de-racismo/. Acesso em: 07/10/2021.
[64] Página 4.

de notícia e quem mais se dispor a produzir um conteúdo tendo como tema, os participantes do BBB21? Parece-nos ser possível afirmar que essas escolhas não se dão por acaso, pois, evidentemente, desqualificam os personagens, mas não Holiday.

Além disso, há uma manipulação visual através do uso de programas de edição que a faz parecer como monstros de filmes de terror, olhos completamente brancos, rosto esfumaçado com alto contraste com o fundo preto. O efeito é o de figurativizar Lumena como um monstro, relacionando essa imagem para algo vilanesco e cartunesco, com suas práticas discursivas e não discursivas na casa do BBB21. Nesse momento, interpretamos como as produções audiovisuais de Holiday apelam para uma construção do inimigo. O vereador e produtor de conteúdo corrobora assim com a manutenção de uma estereotipização do negro como inimigo nacional e fortalecendo uma política de inimizade entre seus semelhantes que pode levar ao extermínio social ou físico desses indivíduos, pois os inimigos da internet podem ser "cancelados", uma espécie de linchamento virtual que leva a pessoa a perder credibilidade, contratos publicitários e até mesmo impacta na saúde mental do indivíduo, podendo levá-lo à morte.

Entretanto, Holiday não parece se importar com as consequências e utiliza esse estilo de edição para vilanizar outras pessoas a quem ele se mostra contrário, como observamos nos vídeos: "Um perigo chamado Guilherme Boulos" e "Os bastidores da minha treta com Ciro Gomes" como mostram a figura 11 e 12[65].

Ampliando nossas discussões em torno do vídeo "A militância de Lumena é racista"[66], percebemos como o discurso verbal é uma ferramenta estratégica que se associa a imagem vilanizada de Lumena, que cria uma unidade entre plano verbal e não verbal construído por Holiday.

A seguir apresentaremos quadros com excertos da fala de Holiday, selecionados a partir da transcrição simples da fala de Holiday, seguindo as regularidades da ortografia padrão, uma vez que o que nos interessa são os aspectos linguístico-discursivos da mate-

[65] Página 86.
[66] Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=4Xy4RZP0Y8E&ab_channel=FernandoHoliday. Acesso em: 10/10/2021

rialidade verbal. A transcrição completa dos vídeos que analisaremos a seguir estão localizados nos anexos deste trabalho. A seguir destacamos nossas considerações centradas nesses aspectos verbais, nos valendo de algumas categorias de análise, como modalizações, marcas de pessoa, intertextualidade, negação polêmica, além do viés dialógico e de linguagem-intervenção que consideramos ser uma das marcas mais presentes nesses discursos.

Excerto 1
Agora, olha agora para o raciocínio do movimento negro atual, certo? Que é de certa forma personificado pela Lumena. Ela está dizendo o seguinte, que existe um conjunto de coisas ligadas à branquitude. No fundo o que ela está querendo dizer é o seguinte: os negros, foram ao longo de séculos, ao longo de anos ali, torturados, espoliados, excluídos, pelos brancos e esses brancos nos devem algo por conta desses anos de sofrimento. Só que existe algo de essencial no branco que o fez ser assim durante tanto tempo contra o negro, e agora está na hora de nós cobrarmos essa dívida, e essa dívida pode ser cobrada das mais diferentes formas possíveis, o mais famoso deles é exigindo cotas raciais das universidades, concursos públicos, mas isso também pode significar do uso de violência contra brancos, uso de violência verbal, uso de violência física, para compensar, de certa forma, aquilo que os negros escravos sofreram no passado. É esse o raciocínio que está embutido no xingamento que ela faz, ali a Carla no BBB.

Excerto 2
Porque o pacote do militante negro, ele vem embutido com essas ideias e com esses pensamentos, que são também racistas, e que são também retrógrados. Só que a diferença é a seguinte, a esquerda entende, que esses militantes assim podem ser: racistas, preconceituosos, discriminatórios, porque eles estão lutando em torno de algo maior, em torno de uma dívida maior que precisa ser paga, e, portanto, os brancos, e a sociedade como um geral, tem que aturar esse tipo de comportamento em nome do pagamento dessa dívida histórica.

Chama a nossa atenção como o discurso de Holiday se marca dialogicamente, relacionando em um mesmo discurso diversos temas, expressando também a posição do locutor diante destes temas. Observamos então que, ao comentar um fenômeno ocorrido com Lumena e Carla Diaz no BBB21, Holiday constrói primeiro, um movimento negro violento e agressor, que como ele diz **"é de certa forma personificado pela Lumena"** (Excerto 1).

E interessante ainda, perceber como o influenciador traz a voz de Lumena para nela encontrar uma suposta voz do Movimento Negro. Ele usa uma estratégia metonímica - tomando a parte, Lumena, pelo todo, o Movimento Negro. Com esta posição, ele se coloca como um tradutor dessa voz, explicando um significado oculto, mas verdadeiro, na fala de Lumena. Como observamos no trecho **"No fundo o que ela está querendo dizer é o seguinte"** (Excerto 1).

Esse movimento de ressignificar a fala de Lumena e por consequência a do movimento negro dá a ele o lugar de quem fala a verdade. E que verdade é essa? A de que o movimento negro pretende ser violento contra os brancos. Ou seja, por causa de uma ação de um indivíduo particular, Holiday descreve um cenário de que todo o movimento negro além de agir, milita para legitimar sua pseudo agressividade contra pessoas brancas. Desse modo, compreendemos que,

> Seguem sendo reiteradas imagens discursivas de que o negro é inferior, perigoso, menos inteligente, mais ingênuo, mais agressivo e mais potente física e sexualmente. É essa inferioridade que se materializa em discursos que se apresentam aparentemente como inocentes e antirracistas (PAULA; ALMEIDA; GIORGI, 2018: p. 21).

Além disso, Holiday coloca que por causa do sofrimento vivido pela população negra escrava, os negros de hoje exigem o pagamento de uma dívida histórica pendente, mas não qualquer pagamento, segundo Holiday, o movimento negro exige que seja viável toda forma de violência contra pessoas brancas, sendo uma delas exigir **"cotas raciais das universidades, concursos públicos"** (Excerto 1)**.** Percebemos como que, por este enunciado, fica implícito que as cotas raciais denotam o mesmo significado que reais expressões que são designadas para representar agressões como os termos: **"uso de violência contra brancos"** (Excerto 1), **"uso de violência verbal"** (Excerto 1), **"uso de violência física"** (Excerto 1).

Reforçamos nossa argumentação para essa associação entre cotas e formas de violências com o uso da conjunção **"também"** (Excerto 1) no enunciado. Para cobrar a dívida histórica reivindicado pelo movimento negro, conforme Holiday afirma são exigidas cotas raciais que **"também"** podem significar práticas de violência contra pessoas negra. Esse enunciado se torna mais grave pelo fato de associar o movimento negro a práticas criminosas, qualquer pessoa ou grupo que estivesse militando para agredir alguém deveria responder legalmente por seus atos. Da mesma forma que dizer isso de alguém ou algum grupo deverá ser considerado crime de calúnia.

De forma dialógica, esse enunciado mobiliza discursos que podem estar na memória discursiva dos coenunciadores gerando uma ação responsiva de confirmação ou validação de outros enunciados que perpassam o imaginário social do negro como marginal, criminoso e agressor. Os usos das palavras **"retrógrados"** (Excerto 2), **"racistas"** (Excerto 2), **"preconceituosos"** (Excerto 2), **"discriminatórios"** (Excerto 2), no discurso de Holiday também reforçam isso, ao vincular esses termos negativos a um grupo que já é personificado também por uma abordagem negativa. "A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da "alma", fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade" (BAKHTIN, 1979: p. 350). Portanto, acreditamos que, a fala de Holiday não é de sua exclusividade, é resultante de um composto de vozes do opressor, que cria um elo entre Holiday e seus coenunciadores. Essas vozes do opressor são responsáveis por instaurar condutas que a população deve seguir, por este motivo, como ocorre com a ideologia neoliberal.

Para que a ideologia neoliberal se aplique e se perpetue, ao longo do tempo que for benéfico, para sustentar uma sociedade capitalista degradante, é preciso que haja uma circulação e aprofundamento desse modo de se viver e se pensar através da intervenção do discurso. Ocorre assim uma incitação à glamourização do capital humano, do empreendedorismo de si, do mérito desmedido, e uma marginalização do bem-estar social, principalmente quando esses apelam para algum tipo de política redistributiva, assistencial, ou programas de inclusão. "O problema do neoliberalismo é, ao contrário, saber como se pode regular o exército global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado" (FOUCAULT, 2008: p. 181).

Desse modo, por intermédio de agentes que, de forma deliberada ou não, se tornam cúmplices desse sistema opressor, temáticas como essas são discursadas à exaustão para fortalecer um pensamento hegemônico e a favor dessa sociedade neoliberal. Uma movimentação que observamos nas atitudes de Holiday e seus vídeos, como apresentamos. Com isto, para compartilhar a sua visão em aliada a ideologia neoliberal, analisaremos também o vídeo "Por que sou contra as cotas raciais?", que expressa a obstinada insatisfação com a política de ações afirmativas. Esse verdadeiro ataque às políticas de ações afirmativas atuam no extremo oposto da ordem econômica e social da vez. As políticas de ações afirmativas negam o individualismo, a meritocracia, e, de forma ainda mais contundente, colocam em risco os privilégios de uma classe social branca.

Diante dos apontamentos de Holiday, consideramos necessário contextualizar a situação das cotas raciais no Brasil. A validação das cotas em 2012[67,] no governo Lula, favoreceu um maior acesso para jovens pretos e majoritariamente pobres cursarem o ensino superior, influenciando nas suas expectativas de mobilidade social. Dessa forma, existe hoje um maior número de afrodescendentes ocupando espaços de onde foram excluídos (como universidade, governo, mídia). Esses alunos cotistas negros carregam mais que suas características fenotípicas, evidenciam como o espaço e o corpo se interpretam simbolicamente e se articulam de diferentes modos nessas instituições que expõem as tensões da estrutura social e do senso comum.

Segundo Nilma Lino Gomes (2017), a luta pelas ações afirmativas foi o momento histórico em que mais se aprendeu, produziu e debateu sobre desigualdades raciais no Brasil. A autora reflete sobre como a universidade teve de repensar o seu lugar na medida em que havia uma população brasileira fora dos espaços acadêmicos talvez por produzir "saberes emancipatórios sobre a raça e as condições de vida da população negra" (GOMES, 2017: p. 29). Por intermédio de uma juventude preta, algumas intervenções são produzidas através da arte, moda, poesia, e uma transformação efetiva na sociedade quando aliadas a ações políticas, como ocorrido com a pressão do Movimento Negro que promoveram a Lei de Cotas Sociorraciais nas Instituições Federais de Ensino Superior

[67] As cotas nas universidades federais foram definidas pela Lei nº 12.711, em 2012, no governo Lula. De acordo com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) – extinta no governo Temer –, a medida abriu aproximadamente 150 mil vagas para negros (SINTUFRJ, 2018).

(Lei 12.711/12) e também a Lei de Cotas nos Concursos Públicos Federais (Lei 12.990/14).

Assim, o status quo se afeta e se reconstrói dentro da universidade pública, antes um local tradicional e conhecido para os brancos, primordialmente os de classe média, agora configura um espaço com jovens pretos e pretas com outras narrativas que se alternam com visões de mundo diferentes da conhecida por seus colegas não negros. A presença desses corpos negros provoca movimentações, confrontos e desconfortos que propicia uma nova vertente cultural para se resistir a lógica do racismo. Ainda assim, existe uma infindável discussão em torno desse tema, entre negros e brancos, de quem defende sua existência e de quem questiona a sua necessidade.

Como citado, o segundo vídeo de nossas análises é "Por que sou contra as cotas raciais?"[68], em cuja capa do vídeo está a afirmação "Sou contra!" O vídeo atingiu 5,3 mil visualizações em menos de 24 horas de sua postagem. Para analisar este vídeo em específico, começaremos aferindo algumas observações a respeito da capa do vídeo de Holiday, uma vez que essa imagem é também o primeiro impacto que o interlocutor terá do conteúdo de Holiday. À esquerda, Holiday em primeiro plano, à direita em com baixa opacidade, Martin Luther King. Além disso, para nós, analisar um material midiático vai além da análise estritamente verbal pois, como proposto por Bakhtin (1979), na esfera da comunicação há modos variados de uso da língua.

Na disposição da capa de seu vídeo, Holiday está à esquerda da imagem com um semblante que expressa a sua seriedade, provavelmente perante a temática do vídeo. Essa seriedade pode dialogar com seu figurino, um terno preto, cor que aponta para sobriedade. Na imagem também aparece um texto centralizado escrito "Sou contra" e do lado direito a figura de Martin Luther King, importante ativista na luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, na imagem em baixa opacidade, o que deixa a sua aparição discreta, mas presente. Tal opção visual e textual presente na *thumbnail* do vídeo de Holiday remete-nos uma combinação de escolhas estratégias que ajuda a validar a seriedade do discurso que virá a seguir.

[68] Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=_I6SkjoiWz4. Acessado em 29/01/2021. Transcrição do vídeo completo em anexo. Figura na página 87.

Seguindo nossas análises, no vídeo gravado em uma audiência pública, destacamos os trechos em que Holiday apresenta a questão do Brasil e das cotas:

Excerto 3
Começo a minha fala nessa noite deixando algo muito claro a todos vocês presentes, e a todos vocês que nos acompanham pela internet ou presencialmente. Primeiro é óbvio que eu acredito na existência do racismo, é óbvio que o racismo precisa ser combatido em todas as suas formas. Ele é intenso e presente em nossas vidas cotidianas. Contudo, no processo legítimo de conquistar o nosso direito não devemos ser culpados de ações de injustiça, não vamos satisfazer a nossa sede de liberdade bebendo da xícara da amargura e do ódio. Nós sempre temos que conduzir a nossa luta no alto nível de dignidade e disciplina, nós não devemos permitir que o nosso criativo protesto se degenere em violência física. Novamente e novamente nós temos que subir às majestosas alturas da reunião da força física com a força da alma, nossa nova e maravilhosa combatividade mostrou à comunidade negra que não devemos ter uma desconfiança para com todas e quaisquer pessoas brancas.

Holiday traz em um primeiro momento de sua fala um pensamento compartilhado por muitos movimentos negros e por pessoas associadas à causa antirracista que acreditam que o racismo existe e precisa ser combatido **“em todas as suas formas”** (Excerto 3). No entanto, é pela utilização da conjunção adversativa **“contudo”** (Excerto 3), logo após de afirmar que o racismo existe, que percebemos algumas limitações para este combate. Existe uma sutileza semântica na utilização dessa conjunção que exprime um potente sentido de negação, “uma modalidade de julgamento” (DUCROT, 1981: p. 95). Assim, notamos como Holiday adere a um posicionamento em relação ao significado do racismo que não o nega, mas tampouco o denuncia na sua dimensão social, principalmente tendo em vista os sentidos atribuídos ao termo quando defendido pelos movimentos negros de esquerda.

Esse posicionamento dialoga com a ideia de que o racismo é uma ação ou atitude direta individual contra uma pessoa negra. Por essa linha de pensamento, o racismo se

torna um fenômeno particular, ele é reduzido a situações específicas de violência classificadas como anomalias e/ou patologias que, por tal desconforto social, podem recorrer aos meios legais para possíveis punições ao agressor, como nos casos de George Floyd[69] e Pedro Henrique Gonzaga[70], em que os seus assassinatos foram filmados e, por meio dessa comprovação, seus agressores condenados.

Chama a nossa atenção a escolha das palavras **"injustiça"** (Excerto 3), **"amargura"** (Excerto 3) e **"ódio"** (Excerto 3) no enunciado que se refere ao processo de conquista de direito para as pessoas afetadas pelo racismo. Seguindo sua fala, como um contraponto a essa luta carregada de **"injustiça"**, **"amargura"** e **"ódio",** Holiday nos orienta a conduzir a luta contra o racismo de forma digna e disciplinar. Ao sugerir tais orientações, Holiday passa a interferir nos modos de subjetivação dos indivíduos, fazendo deles cidadãos negros de bem, aqueles que, como proposto por Calixto (2020), dialogam com as práticas discursivas e ideológicas da direita, podendo se associar também à discursos racistas e intolerantes (CALIXTO, 2020: p. 113).

Outro aspecto interessante deste trecho da fala de Holiday é que nenhuma recomendação foi feita ou direcionada à comunidade branca, em nenhum momento a branquitude que está intensamente ligada à perpetuação do racismo foi apontada. Por outro lado, à comunidade negra Holiday constrói seus enunciados modalizando[71] as frases de forma deôntica, classificação feita a partir das tipologias de Lyons (1977), que segundo Prata (2008):

---

[69] George Floyd morreu em 25 de maio de 2020 após ter o pescoço pressionado pelo joelho do policial Derek Chauvin, em Mineápolis, por 9 minutos e 29 segundos.
A polícia estava no local porque o ex-segurança negro, com 46 anos, teria tentado pagar uma conta em uma mercearia com uma nota falsa de US$ 20. Imagens mostradas mostraram que Floyd não ofereceu resistência à abordagem dos agentes. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/25/george-floyd-um-ano-depois-eua-relembram-assassinato-que-desencadeou-protestos-pelo-mundo.ghtml. Acesso em: 05/09/2021

[70] "Um vídeo que circula nas redes sociais mostra a morte de um homem de 19 anos, identificado como Pedro Gonzaga, em uma unidade da rede de supermercados Extra no Rio. O rapaz foi imobilizado por um segurança, no início da tarde desta quinta-feira, 14, e acabou sufocado. Nas imagens, o segurança aparece deitado sobre o jovem, aparentemente desacordado, e refuta pedidos de outras pessoas para que o solte. Uma delas diz: "Está desmaiado, não está não?". Outra fala: "Ele tá com a mão roxa". Mas o segurança se nega a sair de cima e responde: "Quem sabe sou eu". Outros funcionários do supermercado ainda circundam os dois homens no chão, mas nada fazem" (REVISTA ISTO É, 2019).

[71] "fenômeno que permite ao locutor deixar registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguísticos e, portanto, imprimir um modo como esse discurso deve ser lido" (ADELINO; NASCIMENTO, 2019: p. 289).

> está relacionada à obrigação, à permissão e à proibição. Desse modo, a modalidade deôntica está associada à necessidade ou possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis (Lyons, 1977). A proposição descreve, pois, um estado-de-coisas que será obtida caso o ato seja realizado (PRATA, 2008, s/p).

Desse modo, ele adere a termos que nos remetem à imposição de algo, a uma ordem normativa, como identificamos respectivamente em: **"não devemos"** (Excerto 3), **"não vamos"** (Excerto 3), **"nós sempre temos que"** (Excerto 3), **"nós não devemos"** (Excerto 3), **"nós temos que"** (Excerto 3).

Compreendemos que, os usos desses termos são formas de intervir no comportamento de quem os ouve, modulando o comportamento alheio através de uma ação ilocutória, ou seja, quando o falante introduz uma fala a fim de realizar um objetivo comunicativo. Nesse sentido: "o ilocutório, por sua vez, é explicado por agenciamentos coletivos de enunciação, por atos jurídicos, equivalentes de atos jurídicos, que coordenam os processos de subjetivação ou as atribuições de sujeitos na língua, e que não dependem nem um pouco dela" (DELEUZE; GUATTARI, 1995: p. 16 apud ROCHA, 2014: p. 627).

Dentro dessa perspectiva, somos conduzidos a não ter qualquer espécie de desconfiança com **"quaisquer pessoas brancas"** (Excerto 3), mesmo que essas pessoas brancas estejam em um lugar de vantagem estrutural. Porém, para que o racismo seja efetivamente combatido, é necessário que as pessoas brancas também entendam o que é o racismo enquanto um sistema estrutural que hierarquiza as raças, e que concede privilégios aos brancos em detrimento de outros grupos racializados.

Maria Aparecida Silva Bento (2002) argumenta existir uma ausência da consciência da participação do ser branco no sistema de desigualdades raciais e sociais em que vivemos. Como a autora mesma descreve, ao se afastar o branco desta discussão e da responsabilidade, as discriminações, as disparidades sociais, a carência vivida pela população negra, nada tem a ver com branco. Assim, sem associar as desigualdades a também o agenciamento da população branca, faz com que as mazelas que perseguem os negros "é legado inerte de um passado no qual os brancos parecem ter estado ausentes" (BENTO, 2002: p. 3).

Tal pensamento é sintomático das ideias que fomentam a branquitude, e que possibilitam que o branco ignore ou nunca se dê conta do quanto a sua existência impacta a

existência do outro ao ponto de levar esse outro a uma total exclusão social. Valendo-se do pensamento da autora Janet Helms, Bento coloca que,

> (...) uma possível identidade racial branca não-racista que pode ser alcançada se a pessoa aceitar sua própria branquitude, e as implicações culturais, políticas, socioeconômicas de ser branca, definindo uma visão do eu como um ser racial. (HELMS, 1990, p .3 apud BENTO, 2002: p. 17).

Pensamento esse que contrário à ideia de Holiday de que **"não devemos ter uma desconfiança para com todas e quaisquer pessoas brancas"** (Excerto 3)**.** Mais uma vez, Holiday individualiza os sujeitos, sejam negros ou brancos. Em nenhum momento de seu discurso, o vereador questiona a branquitude, enquanto um lugar de poder, mas refere-se a **"todas e quaisquer pessoas brancas"** (Excerto 3). Ou seja, é possível desconfiar de algumas individualizadas. Esse processo de individualização esvazia a discussão sobre o racismo ser estrutural e estruturante, o colocando na responsabilidade de alguns indivíduos desviantes. Além disso, defendemos que, em prol de uma sociedade democrática e igualitária, devemos sim ter desconfiança de quem fecha os olhos para as discussões e ações efetivas para uma mudança social que contemple a todos.

Adiante, Holiday afirma que o movimento negro tem se distanciando de ideais com base em uma fraternidade com as pessoas brancas, ideias essas muito defendidas por Martin Luther King. O que o movimento negro faz, segundo Holiday, é uma **"defesa da desigualdade, do ódio, da amargura, da divisão e da segregação"** (Excerto 3)**.** Para não ficar somente em suas palavras, Holiday apresenta o exemplo dos movimentos negros do Estados Unidos, junto com os resultados da ação afirmativa do país norte-americano como forma de apelar para o sensível de quem o ouve.

Excerto 4
Os Estados Unidos muito antes de nós, escolheram o caminho das ações afirmativas, das políticas destinadas especialmente a população negra com o objetivo de resolver os conflitos raciais, com o objetivo de incluir a população negra, com o objetivo de diminuir o ódio e o preconceito, mas será que é isso que aconteceu? Será que foram esses os resultados das cotas raciais dos Estados Unidos que há muito mais tempo experi-

mentam esse modelo do que nós, não é o que dirá Thomas Sowell, negro norte-americano e economista, e não é o que dirá a realidade atual dos Estados Unidos como nos vamos ver agora com alguns eventos recentes ocorridos na América, por favor.

Excerto 5
Essa é a realidade atual dos Estados Unidos, um movimento negro absolutamente violento, pregando cada vez mais a segregação, agredindo pessoas nas ruas e dentro dos estabelecimentos somente por serem brancos, ou somente por não aderirem ao movimento black lives matter. O mesmo aconteceu na Índia na década de 60, o mesmo aconteceu na Malásia na década de 70, o mesmo aconteceu na Nigéria desde a década de 80 e o mesmo aconteceu no Sri Lanka desembocando em uma guerra civil em 1983, mas vamos falar de Brasil.

Além da narração a partir de sua visão do que seria a atuação do movimento negro dos Estados Unidos, Holiday apresenta um vídeo durante a sua fala na Câmara dos Vereadores, que não aparece na gravação que estamos analisando por motivos de direitos autorais. Essa atitude só intensifica a nossa percepção de que Holiday está o tempo todo buscando formas de comprovar e legitimar os argumentos que apresenta. Desse modo, o público presencial e virtual passa a ter contato com a quantidade de exemplos e "fatos" com valor comprobatório que Holiday traz em sua narrativa.

Com esta ação, o influenciador atua na construção de um movimento negro violento que ele comprova com um suposto vídeo que mostra uma suposta agressão protagonizada por alguém do movimento negro. O movimento de construção discursiva promovido por Holiday nos remete ao conceito de linguagem-intervenção de Rocha (2006) e nos faz refletir sobre o modo como determinadas escolhas discursivas provocam efeitos de sentido para além de uma representação de um real, exercendo uma dupla função de "por um lado, representar, falar de um dado estado de coisas no mundo; por outro, intervir nesse mesmo mundo, contribuindo para produzi-lo" (ROCHA, 2006: p. 360-361).

Assim, percebemos que a forma como Holiday discursa no vídeo, dialoga com a versão de mundo que ele se alia e propaga. Neste mundo por exemplo, o movimento negro é sempre personificando como violento e segregacionista, intervindo assim na visão que muitas pessoas terão desses movimentos também. Para reforçar a veracidade de suas argumentações, o vereador traz a sua fala a figura de Thomas Sowell, economista que, por ser negro, tem propriedade para opinar e repudiar as ações desse "movimento negro agressor", nos Estados Unidos. O fato da escolha da figura de um economista, e não de qualquer outro profissional, estabelece um estado de validação das ideias que Holiday defende e constantemente retoma em seu discurso.

Em uma disputa de sentidos, Holiday apresenta uma dinâmica enunciativa que soa como se o vereador estivesse sempre trazendo a verdade sobre determinado tema ou evento. Aferimos tais constatações com a repetição do termo **"é óbvio"** (Excerto 3 e 6), repetido várias e várias vezes no decorrer de todo o vídeo, além de outros termos como: **"é verdade"** (Excerto 6). Também aparecem outros termos como: "**certamente"**, **"verdadeiro"**, **"verdades"**, como podem ser vistos nas transcrições nos anexos.

A exemplo do termo **"é óbvio"**, o efeito que se assume ao nosso ver é de algo que é evidente e incontestável, o que presume uma posição de autoridade de quem narra. No entanto, complementando a expertise dessa dinâmica na produção de seu discurso, Holiday traz um enunciado contraditório ao anterior. Assim observamos como o vereador, enuncia que, **"é óbvio que o racismo precisa ser combatido em todas as suas formas"** (Excerto 3). Entretanto, no enunciado seguinte, ele contraria a visão de outras vozes – as quais ele se opõe politicamente – que afirmam a existência do racismo, dizendo: **"Contudo, no processo legítimo de conquistar o nosso direito não devemos ser culpados de ações de injustiça, não vamos satisfazer a nossa sede de liberdade bebendo da xícara da amargura e do ódio"** (Excerto 3).

Por essa estratégia, Holiday consegue relativizar, esvaziar e negar o discurso do outro em uma equação que, primeiro concorda e, após isso, a nega. Segundo Foucault, essas são formas modernas de dominação que correlacionam um saber-poder com estratégias linguísticas para mascarar a realidade, disfarçar acontecimentos, atualizar formas de manutenção de posições e dominações. Dessa forma, antes de ser, os discursos podem performar uma veracidade e assim conseguem intervir na mentalidade da população.

> O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdadeira que ela quer não pode deixar de mascará-la. (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Para o prosseguimento de nossas análises, como mesmo propõe Holiday, **"vamos falar de Brasil"** (Excerto 5).

Excerto 6
No Brasil o argumento principal para a defesa das cotas raciais é a ideia de uma compensação histórica pelos séculos de escravidão e por ter sido o último país das Américas a abolir a escravidão, é verdade. Tempos difíceis até chegarmos em 13 de maio de 1888, contudo, alguns elementos precisam ser levados em consideração ao se defender o sistema de cotas. Florestan Fernandes escreveu um livro chamado "A inclusão do negro na sociedade de classes" e lá ele dirá claramente que os ex-escravos perderam diversas oportunidades de emprego porque não estavam preparados, ao contrário dos imigrantes que tiveram a sua vinda incentivada no Império e na República e ocuparam grande parte das vagas de emprego. Ou seja, o grande erro do estado brasileiro foi não ter dado educação aos ex-escravos. Se tivessem sido preparados, diria Florestan Fernandes, que é inclusive reconhecido por ser um sociólogo de esquerda, fundador do PT, muito provavelmente a história dos negros no Brasil teria sido muito diferente.

Novamente Holiday faz referência a um intelectual para validar a sua argumentação, aqui, ele introduz o nome de Florestan Fernandes que ele destaca ser **"reconhecido por ser um sociólogo de esquerda, fundador do PT"** (Excerto 6), para questionar se o verdadeiro problema da inclusão dos negros na sociedade não seria uma questão apenas relativa às falhas do sistema educacional nacional, e não ao racismo. Assim, ele constrói a sua sentença em torno de uma suposta contradição no discurso do Outro, ele concorda com parte dos argumentos do adversário para depois questioná-los com um contradiscurso carregado de supostas fontes e referências que comprovem a veracidade do argumento de Holiday.

Assim sendo, consideramos que ao construir suas argumentações em torno de nomes e vozes que exprimem uma autoridade e performá-las de modo afirmativo, com um "tom" de certeza e verdade em seus enunciados, Holiday constrói seu próprio *ethos* de intelectual. Interpretamos a materialidade disso também pela forma que ele aparenta ter um vasto conhecimento de fatos históricos, de autores e de suas teorias, além de parecer saber tanto do discurso de direita quanto o de esquerda, sendo capaz até de promover críticas à esquerda. Concebemos assim que, na medida em que Holiday profere seu discurso, ele constrói sua autoridade sobre aquelas ideias e posicionamentos (MAINGUENEAU, 2005).

Excerto 7
É óbvio que existe uma inclusão, há mais negros nas universidades, mas qual é a qualidade dessa inclusão? Se o problema do ensino básico estivesse sendo resolvido independentemente da cor da pele, será que não teríamos uma inclusão de maior qualidade? Será que os negros presentes nas universidades ou formados hoje não teriam maior respeito? Porque a grande questão é que essas pessoas estão entrando nas universidades, principalmente por conta da cor da sua pele, e não pelo seu mérito, e poderiam sim alcançar o sucesso pelo seu mérito, se tivessem educação de qualidade. Repito, independentemente da sua cor. Mas ao invés disso resolvemos selecionar parte das vagas a eles, no caso nos concursos públicos aqui em São Paulo, e mais do que isso, aprovados, essas pessoas têm que se submeter a um tribunal, uma comissão que analisando a textura do seu cabelo, a grossura dos seus lábios e a cor dos seus olhos, vai dizer se aquela pessoa é negra ou não, se ela tem ou não tem o direito de ganhar um emprego. Quantas voltas esse mundo deu? Algumas décadas atrás lutávamos para que não fôssemos julgados pela cor da nossa pele, e hoje, após uma vida inteira de racismo e sofrimento, quando nos candidatamos a uma vaga por vontade própria nos submetemos a um juiz que vai dizer se merecemos ou não um emprego por conta da cor da nossa pele, isso não é avanço.

No início do fragmento que destacamos, Holiday faz usos de perguntas retóricas, uma técnica argumentativa com propósitos de convencimento e persuasão. Além disso,

vemos que a utilização dessa técnica é uma forma também de plantar a semente da dúvida no coenunciador. Um exemplo disso é quando Holiday diz: **"É óbvio que existe uma inclusão, há mais negros nas universidades, mas qual é a qualidade dessa inclusão?"** (Excerto 7). Nesse momento, independente dos fatos, ele coloca em xeque a qualidade da inclusão de negros nas universidades, construindo assim uma possível versão de mundo em que os negros que ingressam nas universidades têm baixo rendimento ou baixam a qualidade de ensino das universidades.

A pesquisa elaborada por Mendes Junior, publicada em 2013, examina a progressão dos alunos cotistas na UERJ, a primeira a adotar um sistema de reserva de vagas para grupos minoritários em 2003. O corte de análise foi para os ingressantes no vestibular de 2005. Entre os resultados a pesquisa apresentou que:

> I "(...) o desempenho dos não cotistas em termos de coeficiente de rendimento médio é superior";
> II "Mostramos que as taxas de graduação entre os cotistas são maiores ao final de todos os anos analisados (2009, 2010 e 2011), atingindo em 2011 uma taxa de 46,74% contra 42,15% dos não beneficiários. Foi visto também que esta tendência se acentuou em cursos com baixa dificuldade relativa, chegando a sete pontos percentuais, em 2011";
> III "Quando as evasões no primeiro ano e nos três anos posteriores foram analisadas, percebemos que o abandono pelos não cotistas foi particularmente alto no primeiro ano e se manteve superior à da contraparte cotista na abordagem consolidada dos períodos seguintes" (MENDES JUNIOR, 2014: p. 51-52).

Pela visão do autor, mesmo os cotistas apresentando um CR menor nos primeiros anos do sistema de cotas da UERJ, são eles que apresentam menor taxa de evasão, o que beneficia as instituições pelo menor desperdício de recursos. Com o avançar dos anos, outras universidades passaram a adotar o sistema de cotas e novas pesquisas foram realizadas. Em um estudo realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2020, os autores pesquisadores afirmam que:

> (...) discursos discriminatórios e elitistas, que sugerem um suposto "nivelamento por baixo" são completamente infundados. Ao contrário, distanciam as possibilidades de aproximação das condições de igualdade e favorecem as metanarrativas equivocadas sobre a validade da "meritocracia" (FERREIRA et al., 2020: p. 1297).

Adiante, Holiday coloca em questão, que as pessoas negras cotistas estão ingressando na universidade **"por conta da sua pele, e não do seu mérito" (**Excerto 7). Tal questão levantada por Holiday apresenta as seguintes problemáticas: a primeira pela ideia de que os cotistas são selecionados exclusivamente por conta da cor de sua pele. Ao se

aliar ao pensamento que os candidatos que optaram pelas cotas são aprovados automaticamente, Holiday dialoga com discursos que circulam no senso comum e, devido à falta de informação, muitas pessoas tomam esses discursos como verdadeiro. Ao nosso ver, Holiday promove assim um sistema de desinformação.

Oficialmente, as universidades federais oferecem metade de suas vagas para alunos que concorrem através das cotas, a outra metade é para ampla concorrência. Ou seja, só uma parte das vagas reservadas são para os recortes étnico-raciais, como por exemplo a UERJ, que divide suas vagas através da seguinte porcentagem:

> "20% para estudantes negros e indígenas; 20% para os estudantes oriundos da rede pública de ensino; 5% para pessoas com deficiências e filhos de policiais civis, militares, inspetores de segurança ou administração penitenciária mortos ou incapacitados por razão de serviço" (MENDES JUNIOR, 2014: p. 37).

Por essa lógica podemos dizer que pessoas brancas também podem ser cotistas, mas o que parece causar um grande mal estar na sociedade são as cotas de ações afirmativas. Ainda assim, notamos uma estratégica repetição no modo como Holiday recupera e enfatiza essas ideias pejorativas a respeito das cotas em favor dos negros. Tal artifício se repete em outras falas de seu discurso, como identificamos em: **"Mas ao invés disso resolvemos selecionar parte das vagas a eles"** (Excerto 7).

Neste enunciado, destacamos também o uso do pronome pessoal da terceira pessoa do plural **"Eles"** (Excerto 7), para se referir aos negros, grupo a qual ele insiste em se afastar discursivamente. Neste caso, mais que uma função gramatical, a escolha de Holiday nos passa a sensação de distanciamento. Desse modo, o influenciador e vereador deixa nítido como não compactua com o sistema de cotas que comtempla **"eles"**, os outros, os negros.

A segunda problematização para este fragmento que destacamos do vídeo de Holiday é como ele faz uma inversão de lógicas/de sentido no seu discurso. Para ele, declarar sua negritude na concorrência de vagas para um concurso público seria um modo de desprestigiar o candidato, pois ele não seria merecedor de tal vaga. Neste sentido, Holiday não aponta em nenhum momento em seus discursos que todos os candidatos cotistas ou não passam por exames de capacidade. Todos são testados com o mesmo exame.

Holiday, além de outras críticas ao sistema de cotas, enfatiza a sua crítica ao fato de que em algum momento do processo de seleção, o candidato terá que se submeter a uma avaliação para validar sua autodeclaração racial. Holiday passa a associar o reconhecimento da negritude do candidato como algo negativo, similar ao que acontecia na época da escravidão em que os negros eram julgados a ponto de poderem ser vendidos como mão-de-obra escrava.

Esse olhar crítico que Holiday faz para a avaliação da negritude dos candidatos nos remete aos pressupostos de Neuza Santos (1983) de como alguns negros, afetados pela lógica do branqueamento, rejeitam a negritude e passam a enaltecer a branquitude buscando a aceitação. Nos perguntamos se essa rejeição ao sistema que avalia a autodeclaração das pessoas seria uma auto-rejeição que Holiday projeta quer projetar para seus pares.

O estigma das cotas que os grupos privilegiados e seus cúmplices assumem, sobressai às horas de estudo que o candidato teve. Como mesmo aponta Holiday, mesmo com a falta da educação de qualidade e **"o problema do ensino básico"** (Excerto 7) nunca resolvido, alunos negros buscam se preparar para a sonhada vaga na universidade pública em cursinhos preparatórios – muitos dele sociais, sem custo –, ou sozinhos, buscando assim nivelar a defasagem do ensino público para que, assim, consigam uma boa pontuação no concurso. Não seria essa uma forma de conquistar algo por mérito próprio? Ou o fato de ser cotista apaga toda essa trajetória?

Um outro ponto de análise desse fragmento refere-se ao modo como Holiday coloca que **"após uma vida inteira de racismo e sofrimento"** (Excerto 7), os negros ainda são julgados pela sua cor. O uso do **"após"** no referido enunciado nos passa o efeito de uma ação no tempo passado, sendo este o "racismo e sofrimento". Estaríamos então vivendo este **"após"**, estamos localizados em um momento posterior ao período que o racismo atinge a sociedade e causava sofrimento, mas que foi deixado para trás, pois estamos vivendo neste **"após"**.

Essa construção discursiva propicia um apagamento dos efeitos do racismo vividos hoje, efeitos esses que não deveriam ser atenuados ou relativizados. Notamos como

essa abordagem estabelece um diálogo que persiste em desconsiderar os efeitos e desdobramentos do racismo, como o racismo institucional e o estrutural. Esses outros formatos de racismo dizem respeito à forma sistêmica e naturalizada de como o racismo se manifesta socialmente, de tal forma que gera desvantagens para os grupos raciais subalternizados, que existem justamente porque o racismo e seus males não foram superados na sociedade.

Ao enfatizar que **"isso não é avanço"** (Excerto 7), a fala de Holiday apresenta uma negação polêmica que dialoga de forma contrária aqueles que ao se colocar em oposição aqueles que defendem que as cotas como forma de avanço e equidade social. Ou seja, apesar dele mesmo ter apresentado que por causa da implementação das cotas, **"É óbvio que existe uma inclusão, há mais negros nas universidades"** (Excerto 7), Holiday nega o avanço promovido por essas políticas. Optar pelo uso da negação polêmica é algo recorrente no discurso de Holiday como também identificamos em **"Será que os negros presentes nas universidades ou formados hoje não teriam maior respeito?"** (Excerto 7).

Recorrendo a negação polêmica, Holiday questiona e se coloca em oposição ao enunciador que defende a visão de que os negros presentes nas universidades ou formados alcançam maior respeito político e social por terem atingido o patamar da educação superior. Em outro momento o influenciador diz: "**e certamente as cotas raciais dividindo negros e brancos na miséria não colaboraram em absolutamente nada**"[72]. Neste recorte observamos mais um termo que corrobora com o discurso verdadeiro que Holiday traz ao público, com o uso de "certamente", em seguida, uma negação em "**não colaboraram em absolutamente nada**" para refutar a ideia de que as cotas colaboram sim para a inclusão do negro na sociedade.

Através de nossas leituras analíticas, o uso da negação polêmica no discurso de Holiday causa um efeito da disputa de vozes, que por sua vez, disputam sentidos. Esses enunciados operam de forma contrária àqueles que apresentam o mesmo relato por uma perspectiva positiva e passam a "dar uma informação contraditória à da frase positiva sem permitir necessariamente concluir pela informação contrária" (DUCROT, 1981: p. 95).

[72] Anexo B.

Excerto 8
Apesar da decisão do STF que considerou esse absurdo absolutamente inconstitucional, é válido lembrar que a constitucionalidade não é idêntica a obrigatoriedade e é por isso que em São Paulo eu apresento este projeto que propõe a revogação de todo e qualquer tipo de cota racial nos concursos públicos municipais para que a justiça seja feita, e para que uma inclusão de qualidade possa ser realmente discutida entre nós aqui do município.

Se aproximando do final do discurso e do vídeo, Holiday apresenta o Projeto de Lei 19/2019[73], que consistia em revogar as leis de cotas raciais nos concursos públicos municipais de São Paulo. O projeto foi aprovado na CCJ (Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania) e pelo plenário, o que levou o vereador a comemorar nas redes sociais como mostramos na figura 4. A comemoração não durou muito, já que seu projeto foi vetado pela câmara municipal. Insatisfeito com o veto, Holiday recorreu, "a partir de um artifício do regimento interno, e fez obstrução na pauta para conseguir que o projeto não fosse enterrado de vez, o que foi classificado como uma manobra" (CUT, 2020)[74]. A falta de resultados acarretou na desistência do próprio vereador no seguimento desta lei em específico.

Vale salientar que, o Projeto de Lei orquestrado por Holiday vai contra projetos de políticos negros que propuseram leis que reivindicavam a adoção de ações afirmativas nos concursos de São Paulo. Primeiro tivemos a lei 13.791, de 2004 da vereadora Claudete Alves, e a segunda, e mais recente de 2013, foi do vereador Reis, a lei 15.939, ambas para incentivar o maior ingresso de pessoas negras nos serviços públicos brasileiros. Tal contexto nos leva à percepção de que, para além do racismo cotidiano, naturalizado e

[73] Disponível em: https://www.radarmunicipal.com.br/proposicoes/projeto-de-lei-19-2019. Acesso em: 22/10/2021.
[74]Disponível em: https://sp.cut.org.br/noticias/vereador-holiday-sofre-derrota-na-camara-de-sp-ao-tentar-dar-fim-a-lei-de-cotas-bd9c. Acesso em: 22/010/2021.

negado por muitos, estamos passando também por um período de ataque aos direitos conquistados pela minoria.

Esse retrocesso é consequência do fortalecimento de ideologias fascistas e neoliberais, que pautam a economia e governos que, por consequência resultam em reformas trabalhistas, privatização de instituições estatais como escolas e hospitais públicos e, de forma ainda mais direta contra a população negra, atacam ações que estão diretamente ligadas ao reconhecimento e combate do racismo. Neste império do retrocesso, vemos de forma estratégica quem passa a assumir os cargos políticos responsáveis por gerir os setores nacionais, vemos também quem são os porta-vozes de ideias que o governo quer cultivar na população. No governo de Bolsonaro, faz sentido que alguns negros eleitos ou colocados em cargo de destaque sejam aqueles que defendam o sistema e a hierarquia de poder do opressor, assim temos Fernando Holiday como vereador, Sérgio Camargo como presidente da Fundação Palmares, Roberto Alvim[75] como Secretário Especial da Cultura e outras escalações duvidosas.

Como forma de repúdio após a aprovação e queda da lei 19/2019 de Holiday, os setores de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores e a Central única dos Trabalhadores de São Paulo publicaram a carta "Por uma São Paulo AntiRacista! Cotas Ficam!":

> Apresentamos essa carta à sociedade, aos representantes dos poderes públicos constituídos e toda opinião pública no sentido de repudiar a aprovação do recurso do Vereador Fernando Holliday (sic) que retorna a tramitação do moribundo projeto de lei que revoga as leis de cotas raciais (13.791 de 2004 da Vereadora Claudete Alves e a Lei 15.939/2013 do Vereador Reis ambos do PT) no município de São Paulo.
>
> Sabemos que projeto da mesma envergadura apresentado pelo vereador nessa legislatura, foi recusado recentemente perante as comissões e no plenário por ampla maioria dos vereadores/as (sic) presente naquela casa, o que o parlamentar busca é criar um fato político eleitoral visando a sua reeleição.
>
> As políticas afirmativas, como as cotas raciais, é uma conquista da sociedade contemporânea, que busca atenuar as desigualdades por meio de ações que

[75] No dia 16 de janeiro de 2020, Alvim divulgou um vídeo para anunciar a liberação de 20 milhões de reais para o Prêmio Nacional das Artes. Ocorre que, logo no dia seguinte em que foi postado, o vídeo precisou ser retirado das redes oficiais da Secretaria Especial da Cultura pela polêmica gerada entre os usuários das redes que notaram proximidades com elementos nazistas no conteúdo. No vídeo, aparece a fala do discurso de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda do período nazista alemão, e a ópera *Lorengirn* que era estimada por Hitler como o próprio cita em sua autobiografia. Lembrando que o Nazismo foi a época de controle popular via propagandas e outros artifícios para coordenar e justificar práticas genocidas e discriminatória, principalmente contra os judeus (ALESSI, 2020).

> promova a equidade, as marcas de um passado escravocrata até os dias atuais trazem sequelas estruturais que desestruturam a nossa sociedade.
>
> Fazemos um chamado à sociedade civil organizada e não organizada, aos representantes públicos, ao movimento negro e a todos que traçaram em suas diretrizes a perspectivas de construção de uma sociedade antirracista para mais uma vez unirmos e lutarmos para sepultar o projeto de lei anti-povo negro dos representantes e capachos da casa grande.
>
> Por Zumbi dos Palmares, Marielle Franco, Chaguinha, Claudia Ferreira, Gabriel Rodrigues e tantos lutadores do povo seguimos em luta!
>
> Vidas Negras Importam!
> Nada sobre nós, sem nós!
> Faremos Palmares de novo! (CUT/SP, 2020).

Com base em nossas análises, compreendemos como se produzem os discursos daqueles que consideramos ser intelectuais a favor da burguesia. Identificamos que os aparatos tecnológicos como as mídias sociais possibilitam a propagação e a circulação de enunciados que dialogam com ideologias a favor do Mercado. Desse modo, destacamos o caso de Holiday, um agente que se aproveita dessas novas plataformas, como o YouTube, e de pautas quentes que se relacionam a questão racial, política e polêmicas que possam se vincular a sua militância pessoal, para defender a ideologia do opressor, como a meritocracia por exemplo. Com essa visão, nesses vídeos Holiday constrói e reitera exatamente esse caminho argumentativo, recorrendo à pluralidade dos planos não-verbais, imagéticos e verbais.

Observamos que o principal mote da militância de Holiday é vilanizando a oposição. No plano não-verbal, isso é feito por meio de um trabalho de edição que vai desde a captura da imagem para descaracterizar pessoas negras, colocando-as em posições de antagonistas e raivosas. Nos vídeos “A militância de Lumena é racista” e “Por que sou contra as cotas raciais?”, nos atemos à interlocução de Holiday. Em um primeiro momento, os dois vídeos parecem caminhar por abordagens distintas. Um, comentaria a fala polêmica de Lumena no BBB; o outro, uma gravação diretamente da câmara federal dos deputados, levaria ao conhecimento dos internautas seu Projeto de Lei 19/2019.

Mas, ao nos aprofundarmos nesses vídeos, identificamos determinadas recorrências, como a oposição e a vilanização dos movimentos negros, ou do movimento negro de esquerda como associa Holiday. O vereador, constrói um discurso que o personifica dessa forma, recorrendo à memória discursiva de quem ouve para validar a veracidade de sua afirmação. Para sustentar seus argumentos, Holiday recorre a artifícios que possam

dar legitimidade às suas palavras. Assim, apresenta personalidades como estudiosos e economistas, assim como fragmentos de vídeos, imagens e falas. Outras pistas que encontramos para essa argumentação estão presentes em estratégias discursivas através dos usos de modalizações, marcas de pessoa, intertextualidade, negação polêmica e outras formas que corroboram para que o discurso de Holiday pareça verdadeiro e o do Outro não.

Esses artifícios aparecem novamente quando o vereador e influenciador constrói um discurso contra as cotas. Esses e outros se tornam recorrentes em nossas análises como a negação dos resultados positivos promovidos pelas ações afirmativas, – algo que nem durante seu discurso se sustenta, já que ele admite a inclusão de negros na sociedade a partir das cotas – aliando-se, ainda, a uma subversão do propósito das cotas que, de uma equiparação social se transforma em um sistema de privilégios para negros em detrimento dos direitos dos brancos. Compreendemos, portanto, que Holiday, além de produzir discursos, produz representações do real: são intervenções e invenções acerca do que foi e é ser branco e negro no Brasil, sempre se posicionando a favor de algo e contra alguém (ROCHA, 2006). É neste sentido que podemos afirmar, que Holiday se configura como um intelectual a serviço da burguesia e da branquitude, com discursos que capturam outros e ele mesmo para cúmplices do opressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Somos seres humanos como os demais,
com diversas visões políticas e ideológicas.
Eu, por exemplo, entre esquerda e direita,
continuo sendo preta."

- Sueli Carneiro

Neste trabalho procuramos traçar um percurso que dialogasse com determinadas inquietações, sendo a principal delas a existência de agentes cúmplices de uma classe hegemônica, que propagam discursos nas plataformas online. Mais precisamente, nos propomos a refletir razões pelas quais negros passam a reproduzi um sistema de ideias, hierarquias e segregação – como o racismo –, bem como a (re)construção do imaginário que estabelecem afetações para a vida da população negra.

Por isso que, para dar corporeidade a este trabalho, começamos por entender como o neoliberalismo e a extrema-direita são forças que nos últimos anos tomaram as rédeas de diversos países. Diferente de suas passagens anteriores na história, percebemos, através das leituras de Lowy (2015), que a atual extrema-direita e o neoliberalismo sucederam as suas próprias versões anteriores mediante a manobras de atualizações que modificam suas ações perante a sociedade que, infelizmente acaba por dar abertura a essas forças, mas sem modificar seus objetivos. Podemos aferir também que esses objetivos ainda são governar para o bem e o progresso de um sistema capitalista.

Recorremos à história nacional para entender também como, no Brasil, a direita do espectro político e o neoliberalismo (re)tomaram forças no nosso contexto social, político e econômico, mesmo com um histórico que poderia servir de amostra para entendermos que partidos e/ou ideologias com visões voltadas para o mercado e nada muito além disso não geram retorno para o cidadão comum. A máxima "A economia vai bem, mas o povo vai mal", dita por Médici durante a ditadura militar, representa bem o disparate que é considerar esses sistemas econômicos e políticos para estar à frente do comando de um Estado, principalmente de países colonizados como o Brasil, que através da escravidão, instituiu um projeto de extermínio físico e social da população negra (HALL, 2013). Ou seja, foram instituídas necropolíticas que, pautadas no racismo, dão

legitimidade à exclusão social (MBEMBE, 2018).

Nesse sentido, nos questionamos sobre como essas ideologias tão nocivas e malignas não só imperam sobre as populações, mas também conquistam a sua aprovação. Apresentamos, assim, como a teoria gramsciana disserta sobre o trabalho do Estado para garantir o consenso. Gramsci (1999) nos mostra assim que, para melhor dominar as massas, as batalhas políticas se deslocam do embate corpo a corpo e se voltam para a dominação ideológica por meio de uma hegemonia suprema que cria uma pseudo vontade coletiva entre as classes subalternas. Vemos em Deleuze (1992) um dos principais caminhos que favorecem essa dominação do opressor: trabalhar a hegemonia dominante atingindo a subjetividade dos sujeitos. Essa artimanha significa que a classe dominante, além de ditar regras externas, passa a ditar regras que atingem o nosso interior; é criar modos de escravidão "consentida", para que através do que foi previamente ditado, possamos nos autorregular, em favor de um sistema que pouco nos favorece.

E é nesse ponto que nosso corpus de pesquisa toma forma, pela observação do desenrolar de um fenômeno entre a nova direita, neoliberalismo, e as relações étnico-raciais. Ao nosso ver, este fenômeno se dá através da seguinte equação: para manter a máquina do capitalismo rodando a pleno vapor, é preciso intervir na conduta e no comportamento das pessoas, de modo que elas se vejam como empresas independentes dos outros e do Estado. Nesse sentido, tal qual uma empresa, os sujeitos devem ter a mentalidade voltada à busca desenfreada por crescimento, conquistas econômicas e competitividade. De forma cruel, muitos aproveitam o marco que foi o período da escravidão para restringir a esse momento todo o passado de sofrimento físico e social sofrida pela população negra, ignorando assim o descaso ocorrido após a abolição e o imaginário de desprezo ao negro que nunca foi apagado. Talvez abafados por um certo período até que novas formas de se aplicar o racismo fossem orquestradas (ALMEIDA, 2018).

Por isso, voltando-nos ao problema desta equação nos questionamos: como somos conduzidos a entrar dentro da lógica desse sistema? De acordo com o desenrolar de nossas pesquisas, consideramos ser um resultado do aliciamento das organizações da sociedade civil, por defendermos que a sociedade "não escapa a influência humana" (FANON, 2008: p. 28).

Por isso que, para delimitar o recorte de nossas análises, enxergamos na atuação

de Fernando Holiday um caso promissor para darmos curso a essa reflexão de proposta interdisciplinar que aborda os meios de comunicação de massa e os estudos de práticas linguísticas, a análise do discurso. Construindo nossas análises, notamos o crescimento da onda neoliberal na internet, tomando conta de portais de notícias como também das redes sociais, o que inclui plataformas de compartilhamento de vídeos como o YouTube. A rede, como bem coloca Yasodara Córdova (2019), "se tornou um celeiro da nova direita radical" com uma oferta maior e mais privilegiada de produtores que abordagem temas a favor da direita, como os canais do YouTube de Holiday e do MBL (CÓRDOVA, 2019).

É por isso que consideramos a atuação de Holiday um perigo, não só para o sistema de cotas do concurso público que ele tentou derrubar, mas também pela forma como seus enunciados tocam diretamente nas subjetividades de negros e brancos, confabulando com as ideologias de quem oprime. Nos preocupa ainda mais o fato de que discursos como os de Holiday e outros intelectuais orgânicos negros ligados à burguesia podem produzir efeitos de conformidade de parte a população negra a esse perpétuo sistema de desigualdade e discriminação que, sem apelo por mecanismos legais, nunca conseguirá ser extinguido.

Munanga (2008) muito antes já nos alertava para a ausência de debates mais contundentes entre brancos e negros para que possamos pautar o que é ser branco e o que é ser negro na sociedade brasileira. O Movimento Negro, enquanto uma organização política, tenta desde os meados dos anos 1970 mobilizar as bases populares e políticas para pôr o racismo em discussão e, a partir disso, criar uma descolonização efetiva (GOMES, 2017). Ao contrário disso, percebemos como o ataque a esses movimentos, principalmente, ocorre por meio dos desdobramentos da linguagem que circulam entre todas as esferas da vida, incluindo a mídia. Assim, fragmentar, abafar, negar e censurar os discursos de quem luta à frente da causa antirracista são formas de evitar conflitos e descreditar as reivindicações da população negra.

Usar a linguagem como um dispositivo para instaurar o poder não é uma novidade. Estratégias narrativas como o neoliberalismo e a meritocracia também podem ser vistas como táticas que servem para o mesmo propósito que a falácia da democracia racial serviu um dia: colocar o racismo para debaixo do tapete para que junto com o abandono sofrido aos negros ex-escravos e seus descendentes.

No entanto, apesar das diversas camadas de opressão – existentes, cruéis e que precisam urgentemente ser combatidas –, os negros passam a reivindicar seus espaços através de discursos e representações nesses mesmos espaços: dentro das mídias digitais. Desse modo, ao analisarmos a plataforma YouTube, encontramos também influenciadores negros que atuam em favor da comunidade negra. A esses, chamamos intelectuais orgânicos negros contemporâneos. Em seus respectivos canais, esses influenciadores produzem vídeos com discursos que comunicam a beleza da pluralidade étnico-racial; suas pautas variam da valorização da beleza negra até o sistema de cotas e outras formas de defesa ao cidadão negro.

Diante disso, mesmo com a imposição da ideologia dominante sobre nossas vidas, estamos esperançosos também ao ver uma a construção de caminhos de fuga, através de negros produtores de conteúdos no meio digital, que criam para si e para a comunidade negra um espaço de existência e resistência, a partir do momento em que pautam problemas sociais, atuando na conscientização e enfrentamento, gerando e compartilhando caminhos e saberes que direcionam para a liberdade.

Chegamos aqui às nossas considerações finais com a certeza de que a vida acadêmica é também uma forma de construir uma ideologia contra hegemônica. Acreditamos que há muito por fazer ainda, que vida acadêmica é e continuará sendo um desafio que corajosamente nos desafiamos a continuar. Consideramos que este é um trabalho coletivo por diversos motivos. Entre eles, estão as diversas vozes acadêmicas que colaboraram para a construção dessa dissertação, e a expectativa de contribuir como uma voz engajada na luta antirracista junto ao movimento negro educador, por acreditar intensamente que através da comunicação e do diálogo poderemos dizer: "Livre afinal, livre afinal” (KING, 1963).

REFERÊNCIAS

AÇÕES AFIRMATIVAS MUDAM PERFIL NA UFRJ: OS NÚMEROS DO EDITAL INDICAM O INGRESSO NESTE ANO NA UFRJ DE PELO MENOS 2.450 ESTUDANTES PRETOS OU PARDOS E INDÍGENAS. **SINTUFRJ - Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 28 de novembro de 2018. Disponível em: https://bit.ly/33429VN. Acesso em 29/01/2020.

ALESSI, Gil. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. **El País**, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: https://bit.ly/3mZ5vAa. Acesso em 19/01/2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **L'argumentation dans la langue**. Liège/Bélgica: Mardaga, 1997.

ARAUJO, J. Z. **A negação do Brasil:** O negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 Ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

CALIXTO, Roberta; MARTINS, Elisamar; ROCHA, Caio Brasil. "Eles não respeita nós vivo, imagina nós finado": mensagens de (re)violência, fake news e disputas discursivas sobre assassinato de jovens negro. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana. (Orgs.). **Em discurso 2**: Pesquisando com gêneros discursivos: Problematizando mídias e ambientes digitais. 1ed. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 168-183.

CARLISLE, Rodney P. (Ed.). **Encyclopedia of politics:** the left and the right. Volume 1: the left. California: Sage Publications, 2005.

CASTRO, Edgard. **Vocabulário Foucault:** Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CÓRDOVA, Yasodara. Como o Youtube se tornou um celeiro da nova direita radical: o YouTube é um grande laboratório para as máquinas. E nós somos as suas cobaias. **The Intercept Brasil**, São Paulo, 10 de janeiro de 2019. Disponível em: https://bit.ly/3FYnDlf. Acesso em 13/01/2019.

COUTINHO, Carlos Nelson. **De Rousseau a Gramsci:** ensaios de teoria política. São Paulo: Boitempo, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci:** um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: 34 Letras, 1992.

DUCROT, Oswald. **Provar e dizer:** linguagem e lógica. São Paulo: Global, 1981.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Editora Edufba, 2008.

FERREIRA, André; CORRÊA, Raquel de Souza; GALANTINI, Thamires Domingos Paredes; ABDALLA, Márcio Moutinho**.** Ações afirmativas: análise comparativa de desempenho entre cotistas e não cotistas em uma universidade pública. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 1297-1314, 2020.

FILGUEIRAS, Luiz. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: BASUALDO, Eduardo M.; ARCEO, Enrique. **Neoliberalismo y sectores dominantes:** Tendencias globales y experiencias nacionales. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. p. 179-206.

FORLINI, Luana. "Take your pills" aborda o crescente uso de remédios. Fundação Perseu Abramo, 9 de abril de 2018. Disponível em: https://bit.ly/3pWctYM. Acesso em: 06/04/2021.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da Biopolítica:** curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES – 24 ANOS PROMOVENDO A CULTURA NEGRA. **Fundação Cultural Palmares**, Brasília, 21 de agosto de 2012. Disponível em: https://bit.ly/3G2QogM. Acesso em: 22/11/2020.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENDES; Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Ed Cortêz, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador:** Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a. v. 3.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere:** o Risorgimento e notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. v. 5.

GRAMSCI, Antonio. **Intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 58, p. 26-44, 1995. Disponível em: https://bit.ly/3f9OZtb. Acesso em 13/06/2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, Éric. **Gilles Deleuze:** uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LA VEGA, Gabriela de; BEATRIZ, Maria; CERQUEIRA, Jean Fábio Borba. A Comunicação Ambiental no Cinema de Animação: um panorama acerca da plataforma Youtube. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16., 2012, Recife. *Anais*... Recife: Intercom, 2012. p. 1-15.

LOPES, Ariel. Lula é o presidente que mais fez inclusão social no Brasil, diz propaganda do PT. **Humanista: jornalismo e Direitos Humanos**, Porto Alegre, 27 de setembro de 2018. Disponível em: https://bit.ly/3HCwA4m. Acesso em: 03/04/2020.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 124, p. 652-664, 2015.

LYONS, John. Semantics. **Cambridge University Press**, Cambridge, v. 8, n. 2, p. 270-278, 1977. doi:10.1017/S0047404500007466

MACCIOCHI, Maria Antonietta. **A favor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MACIEL, David. O governo Collor e o neoliberalismo no Brasil (1990-1992). **Revista UFG**, Goiânia, v. 13, n. 11, p. 98-108, 2011. Disponível em: https://bit.ly/3eRgRCb. Acesso em: 03/03/2020.

MAIA DISSE QUE GOVERNO BOLSONARO NÃO TEM PROJETOS SOCIAIS. É ISSO MESMO? **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 de julho de 2019. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/republica/projetos-sociais-bolsonaro-quais-sao/. Acesso em 22/05/2020.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 265-286, 2018. Disponível em: https://bit.ly/3GazpZO. Acesso em: 05/02/2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation. **Travaux Neuchâtelois de linguistique**, Neuchâtel/Suíça, v. 44, 2006.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. "Fake news acima de tudo, fake news acima de todos": Bolsonaro e o "kit gay", "ideologia de gênero" e fim da "família tradicional". **Revista Eletrônica Correlatio**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 65-90, 2018. Disponível em: https://bit.ly/3Hux5xg. Acesso em 29/05/2021.

MARTINS, Elisamar Pereira; VILLELA, Gabriel Merlim Moraes; GIORGI, Maria Cristina; ALMEIDA, Fabio Sampaio de. Priorizar uma área não é matar outra?: uma análise discursiva de necropolíticas no campo da educação e pesquisa. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 1273-1296, 2020.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Correspondência**. México: Ediciones de Cultura Popular, 1977.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDES JUNIOR, Alvaro Alberto Ferreira. Uma análise da progressão dos alunos cotistas sob a primeira ação afirmativa brasileira no ensino superior: o caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 31-56, 2014. Disponível em: https://bit.ly/3qO4ufv. Acesso em: 08/03/2020.

MINTO, Lalo Watanabe. Educação e lutas sociais no Brasil pós-ditadura: da democratização à ausência de alternativas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas/SP, v. 13, n. 54, p. 242-262, 2013. Disponível em: https://bit.ly/3sY5yQP. Acesso em: 03/02/2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PASSETTI, Edson. Governamentalidade e violências. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, p. 42-53, 2011.

PIMENTEL, Pablo Silva. **"Não vai mesmo ter golpe":** um estudo sobre os editoriais de O Globo nos impeachments de Fernando Collor (1992) e Dilma Rousseff (2016). 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PLANO DIVIDE PRESIDENCIÁVEIS. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 de março de 1994. Disponível em: https://bit.ly/3qUeSCm. Acesso em: 04/04/2021.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005a. p. 107-30.

Ristoff, Dilvo I. A tríplice crise da universidade brasileira. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 4, n. 3, 1999.

ROCHA, Décio. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. **Gragoatá (UFF)**, Niterói/RJ, v. 21, p. 355-372, 2006. Disponível em: https://bit.ly/3sUMJOq. Acesso em: 10/03/2020.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão/SC, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014. Disponível em: https://bit.ly/3F4DMEM. Acesso em: 11/09/2020.

RODRIGUEZ, Maria Dolores Sosin; FONSECA, Silvana Carvalho da; SILVA, Jorge Augusto de Jesus. Intelectual negro: agente de letramento. **Revista da ABPN**, Guarulhos/SP, v. 10, n. Especial 2, p. 340-362, 2018. Disponível em: https://bit.ly/34tFJhr. Acesso em 25/07/2021.

ROSTOS Familiares, lugares inesperados: uma diáspora africana global. Direção de Sheila Walker. Washington/EUA: Afrodiaspora Inc, 2019. Disponível em: https://youtu.be/g1BceeLjIRo. Acesso em: 03/05/2021.

SADER, Emir. Luta de classes e perspectivas sociais, políticas e econômicas para a sociedade brasileira. **Trabalho Necessário**, Niterói/RJ, v. 17, nº 32, p. 16-32, 2019.

SAES, Décio. A questão da evolução da cidadania política no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 379-410, 2001. Disponível em: https://bit.ly/3zuuG2P. Acesso em: 23/06/2021.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALLUM JÚNIOR, Brasilio João. **O Impeachment de Fernando Collor:** sociologia de uma crise. São Paulo: Editora 34, 2015.

SALLUM JÚNIOR, Brasílio João; CASARÕES, Guilherme Stolle Paixao e. O impeachment do presidente Collor: a literatura e o processo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 82, p. 163-200, 2011. Disponível em: https://bit.ly/3pUA7F8. Acesso em: 04/06/2020.

SANTOS, Milton. BRASIL 500 D.C.: A tirania do dinheiro e da informação está na base do atual desarranjo do capitalismo global. A normalidade da crise. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 26 set. 1999. Disponível em: https://bit.ly/34qCpUb. Acesso em: 20/01/2021.

SANTOS, Roberta da Silva Calixto dos. **“Sou daltônico, não vejo cores”**: novas [velhas] estratégias de manutenção do racismo no Brasil neoliberal. 2020. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2020.

SCHULTZ, Theodore William. **O capital humano:** investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André, “Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma”. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 82, p. 11-16, 2011a. Disponível em: https://bit.ly/3HCvO7s. Acesso em 06/12/2020.

SCHWARCZ. Lilia Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v.18, n. 1, 2011b, p.225-242.

SILVA, Wainer Antonio; MORAES, Renato Almeida de. Direita e esquerda no pensamento de Norberto Bobbio. **Agenda Política**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 168-192, 2019. Disponível em: https://bit.ly/3FXC7C3. Acesso em: 11/09/2021.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum:** notas para o método comunicacional. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. 3° ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
TEIXEIRA, Rodrigo Alves; PINTO, Eduardo Costa. A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma: dominância financeira, bloco no poder e desenvolvimento econômico. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 909-941, dez. 2012. Disponível em: https://bit.ly/3qQjOs5. Acesso em 09/09/2021.

VEREADOR HOLIDAY SOFRE DERROTA NA CÂMARA DE SP AO TENTAR DAR FIM À LEI DE COTAS. **Centra Única dos Trabalhadores de São Paulo - CUT/SP**, 10 de setembro de 2020. Disponível em: https://sp.cut.org.br/noticias/vereador-holiday-sofre-derrota-na-camara-de-sp-ao-tentar-dar-fim-a-lei-de-cotas-bd9c. Acesso em 11/11/2020.

VERÓN, Eliseo. El análisis del “contrato de lectura”: un nuevo método para los estudios del posicionamiento de los soportes de los media. In: VERÓN, Eliseo. **Les medias:** experiences, recherches actuelles, aplications. Paris: IREP, 1985.

ANEXOS

Anexo A – Transcrição do vídeo de Fernando Holiday - “A MILITÂNCIA DE LUMENA É RACISTA”.

Mais uma vez temos uma polêmica envolvendo o nome da Lumena no BBB. Só que dessa vez o negócio é mais grave, porque ela soltou uma frase racista no meio do programa e é claro que a esquerda óh, tá fechando os olhos pra isso. É sobre esta polêmica que nós vamos falar no vídeo de hoje.

A Lumena disse que a Carla está toda, entre aspas, cagada na merda da branquitude e depois ela repetiu que ela está cagada na branquitude. Se você acha que eu tô exagerando olha só esse vídeo aí.

INSERT DO VÍDEO DA LUMENA NO BBB

- Lumena diz: “Carla tem o ego trip cagada de transbordando ali, toda cagada na merda da branquitude, toda da cagada na merda da branquitude. Ah vai fazer teu corre, não enche meu saco. Oxe! Vai se revisitar minha filha!”

E é claro que essa manifestação da Lumena foi uma manifestação absolutamente racista, pelo amor de Deus. O negócio é que quando você diz que alguém está reproduzindo algo por conta da cor da sua pele, ela está reproduzindo um comportamento por conta da sua cor, você está manifestando um preconceito quanto a cor daquela pessoa, portanto, você está sendo racista.

Quando a Lumena solta essa frase o que ela tá querendo dizer é o seguinte: a Carla por ser branca tem essencialmente dentro de si, isso é, é inerente a pessoa dela, alguns comportamentos comuns a pessoas brancas e esses comportamentos comuns a pessoas brancas são comportamentos repugnantes, comportamentos nojentos, mas a Carla não os teria, se branca não fosse. Agora quer ver o tamanho do absurdo dessa coisa que ela falou?

Vamos inverter os personagens, tá? Agora vamos imaginar uma lumena branca, ok? E aí ela tá criticando uma Carla negra e aí ela diz: a Carla está toda cagada na negritude, toda cagada na merda da negritude. O que ela está dizendo? Que pela fulana ser negra, ela tem alguns comportamentos que são repugnantes, e esses comportamentos repugnantes são inerentes a cor dela e se ela quer ser uma pessoa mais agradável ela tem

que se livrar desses comportamentos, ligados a cor da pele que são inerentes a personalidade dela.

Ora, qualquer pessoa no universo, vai dizer que este tipo de xingamento dirigido a uma pessoa negra, trata-se, ora veja, de racismo. E esse tipo de pensamento não é nenhuma novidade ele é muito relacionado inclusive ao darwinismo social que ganhou muita força no início do século XX aqui no Brasil. A ideia daqueles que na época não engoliam a abolição da escravidão, engoliram a seco a abolição, era o seguinte: apesar dos negros estarem livres, eles jamais serão iguais a nós que somos brancos. Por que? Porque existe algo inerente na cor negra, existe algo inerente na negritude, que os torna inferiores, e por conta desta essência do negro, ele jamais vai conseguir alçar diversos patamares. Como que a gente se livra desse negócio da negritude, pensavam eles no início do século XX. Ora, vamos embranquecendo a população.

Agora, olha agora para o raciocínio do movimento negro atual, certo? Que é de certa forma personificado pela Lumena. Ela está dizendo o seguinte, que existe um conjunto de coisas ligadas à branquitude. No fundo o que ela está querendo dizer é o seguinte: os negros, foram ao longo de séculos, ao longo de anos ali, torturados, espoliados, excluídos, pelos brancos e esses brancos nos devem algo por ocnta desses anso de sofrimento. Só que existe algo de essencial no branco que o fez ser assim durante tanto tempo contra o negro, e agora está na hora de nós cobrarmos essa dívida, e essa dívida pode ser cobrada das mais diferentes formas possíveis, o mais famoso deles é exigindo cotas raciais das universidades, concursos públicos, mas isso também pode significar do uso de violência contra brancos, uso de violencia verbal, uso de violência física, para compensar, de certa forma, aquilo que os negros escravos sofreram no passado. É esse o raciocínio que está embutido no xingamento que ela faz, ali a Carla no BBB.

E as semelhanças elas não param por aí, porque se no início do século XX, a tendência era, a teoria racial era de que a população precisava se embranquecer, hoje o movimento negro diz que a população, ela precisa se enegrecer. Inclusive um dos casos mais recentes foi envolvendo o Gilberto Gil né, que ele postou ali uma foto com a família dele, e tinha várias pessoas brancas na foto. E aí um negro, que se envolve com uma branca, ou vice e versa, é chamado de “palmiteiro”, “tá fazendo palmitagem” e etc, porque você de alguma maneira, está contribuindo para enbranquecer a população, quando na verdade você deveria está com uma negra. Quando você deveria, mulher negra, deveria estar com

um negro, para fazer com que a cor do brasileiro fique cada vez mais escura, e não cada vez mais clara.

E eu aposto com vocês o quanto vocês quiserem que a Lumena defende exatamente isso: que a mulher negra está cada vez mais solitária, que ela está sendo abandonada pelos homens negros, e que nós precisamos enegrecer mais a população brasileira. Porque o pacote do militante negro, ele vem embutido com essas ideias e com esses pensamentos, que são também racista, e que são também retrogados. Só que a diferença é a seguinte, a esquerda entende, que esses militantes assim podem ser: racistas, preconceituosos, discriminatórios, porque eles estão lutando em torno de algo maior, em torno de uma dívida maior que precisa ser paga, e, portanto, os brancos, e a sociedade como um geral, tem que aturar esse tipo de comportamento em nome do pagamento dessa dívida histórica. Só que a definição de racismo em si mesma, ela não muda, a definição de racismo ela quer dizer que, você trata alguém diferente, você entende que alguém é diferente em seu caráter, em sua essência, em sua personalidade, por conta da cor da sua pele. E você a repugna, você a trata de uma maneira diversa dos outros por conta da quantidade de melanina que ela carrega ali. Ou isso ainda pode se estender a, enfim, culturas, etnias, enfim, mas o conceito é esse. Por conta do lugar, ou por conta do como como aquela pessoa nasceu, ela é tratada de forma diferente, se os racistas que fazem isso com os negros, geralmente são pessoas brancas que odeiam negros, que não quer ver negro por perto, que acha que sempre vai ser roubado quando um negro passa perto da calçada, isso também acontece em relação a militantes negros, que todas vez que vê pessoa branca de classe média, ou de classe média alta, enxerga nela um potencial torturador, um explorador, alguém que odeia negros, alguém que precisa ser repgnado pela sociedade e alguem que só pelo fato de nascer já é culpado.

Não há diferença fundamental entre o racista branco em relação ao negro, e o racista negro em relação ao branco. A única coisa que muda em relação ao branco que que é racista com o negro e o negro que é racista com o branco é a cor do sujeito. Porque essencialmente o preconceito, ele é o mesmo, ele está odiando o outro por conta da cor que ele carrega na pele. E definitivamente não é isso que pessoas por exemplo como Martin Luther King conseguiu avanços absolutamentes significativos na história dos direitos civis e nos direitos de igualdade dos negros nos Estados Unidos, não era absolutamente nada disso que estava se procurando quando essa luta comecou, pelo contrário, no

discurso I Have a dream do Martin Luther King, ele disse que sonhava com o dia em que crianças brancas filhas de donos de de escravos e crianças negras filhas de ex-escravos sentariam-se juntos a mesa da fraternidade. E eu vivo repetindo essa frase, porque ela evidencia muito bem, que Martin Luther King, talvez o sujeito que mais conseguiu avanços na história dos Estados Unidos, talvez não, com certeza, o sujeito que mais conseguiu avanços na história dos Estados Unidos no tratamento igualitário para pessoas negras, nunca em nenhum discurso manifestou ódio contra pessoas brancas por elas serem brancas. Mas é muito bom que as coisas estejam sendo exposta no BBB, eu já disse isso em um outro vídeo anterior, e digo agora novamente, esse tipo de coisa é bom, porque eu falo isso exaustivamente a anos, diversas outras pessoas falam pela internet, canal de YouTube, facebook, twitter e etc. Ah mas não, são os capitão de mato! Lambe bota de branco, não entenderam nada, vai estudar, história, não sei o que, e aí fica parecendo que a gente tá fazendo teoria da conspiração, tá maluco e etc. Mas, quando a Lumena solta uma frase dessa, ela expõe aquilo que verdadeiramente é essa militância de esquerda que é baseada no ódio. E pessoal, só pra encerrar esse vídeo, não existe racismo reverso, não importa qual é a cor de quem tá discriminando, e não importa a cor do discriminado, quando você discrimina, ou manifesta preconceito contra alguém por conta da cor da pele, é racismo, só racismo.

Anexo B – Transcrição do vídeo de Fernando Holiday - “POR QUE SOU CONTRA AS COTAS RACIAIS?”.

Começo a minha fala nessa noite deixando algo muito claro a todos vocês presentes, e a todos vocês que nos acompanham pela internet ou presencialmente. Primeiro é óbvio que eu acredito na existência do racismo, é óbvio que o racismo precisa ser combatido em todas as suas formas. Ele é intenso e presente em nossas vidas cotidianas. Contudo, no processo legítimo de conquistar o nosso direito não devemos ser culpados de ações de injustiça, não vamos satisfazer a nossa sede de liberdade bebendo da xícara da amargura e do ódio. Nós sempre temos que conduzir a nossa luta no alto nível de dignidade e disciplina, nós não devemos permitir que o nosso criativo protesto se degenere em violência física. Novamente e novamente nós temos que subir às majestosas alturas da reunião da força física com a força da alma, nossa nova e maravilhosa combatividade

mostrou à comunidade negra que não devemos ter uma desconfiança para com todas e quaisquer pessoas brancas. Para muitos de nossos irmãos brancos, que comprovam a sua presença aqui hoje estão aqui porque vieram entender que o destino deles é amarrado ao nosso destino. Eles vieram perceber que a liberdade deles é ligada indissoluvelmente a nossa liberdade. É mas não podemos caminhar só, por isso que disse Martin Luther King em 1963 em Washington em seu discurso “I have a dream”. Mas é impressionante como o movimento negro desde então tem se distanciado constantemente dos ideias de Martin Luther King, é impressionante que os ideia de igualdade de transformaram cada vez mais numa defesa da desigualdade, do ódio, da amargura, da divisão e da segregação.

Os Estados Unidos muito antes de nós, escolheram o caminho das ações afirmativas, das políticas destinadas especialmente a população negra com o objetivo de resolver os conflitos raciais, com o objetivo de incluir a população negra, com o objetivo de diminuir o ódio e o preconceito, mas será que é isso que aconteceu? Será que foram esses os resultados das cotas raciais dos Estados Unidos que há muito mais tempo experimentam esse modelo do que nós, não é o que dirá Thomas Sowell, negro norte-americano e economista, e não é o que dirá a realidade atual dos Estados Unidos como nos vamos ver agora com alguns eventos recentes ocorridos na América, por favor.

VÍDEO REMOVIDO POR CONTA DE POLÍTICAS DAS REDES SOCIAIS.

Essa é a realidade atual dos Estados Unidos, um movimento negro absolutamente violento, pregando cada vez mais a segregação, agredindo pessoas nas ruas e dentro dos estabelecimentos somente por serem brancos, ou somente por não aderirem ao movimento black lives matter. O mesmo aconteceu na Índia na década de 60, o mesmo aconteceu na Malásia na década de 70, o mesmo aconteceu na Nigéria desde a década de 80 e o mesmo aconteceu no Sri Lanka desembocando em uma guerra civil em 1983, mas vamos falar de Brasil.

No Brasil o argumento principal para a defesa das cotas raciais é a ideia de uma compensação histórica pelo séculos de escravidão e por ter sido o último país das Américas a abolir a escravidão, é verdade. Tempos difíceis até chegarmos em 13 de maio de 1888 contudo, alguns elementos precisam ser levados em consideração ao se defender o sistema de cotas, Florestan Fernandes escreveu um livro chamado “A inclusão do negro na sociedade de classes” e lá ele dirá claramente que os ex-escravos perderam diversas oportunidades de emprego porque não estavam preparados, ao contrário dos imigrantes

que to eram a sua vinda incentivada no Império e na República e ocuparam grande parte das vagas de emprego. Ou seja, o grande erro do estado brasileiro foi não ter dado educação aos ex-escravos. Se tivessem sido preparados, diria Florestan Fernandes, que é inclusive reconhecido por ser um sociólogo de esquerda, fundador do PT, muito provavelmente a história dos negros no Brasil teria sido muito diferente.

Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre vão falar então da miscigenação, de como brancos e negros foram se casando tendo seus filhos ao longo de décadas no Brasil, e portanto, diluindo a separação de raças entre os povos, Darcy Ribeiro dirá que desse cruzamento surgirá um povo conhecido pela ninguémdade, porque não era europeus mas também não eram africanos nem indígenas eram um povo brasileiro. Esse povo brasileiro que nasce desse cruzamento entre ex-escravos e imigrantes vai sofrer igualmente na pobreza com a péssima educação pública, com a falta de qualidade na educação, com a falta de atendimento e saneamento básico nas favelas, e certamente as cotas raciais dividindo negros e brancos na miséria não colaboraram em absolutamente nada. É óbvio que existe uma inclusão, a mais negros na universidades, mas qual é a qualidade dessa inclusão. Se o problema do ensino básico estivesse sendo resolvido independentemente da cor da pele, será que não teríamos uma inclusão de maior qualidade? Será que os negros presentes nas universidades ou formados hoje não teriam maior respeito? Por que a grande questão é que essas pessoas estão entrando nas universidades, principalmente por conta da cor da sua pele, e não pelo seu mérito, e poderiam sim alcançar o sucesso pelo seu mérito, se tivessem educação de qualidade. Repito, independentemente da sua cor. Mas ao invés disso resolvemos selecionar parte das vagas a eles, no caso nos concursos públicos aqui em São Paulo, e mais do que isso, aprovados, essas pessoas tem que se submeter a um tribunal, uma comissão que analisando a textura do seu cabelo, a grossura dos seus lábios e a cor dos seus olhos, vai dizer se aquela pessoa é negra ou não, se ela tem ou não tem o direito de ganhar um emprego. Quantas voltas esse mundo deu? Algumas décadas atrás lutávamos para que não fôssemos julgamos pela cor da nossa pele, e hoje, após uma vida inteira de racismo e sofrimento, quando nos candidatamos a uma vaga por vontade própria nos submetemos a um juiz que vai dizer se merecemos ou não um emprego por conta da cor da nossa pele, isso não é avanço. Apesar da decisão do STF que considerou esse absurdo absolutamente inconstitucional, é válido lembrar que a constitucionalidade não é idêntica a obrigatoriedade e é por isso que em São Paulo eu apresento este projeto que

propõe a revogação de todo e qualquer tipo de cota racial nos concursos públicos municipais para que a justiça seja feita, e para que uma inclusão de qualidade possa ser realmente discutida entre nós aqui do município.

E finalizo então, mais uma vez com ele, Martin Luther King com o seguinte trecho: “Eu tenho um sonho, que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença, nos celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais. Eu tenho um sonho que um dia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes de donos de escravos poderão se sentar juntos à mesa da fraternidade. E quando isto acontecer, quando nós permitimos o sino da liberdade soar, quando nós deixarmos ele soar em toda moradia e todo vilarejo, em todo estado e em toda cidade, nós poderemos acelerar aquele dia quando todas as crianças de Deus, homens pretos e homens brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão unir mãos e cantar nas palavras do velho spiritual negro: "Livre afinal, livre afinal. Agradeço ao Deus todo-poderoso, nós somos livres afinal."

ANEXO C: TABELA PRODUTORES DE CONTEÚDOS NEGROS

Samuel Gomes “(...)Negro, de origem periférica, gay assumido e militante das causas negra e LGBT, Samuel tem palestrado sobre diversidade sexual e raça por todo o país. Em 2020, lançou o livro ‘Guardei no Armário’ pelo selo Paralela do grupo Companhia das Letras e sua série de entrevistas ganhou espaço no canal oficial da editora, entrando para história do canal” . Fonte: https://www.YouTube.com/c/GuardeiNoArmarioOficial/about	 **REDES:** Instagram: @samuelgomes Canal no Youtube: Guardei no Armário

Gabi Oliveira “é comunicadora social e criadora de conteúdo para internet, atualmente reúne um público de seguidores virtuais em suas redes de aproximadamente 1 milhão de pessoas, sendo um dos canais participantes do programa Creators For Change, da Google”. Fonte: https://www.YouTube.com/c/GabiDePretas/about	 **REDES:** Instagram: @gabidepretas Canal no Youtube: Gabi Oliveira
Bianca DellaFancy “Modelo, DJ e drag queen cujas fotos de beleza, moda e carreira conquistaram 310.000 seguidores no Instagram”. “Ela se define como uma "bicha abusada", que começou a se montar a cerca de seis anos e que lutou para se estabelecer em uma cena machista e heteronormativa”. Fonte: https://pt.famousbirthdays.com/people/bianca-della-fancy.html https://www.uol.com.br/carnaval/2020/noticias/redacao/2020/02/10/quem-e-a-drag-bianca-dellafancy-a-primeira-dj-bicha-abusada-do-carnauol.htm	 **REDES:** Instagram: @biancadellafancy Canal no Youtube: Bianca DellaFancy
Nathália Rodrigues “Conhecida como Nath Finanças. Com perguntas de finanças pessoais, ela começou a se interessar por educação financeira. Natural de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, a criadora de conteúdo trabalhava em uma loja de calçados, onde uma das tarefas era oferecer o cartão de crédito do estabelecimento aos clientes. Ela começou a encorajar a família a anotar os próprios gastos, para que assim diminuíssem o número de cartões, principalmente por seu pai não ter costume de se organizar financeiramente. Quando conta a sua história, ela garante que falar com os frequentadores da loja em que trabalhava deu uma ideia para começar o próprio negócio”. Fonte: https://criadoresid.com/criador/nath-financas/	 **REDES:** Instagram: @nathfinancas Canal no Youtube: Nath Finanças

Jacy Carvalho “Afrohairstylist há mais de 10 anos, encontrei nas redes sociais uma forma de compartilhar o conhecimento que adquiri, seja através do autocuidado com os cabelos e pele, autoestima, ou beleza”. Seu canal é focado na valorização da autoestima e o empoderamento de pessoas negras”. Fonte: https://www.YouTube.com/c/JacyCarvalho/about	 **REDES:** Instagram: @jaycarvalho Canal no Youtube: Jacy Carvalho
Pretinhas Leitoras (Helena e Eduarda) “Aos 11 anos, as irmãs gêmeas Helena e Eduarda Ferreira criaram um projeto incrível de incentivo à leitura e contra a violência nas favelas. Através de um canal no Youtube e encontros presenciais para debater livros, a iniciativa Pretinhas Leitoras compartilha o amor das jovens pela leitura e ensina a importância de investir em educação”. Fonte: https://www.hypeness.com.br/2020/02/pretinhas-leitoras-irmas-criam-projeto-de-incentivo-a-leitura-em-areas-violentas/	 **REDES:** Instagram: @pretinhasleitoras Canal no Youtube: Pretinhas Leitoras